



Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
Curso de Letras - Tradução Francês

SOPHIE CELINE SYLVIE GUERIN MATEUS

**TRANSCRIAR A LINGUAGEM ROSIANA PARA O FRANCÊS NO CONTO
*A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA***

ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA HELENA ROSSI

Brasília – DF
2º/2016

SOPHIE CELINE SYLVIE GUERIN MATEUS

12/0042029

TRANSCRIAR A LINGUAGEM ROSIANA PARA O FRANCÊS NO CONTO
A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução como pré-requisito obrigatório para a aprovação na disciplina Projeto Final Curso de Tradução sob a orientação da profa. Dra. Ana Helena Rossi.

Brasília – DF
2º/2016

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Helena Rossi. (orientadora)

Prof. Jean-Claude Lucien Miroir

Prof. Mara Lúcia Mourão Silva França

Brasília, DF 1 de dezembro de 2016

AGRADECIMENTOS

A Universidade de Brasília pela oportunidade de fazer o curso de tradução.

A minha orientadora, Prof^ª. Dra. Ana Helena Rossi, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

A minha família, pelo incentivo e pelo apoio incondicional.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

“A hora e a vez de Augusto Matraga” é um conto escrito por João Guimarães Rosa e publicado em *Sagarana* em 1946. O objetivo desse trabalho é, a partir de nossa tradução para o francês, discutir o processo tradutório e a necessidade de uma transcrição frente a um texto criativo. João Guimarães Rosa vê a linguagem como um meio de transformar o mundo e defende a necessidade de renová-la para que conserve sua força. Ele faz, portanto, um uso singular da língua portuguesa, fora das normas da língua padrão. “A hora e a vez de Augusto Matraga” comporta assim inúmeras inovações de linguagem, tanto no nível lexical que gramático-sintático, que devem ser transpostas para outra língua. As teorias apresentadas por Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor” e por Haroldo de Campos em *Transcrição* permitem encontrar um caminho para chegar uma tradução satisfatória. Assim, o trabalho do tradutor consiste em analisar os processos de escrita a fim de poder recriá-los em francês.

Palavras-chave: *João Guimarães Rosa; Haroldo de Campos; Walter Benjamin; Tradução; Francês*

RÉSUMÉ

“A hora e a vez de Augusto Matraga” est un conte écrit par João Guimarães Rosa et publié dans *Sagarana* en 1946. L’objectif de ce travail est de, à partir de notre traduction vers le français, discuter le processus de traduction et la nécessité d’une transcription face à un texte créatif. João Guimarães Rosa voit le langage comme un moyen de transformer le monde et défend la nécessité de le renouveler pour qu’il conserve sa force. Il fait donc un usage singulier de la langue portugaise, en dehors des normes du langage écrit. “A hora e a vez de Augusto Matraga” comporte ainsi de nombreuses innovations de langage, tant au niveau lexical que grammatico-syntaxique, qui doivent être transposées vers une autre langue. Les théories présentées par Walter Benjamin dans “La tâche du traducteur” et par Haroldo de Campos dans *Transcrição* permettent de trouver un chemin pour arriver à une traduction satisfaisante. Ainsi, le travail du traducteur consiste à analyser les processus d’écriture de l’auteur afin de pouvoir les recréer en français.

Mots-clefs : *Guimarães Rosa; Haroldo de Campos; Walter Benjamin; Traduction; Français*

LISTA DE QUADROS

Quadro I – Topônimos	p.38
Quadro II – Neologismos	p.38
Quadro III – Inversões	p.39
Quadro IV – Estruturas inesperadas	p.40
Quadro V – Estruturas parentéticas	p.41
Quadro VI – Estruturas típicas do português	p.41
Quadro VII – Paralelismos e justaposições ecóicas	p.42
Quadro VIII – Figuras de analogia	p.43
Quadro IX – Cantigas	p.43
Quadro X – Provérbios, ditados e máximos	p.44

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1 JOÃO GUIMARÃES ROSA, CRIADOR DE UMA LINGUAGEM.....	13
1.1 O ponto de vista metafísico de Rosa sobre a linguagem	13
1.2 As características da linguagem rosiana	14
1.2.1 As inovações lexicais de João Guimarães Rosa	15
1.2.2 As inovações gramaticais e sintáticas de João Guimarães Rosa	17
1.2.3 Os recursos poéticos de João Guimarães Rosa	21
1.3 A linguagem popular e poética em “A hora e a vez de Augusto Matraga”	23
1.3.1 Os aspectos lexicais	23
1.3.2 Os aspectos gramaticais e sintáticos	25
1.3.3 Os recursos poéticos e retóricos	27
2 A TRANSCRIÇÃO, UM PROJETO DE TRADUÇÃO	29
2.1 A traduzibilidade de acordo com Benjamin.....	29
2.2 A necessidade de uma transcrição	30
2.3 A dificuldade de traduzir a linguagem rosiana em “A hora e a vez de Augusto Matraga”	33
3 TRANSCRIAR ROSA	36
3.1 Os aspectos lexicais	36
3.2 Os aspectos gramaticais e sintáticos	38
3.3 Os recursos poéticos e retóricos	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
ANEXOS	47

INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa nasceu em Codisburgo, em Minas Gerais, a 27 de junho de 1908.¹ Antes dos nove anos, foi morar em Belo Horizonte, onde estudará medicina. Após clinicar por algum tempo em Itaguara, foi em 1933 para Barbacena na qualidade de Oficial Médico do 9º Batalhão de Infantaria. Um ano depois, ele ingressou na carreira diplomática. Falando fluentemente espanhol, francês, inglês, alemão e italiano e lendo várias outras, Guimarães Rosa chegou a ser cônsul-adjunto em Hamburgo, chefe da Divisão do Orçamento do Ministério e ministro de primeira classe do governo de Juscelino Kubitschek.

Seus primeiros contos publicados foram escritos para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*, e todos foram premiados. Em 1936, a coletânea de poemas *Magma* recebe o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Será publicada postumamente em 2000. Em 1937, sob o pseudônimo de "Viator", concorre ao prêmio Humberto de Campos, com o volume intitulado *Contos*. Este será publicado em 1946, após uma revisão do autor, sob o nome de *Sagarana*. Recebeu vários prêmios e o reconhecimento como um dos mais importantes livros surgidos no Brasil contemporâneo.

Além destes teve seis obras publicadas: *Corpo de Baile*, composto por sete novelas e dividido em três volumes em 1956: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá*, *no Pinhém* e *Noites do sertão*; *Grande Sertão: Veredas*, publicado também em 1956, seu único romance; *Primeiras Estórias* (1962), reunindo vinte e um contos curtos; *Tutaméia* (1967) e as póstumas: *Estas Estórias* (1969) e *Ave Palavra* (1970). Além do prêmio da Academia Brasileira de Letras conferido a *Magma*, Guimarães Rosa recebeu o Prêmio Filipe d'Oliveira pelo livro *Sagarana* (1946); *Grande sertão: Veredas* recebeu o Prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro, o Prêmio Carmen Dolores Barbosa (1956) e o Prêmio Paula Brito (1957); *Primeiras estórias* recebeu o Prêmio do PEN Clube do Brasil (1963).

Em 1965, participou do Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, onde foi criada a Primeira Sociedade de Escritores Latino-Americanos, da qual era vice-presidente, junto ao guatemalteco indigenista Miguel Ángel Asturias, escritor do qual se aproximava por valorizar a cultura popular. Em 1967, João Guimarães Rosa seria indicado para o prêmio Nobel de Literatura. A indicação, iniciativa dos seus editores alemães,

¹ http://www.releituras.com/guimarosa_bio.asp, consultado em 13/11/2016

franceses e italianos, não se concretizou devido a morte do escritor, aos 59 anos. Três dias antes de sua morte o autor decidiu, depois de quatro anos de adiamento, assumir a cadeira na Academia Brasileira de Letras. Os quatro anos de adiamento eram reflexos do medo que sentia da emoção que o momento lhe causaria.

A superstição e o misticismo acompanharam o escritor por toda a vida, ele respeitava curandeiros e feiticeiros e demonstrava interesse por várias religiões. Em 1952, o autor viajou por nove dias através do sertão, carregando um caderno no qual anotava nomes de bichos e plantas, raças e cores de gado e canções populares. Esses elementos influenciaram sua forma de escrever. Assim, os contos de *Sagarana*, onde se encontra o conto estudado “A hora e a vez de Augusto Matraga” (ROSA, 2009: 237-270), apresentam a paisagem mineira em toda a sua beleza selvagem, a vida das fazendas, dos vaqueiros e criadores de gado, mundo que Rosa habitara em sua infância e adolescência. Neste livro, o autor já transpõe a linguagem rica e pitoresca do povo, registra regionalismos, muitos deles jamais escritos na literatura brasileira. O conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” enfatiza assim duas constantes da vida do sertão: a violência e o misticismo, na eterna luta do bem e do mal.

A personagem principal dessa história é chamada de Augusto Estêves, Nhô Augusto ou Augusto Matraga, conforme o momento da narrativa. A princípio, é um rico fazendeiro que não se importa com sua mulher, Dionora, nem com sua filha Mimita. Também não cuida de seus negócios. Amedronta a população, mata se for preciso e rouba mulheres de outros. Enquanto está em descrédito econômico e político, sua mulher, Dionóra, foge com Ovídio Moura levando a filha, e seus capangas, mal pagos, põem-se a serviço do seu pior inimigo, o Major Consilva. Nhô Augusto resolve acertar as contas com o Major Consilva antes de matar Dionóra e Ovídio, mas então é atacado por seus inimigos, que o espancam e o marcam com ferro de gado em brasa. Quase inconsciente, no momento em que vai ser assassinado, reúne as últimas forças e se atira no despenhadeiro do rancho do Barranco. Tomam-no por morto, mas é encontrado por um casal de negros velhos: a mãe Quitéria e o pai Serapião, que cuidam dele, junto com um padre que trouxeram às escondidas. Revigorado e arrependido de sua vida anterior, viaja com o casal que o salvou e eles se instalam no povoado do Tombador, onde começa sua penitência. Faz trabalhos e serviços para todo o mundo, decidido a ir para o céu. É quando ele encontra Joãozinho Bem-Bem e seu bando. O jagunço o convida para unir-se ao grupo, mas Augusto recusa, apesar de sonhar com uma aventura. Resolve procurar seu destino e chega no arraial do Rala-Coco, onde está Joãozinho Bem-Bem. Há certa agitação no local:

um dos capangas do bando foi morto e o jagunço está determinado em matar a família inteira do matador, apesar das suplicações do pai da família para que poupassem seus filhos. Matraga intervém na discussão, pedindo ao Joãozinho Bem-Bem para não cometer esse crime. Os dois acabam lutando em um duelo, durante o qual os dois morrem. Antes de morrer, um parente reconhece Matraga, que recupera a sua identidade.

Para esse trabalho, traduzimos as dez primeiras páginas, isto é, até Nhô Augusto ser acolhido pelo casal de negros, a mãe Quitéria e o pai Serapião. Objetiva-se definir uma metodologia de tradução que permita resolver as dificuldades de traduções encontradas num texto criativo, em que a linguagem é usada pelo autor de forma atípica e poética. Assim, foram várias as dificuldades encontradas ao longo do processo tradutório, a começar pelos marcadores culturais como as formas de tratamento, os nomes próprios e as onomatopéias. Mas é antes a linguagem ao mesmo tempo popular e poética usada pelo autor que representa um verdadeiro desafio. De fato, João Guimarães Rosa cria ou usa provérbios e máximas que pertencem à sabedoria do povo e várias cantigas são entoadas no decorrer do conto. Os neologismos, as palavras e construções sintáticas pertencentes ao registro informal, metáforas e comparações próprias ao universo sertanejo, representam problemas de tradução que precisam ser resolvidos. Para isso, baseamos-nos em Walter Benjamin e suas teorias apresentadas em *A tarefa do tradutor* e em *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*. Nesses textos, o filósofo define o que é a linguagem, particularmente a linguagem artística, e como ela deve ser tratada em tradução. Nós nos apoiamos também na teoria da transcrição desenvolvida por Haroldo de Campos, para o qual a tradução de textos poéticos, ou de textos em prose que conferem uma importância especial ao tratamento da palavra como objeto, deve ser antes de tudo “*recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca” (CAMPOS, 2013: 5, grifo do autor).

Para chegar a uma tradução satisfatória do excerto do conto, foi feita uma primeira versão a fim de extrair as dificuldades de tradução, classificadas em tabelas que serviam de bases para pesquisar e encontrar as melhores soluções. No total, foram constituídas catorze tabelas. A partir das pesquisas efetuadas, a primeira versão foi corrigida, dando lugar a uma segunda versão. Depois de uma releitura e novas modificações, chegamos a uma terceira versão que seria a “final” provisória, já que, segundo Benjamin, “mesmo a maior tradução está fadada a desaparecer dentro da evolução de sua língua e a soçobrar sua renovação” (BENJAMIN, 2008: 71).

No capítulo 1, João Guimarães Rosa, criador de uma linguagem, veremos qual é o ponto de vista que Rosa tem sobre a linguagem e como isso influi sobre seu projeto de escritura, especialmente ao escrever “A hora e a vez de Augusto Matraga”. No capítulo 2, Projeto de tradução, explicitaremos as teorias de Walter Benjamin e de Haroldo de Campos, e como elas podem se aplicar à tradução do conto de Rosa. Finalmente, no capítulo 3, Transcriar Rosa, mostraremos, a partir de exemplos de dificuldades de traduções encontradas, como transcriamos o texto para o francês.

1 JOÃO GUIMARÃES ROSA, CRIADOR DE UMA LINGUAGEM

1.1 O ponto de vista metafísico de Rosa sobre a linguagem

Em *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana*, Walter Benjamin rejeita a percepção pragmática da linguagem segundo a qual ela serviria apenas para comunicar. De fato, para Benjamin, a linguagem é antes de tudo a revelação de uma determinada *essência espiritual*. O papel do homem seria, desta forma, reconhecer e nomear o que foi criado por Deus para acessar ao conhecimento e transmiti-lo. Na queda da torre de Babel, o homem perdeu essa ligação direta que existia entre a palavra e o que ela nomeava. A linguagem apenas comunicaria, a partir de então, a parte comunicável da essência espiritual, contida na *essência lingüística*. Portanto, existe na linguagem uma parte não comunicável, enigmática, divina.

Da mesma forma, em João Guimarães Rosa, há elementos da língua que a razão não pode explicar e ele define a “brasilidade” como sendo “a língua de algo indizível”. Ao rejeitar esse mistério, dando à língua o mero papel de comunicar conteúdo através das palavras, perde-se o irracional, o inconcebível, o que é intimamente poético na linguagem. Por isso, quando Rosa escreve, ele pretende devolver vida às palavras, fazendo-as evoluir.

Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. (ROSA, 2009: LI)

Além disso, para o autor, a linguagem revela o caráter da pessoa, seu estilo e considera que muita elegância serve para encobrir um vazio, uma falta de conteúdo. Portanto, o escritor não deve se apegar simplesmente ao belo, mas deve usar a linguagem de forma a revelar um novo mundo metafísico.

Repito minha opinião: o trabalho é importantíssimo! Mas ainda mais importante para mim é o outro aspecto, o aspecto metafísico da língua, que faz com que minha linguagem antes de tudo seja minha. (...) O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanhas de cinzas. Daí resulta que tenha de limpá-lo, e como é a expressão da vida, sou eu o responsável por ele, pelo que devo constantemente *umsorgen*². (ROSA, 2009: LI)

²“Cuidar dele”. Citado em alemão por Guimarães Rosa (ROSA, 2009: LI).

Para Rosa, o escritor tem uma missão que pode ser cumprida apenas através da linguagem. O conteúdo somente pode ganhar vida se a linguagem lhe traz essa força. Por isso, o escritor precisa trabalhar a forma como escreve, criar seu próprio léxico, a fim de obter uma linguagem poética, isto é, humana. Senão, corre o risco de não passar sua mensagem. Rosa distingue assim a linguagem artística da língua do político, a primeira sendo mais pessoal e menos comunicativa. A linguagem usada para fins pragmáticos, que ele chama de “linguagem corrente”, é descrita pelo autor como “um monstro morto” que não expressa nada senão clichês e não serve para a literatura. Pode apenas comunicar propaganda política, mas não terá poder para expressar ideias, para tocar as pessoas com força o suficiente para transformá-las.

Assim, o autor explica que o método dele é científico e que, como o médico vai ajudar o homem ao descobrir o soro contra a varíola e as picadas de cobra, o autor vai ajudá-lo ao devolver à palavra seu sentido original:

Meditando sobre a palavra, [o homem] se descobre a si mesmo. Com isto repete o processo da criação. Disseram-me que isto era blasfemo, mas eu sustento o contrário. Sim! a língua dá ao escritor a possibilidade de servir a Deus corrigindo-o, de servir ao homem e de vencer o diabo, inimigo de Deus e do homem. A impiedade e a desumanidade podem ser reconhecidas na língua. Quem se sente responsável pela palavra ajuda o homem a vencer o mal. (ROSA, 2009: LII)

Há, portanto, uma função metafísica da escrita no ponto de vista de Rosa. Ao mostrar ao homem quem ele é, a literatura lhe oferece a possibilidade de mudar. Às vezes, explicações formais não têm força o suficiente para impulsionar essa mudança, enquanto textos artísticos vão tocar o coração do leitor e transformá-lo.

1.2 As características da linguagem rosiana

A obra de Rosa é descrita por Antonio Candido (1972) como um super-regionalismo, na qual “os temas rurais são tratados com um requinte que em geral só é dispensado aos temas urbano”. Quanto a Pedro Xisto, em “À busca da poesia”, ele disseda linguagem de Rosa que

provirá, portanto, dos “Gerais”, em boa parte. Mas nas serranias ecoam vozes de toda parte. Vozes Arcaicas, desde aquelas comque “vocavit Adam animae

viventis”³. Vozes exóticas. Vozes ecumênicas. Vozes eruditas. Vozes requintadas. De circunstâncias. De essências. De quintessências. (XISTO, 1961: 18)

Em *João Guimarães Rosa: travessia literária*, Mary Lou Daniel analisa as características da linguagem do autor tanto no nível do léxico, quanto da sintaxe e dos recursos poéticos.

1.2.1 As inovações lexicais de João Guimarães Rosa

No que diz respeito às técnicas usadas por Rosa para criar vocábulos, Daniel destaca duas: “(a) a apropriação de recursos léxicos já de uso comum na língua arcaica ou moderna de um nível ou outro e (b) a criação de neologismos” (DANIEL, 1968: 24). Acrescenta que “é típico de grande parte da prosa do autor o seu conjunto de elementos eruditos, científicos, arcaicos, poéticos, indígenas, dialetais e estrangeiros” (DANIEL, 1968: 24). O autor usa também termos do léxico brasileiro, apesar de serem poucos conhecidos, muitas vezes relacionados à flora e à fauna com nomes derivados do tupi. Ele emprega igualmente termos provenientes do português de fora do Brasil. Finalmente, Daniel sublinha que a obra de Rosa é particularmente rica em léxico coloquial e ele prefere utilizar palavras comuns, termos mais exatos e disponíveis na linguagem corrente.

Para formar neologismos, Rosa emprega duas técnicas: a analítica e a derivativa. A técnica analítica consiste em processos de afixação, mudança interna e abreviações de palavras. A técnica derivativa, quanto a ela, consiste em composição por aglutinação ou justaposição, em criação interparadigmática, que é a formação de vocábulos pertencentes a duas classes gramaticais diferentes, como substantivos provenientes de verbos, verbos provenientes tanto de substantivos como de adjetivos, advérbios derivados de adjetivos, entre outros e em formação popular.

Os processos linguísticos aplicados pelo autor são radicados no caráter histórico da língua portuguesa, o objetivo dele sendo dar à palavra já existente uma nova vida ao criar novas combinações. Assim, os prefixos (*re-*, *de-*, *a-* e *des-*) e sufixos (*-ice*, *-ncia*, *-nça*, *-ção*, *-gem*, *-ada*, *-ama*, *-me* e *-ia* para os nomes, *-al*, *-ável* e *-ível*, *-ã*, *-ento* e *-ado* para os adjetivos) que ele mais emprega são também os mais inerentes à língua portuguesa, de acordo com Daniel (1968: 39). Ele usa às vezes um prefixo diferente daquele que é comumente usado com

³ “o homem chamou a todo ser vivente”, tradução encontrada no site <http://bibleglot.com/pair/PorAR/Vulgate/Gen.2/> (consultado em 08/11/2016)

uma palavra. Assim, ele troca o prefixo *in-* por *des-* em “*desfeliz*” no conto “O burrinho pedrês”, publicado em *Sagarana*. O prefixo *des-* é usado para negar ou inverter, mas também para dar à palavra uma conotação dispersiva. Da mesma forma, ele cria a palavra “*coisice*” invés de “coisa” em *Grande Sertão: Veredas* ou “*maismente*” no conto “Conversa de bois” em *Sagarana*. Essas técnicas afixativas são as que o autor mais emprega.

Ele também opera mudanças de vogais ou consoantes dentro ou no final das palavras, muitas vezes com o objetivo de se aproximar das variações coloquiais na pronúncia. Deste modo, no conto “Sarapalha”, também em *Sagarana*, “*estúrdio*” se torna “*estórdio*” e “*Algemiro*” se torna “*Argemiro*”. Essa tendência fonética mostra também as preferências fonéticas do autor. Mais que esses processos de alteração interna, Rosa faz uso de abreviações na forma de aférese, síncope ou contração e apócope. A aférese, que consiste em suprimir uma vogal ou sílabainicial é um processo próprio do português coloquial que o autor estende a outras formas, demonstrando sua originalidade. Escreve assim frequentemente em *Sagarana*, “*inda*” invés de “ainda”, “*manhã*” para “amanhã”. Da mesma forma, ele emprega a síncope ou contração, que é a omissão de uma letra ou de uma sílaba com ou sem o apóstrofo para indicá-la. No conto “Minha gente”, em *Sagarana*, Rosa escreve assim “*córgo*” no lugar de “*córrego*”. Os dois processos são principalmente encontrados em *Corpo de baile* e em *Grande Sertão: Veredas*. A apócope é um dos processos de predileção do autor. Encontra-se, por exemplo, no sufixo *-im* por *-inho*, *-a* ou *-ino*, *-a*. Por exemplo, no conto “Duelo”, em *Sagarana*, Rosa escreve “*Padrim* Emílio”, por “padrinho”. Do mesmo modo, usa *-em* para *-enho*. Outras vezes, há uma simples supressão da vogal ou sílaba final, e até do sufixo para refletir a fala do homem comum.

Outro recurso com o qual o autor se mostra original, hábil, produzindo novas formas compreensíveis e de bom gosto artístico, de maneira equilibrada, são as “palavras fundidas” ou “palavras portmanteau”. Consiste em formar uma palavra pela aglutinação de duas: por exemplo, o autor cria a palavra “brumalva” a partir das palavras “bruma” e “alva” em *Grande Sertão: Veredas*. Daniel conta sessenta e cinco dessas composições aglutinadas em toda a obra de Rosa, entre as quais há uma maioria de substantivos, mas também verbos e adjetivos. Permitem apresentar um significado misto, assim como uma nova entidade formal. Uma segunda forma de mistura é a modificação de uma letra ou sílaba para lembrar outra palavra, como “*rabicundo*” que é uma modificação de “rubicundo” para lembrar o verbo “rabiari”. O terceiro meio de mistura é o do tipo boquiaberto, onde um elemento é modificado

pelo outro que lhe é justaposto. Finalmente, podemos destacar o uso do hífen para ligar duas ou mais palavras, na criação de novas entidades lexicais. Em “Conversa de boi”, Rosa escreve assim, “*bicho-homem*” e em “Sarapalha” “*o sinal-da-cruz*”, por exemplo. Podem associar dois elementos que se completam, dois elementos sinônimos que formam conjuntos pleonásticos ou ainda obter a redução de frases adverbiais ou preposicionais em entidades compactas, assim como a substantivação de tais formas.

Rosa cria também palavras a partir do processo derivativo que consiste na influência de uma categoria gramatical sobre a outra, como a formação de novos verbos a partir de substantivos ou de adjetivos e vice-versa. Em “A volta do marido pródigo”, em *Sagarana*, o autor criou assim o verbo “*rapaziar*”. Este recurso é essencialmente uma extensão do emprego normal, existindo em quase todas as línguas, e demonstra que o autor não se dobra à categorização rígida. No que diz respeito às formações populares, Rosa cria um léxico a partir de um padrão já existente na linguagem coloquial. A etimologia popular, o desenvolvimento fonológico e a analogia representam tendências. Assim “*tradiziam*” é usado por “*traduziam*” e define o homem comum que costuma pensar em termos orais, “*sussequente*” é um desenvolvimento de “*subsequente*” e “*fantasêia*” é uma deformação que se explica pelo fato que alguns verbos em *-iar* se conjugam em *-êia* na terceira pessoa do singular.

Finalmente, os nomes próprios representam um elemento lexical particularmente rico na obra de João Guimarães Rosa. Encontram-se muitos elementos indígenas tanto nos antropônimos quanto nos topônimos rosianos, geralmente justapostos com elementos portugueses. Assim, o título da coletânea de contos *Sagarana* é formado a partir do substantivo comum português de origem germânica *saga* e do adjetivo tupi *rana* que significa “*rude, tosco*”. Cria assim nomes próprios originais ao modificar padrões nominais tipicamente brasileiros de acordo com as mesmas tendências neologistas das quais falamos anteriormente.

1.2.2 As inovações gramaticais e sintáticas de João Guimarães Rosa

No que diz respeito à gramática e à sintaxe, Daniel afirma que “é precisamente nesta área que a contribuição estilística do autor às letras brasileiras contemporâneas é mais original e distinta” (Daniel, 1968: 77). Primeiro, o autor associa frequentemente adjetivos a substantivos que não se relacionam normalmente, criando assim novos aspectos. Na maioria das vezes, elementos abstratos são contrapostos com elementos concretos. Por exemplo, em “Sarapalha”, o mato é “*todo enfeitado*”. Outras vezes, verbos intransitivos são usados numa capacidade transitiva. Podemos destacar igualmente neologismos de função, quando uma

palavra que pertence a uma função gramatical é usada em outra função. O autor usa esse recurso quando uma palavra parece mais significativa ou direta numa nova função: por exemplo, usa um gerúndio no lugar de um infinitivo. No lugar de um gerúndio, usa uma forma em *-nte*: “falando assim” se torna “*falante assim*”. Usa um adjetivo no lugar de um advérbio ou um substantivo no lugar de um adjetivo e vice-versa. Em “Sarapalha”, no trecho seguinte, além da inversão do sujeito e do verbo, o adjetivo “urgentes” é usado no lugar do advérbio “urgentemente” ou da expressão “com urgência”: “atrás da maria-preta e da vassourinha, vinham **urgentes**, do campo — ôi-ái! —o amor-de-negro, com os tridentes das folhas, e fileiras completas, colunas espertas, do rijoassa-peixe” (ROSA, 2009: 94, grifo nosso).

A duplicação de palavras é outro recurso frequentemente utilizado pelo autor. São empregados na mesma frase substantivos e modificadores ou verbos e objetos com base comum, como em “*no meio da festa festejada*”, por exemplo. O objetivo é mais uma vez reproduzir os padrões da linguagem coloquial. Rosa associa também palavras da mesma categoria gramatical, às vezes sinônimas e outras vezes nem relacionadas semanticamente, como nas justaposições “*cantigas cantorias*” ou “*fome fúria*”. Esses elementos podiam ser separados por conjunções ou preposições, mas a proximidade entre os dois termos causa um impacto maior. Tratam-se tanto de substantivos, adjetivos e verbos duplicados, quanto de grupos pronominal, preposicional ou adverbial, assim como a dupla negativa, que pode ter a sua origem na fala coloquial, mas também ser traço estilístico do autor. Podemos também destacar na escrita roseana as acumulações de adjetivos, verbos e substantivos. Daniel explica que inicialmente esse processo é típico da narração oral, mas que se torna técnica literária nas mãos do Rosa.

Nos diálogos particularmente, podemos destacar o emprego de conjunções pleonásticas, especialmente o “*que*”, mas também o “*se*”, o “*em*” e o “*e*”, conferindo ao texto um tom autenticamente coloquial, assim como o uso tipicamente brasileiro do verbo ser como pleonasma. Em “Sarapalha”, de *Sagarana*, essas construções são freqüentes, o que podemos ver na frase seguinte: “Por que **é que** foi, que só hoje **é que** o senhor sonhou com ela, Primo Ribeiro?” (Rosa, 2009: 99)

Os modos e tempos verbais fazem também parte dessa oralização da obra rosiana, já que o autor mistura muitas vezes o presente com o pretérito perfeito e imperfeito, o presente do indicativo, mais como uma presença vocal que como um presente histórico, sendo uma

particularidade de *Sagarana*. Por exemplo, em “Sarapalha”, quando começa a descrever o lugar onde os dois primos vivem, o narrador usa o presente, assim como dêiticos de lugar e de tempo que remetem ao aqui e agora: “É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrída e desmantelada” (ROSA, 2009: 94). As construções progressivas, traço predominante da fala coloquial, também aparecem frequentemente na escrita de Rosa, principalmente por seu caráter de ação e movimento continuado.

Mas é na sintaxe propriamente dita que Rosa se distancia dos padrões tradicionais do português literário, como veremos a seguir. Manipula os elementos sintáticos para que sirvam de veículo na expressão do belo e do verdadeiro segundo o autor. As principais técnicas usadas são a inversão de frases, construções divididas, parêntese, inovações de pontuação e a elipse.

A técnica barroca de inverter palavras e frases é o processo mais obviamente literário empregado pelo autor. Além disso, a utilização de interrogações revela as incertezas do homem barroco frente ao seu período e a inversão de frases a sua tentativa na conciliação dos elementos opostos. Esses processos de inversão no texto são numerosos e variados e são usados para “dar relevo a um ou outro dos elementos transpostos; satisfazer suas normas subjetivas de estrutura concisa das frases; ou criar efeitos novos e variados *per se*” (DANIEL, 1968: 112). Há, por exemplo, a inversão de pronomes colocados mais tipicamente em posição enclítica que aparecem comumente em lugar proclítico, e às vezes interpolados entre os elementos de tempos compostos para criarem construções divididas. A próclise e a falta de hífen refletem uma das raras influências autenticamente popular na sintaxe rosiana. Existem casos de deslocamento do pronome mais radicais, como nessa citação de *Corpo de baile*: “**Lhe** um ardor nas fontes, doía a cabeça toda, queimava” (grifo nosso). Há também a transposição de objetos para precederem os seus verbos, assim como a alteração da ordem normal de sujeito e verbo que, nesses casos, é muitas vezes rejeitado para o fim da frase. O resultado dessas inversões pode ser a transposição de outros elementos nas construções com verbos auxiliares para que o verbo conjugado siga ao infinitivo, e também em construções com tempos progressivos. O não da negação pode igualmente aparecer depois do verbo invés de antese os advérbios, os elementos predicados e os objetos diretos aparecem às vezes antepostos. De acordo com Daniel, essas alterações da ordem normal das palavras colocam o verbo em posição mais forte, contribuindo “para concisão e solidez da estrutura das frases e a expressão do pensamento” (DANIEL, 1968: 109). O autor emprega também inversões de

adjetivos e frases adjetivais com relação aos substantivos que modificam ou aos advérbios que os modificam, ou até aos artigos quando os dois precedem o substantivo. Acontece até que cláusulas ou frases inteiras sejam deslocadas, dividindo dois objetos diretos, por exemplo. Essas inversões podem permitir a criação de quiasmas, tendo como resultado uma estrutura de frase mais elaborada.

O autor usa as construções parentéticas para conseguir uma expressão mais concisa e criar um tipo de narração mais vivo e oral, imitando as técnicas de contadores de histórias tradicionais. Servem para o autor fazer um comentário subjetivo, para adicionar informações ou vivas descrições. Podem ter a forma de palavras ou locuções isoladas que permitem acrescentar uma faceta ou um atributo complementar a dadas entidades, como podemos ver em “A volta do marido prodigo”, quando Rosa escreve: *“Procurou assento, recostou-se, e fechou os olhos, saboreando a trepidação e sonhando — sonhos errados por excesso — com o determinado ponto”*.

A pontuação é um elemento essencial da oralização da obra rosiana e de seu estilo literário. Assim, podemos destacar uma superpontuação, e principalmente um grande entusiasmo pela vírgula que segue toda inflexão da voz do narrador. O ponto e o ponto e vírgula podem ser desvalorizados ao nível de simples vírgula, e outras vezes a vírgula exerce a função do ponto ou do ponto e vírgula. Os dois pontos cumprem normalmente seu papel de explicação ou como indício de uma enumeração, mas perdem às vezes sua razão de ser. O travessão se associa comumente a interpolações parentéticas, mas pode aparecer com a função dos dois pontos em trechos equacionais, ou com um indício de uma pausa vocal numa narração. As reticências são frequentemente utilizadas, às vezes em início de frase, ou junto com ponto de exclamação ou de interrogação, mas conservam sua função de ligar ideias consecutivas em sequências dialogadas ou pensadas. Por exemplo, em “Sarapalha”, contamos mais de 360 reticências. Podemos observar assim que a pontuação não desempenha uma função ortográfica, mas estética, procurando fazer a escrita se aproximar do ritmo da fala.

A elipse é o último recurso sintático que analisaremos. Rosa omite repetidamente conjunções, elementos introdutórios (o “como se” ou do “se” das cláusulas comparativas, por exemplo), preposições, conjunções subordinadas como “para que” ou “porque”, interrompendo assim relações lógicas entre as cláusulas principais e subordinadas e o leitor deve então assumir o elo ausente para completar o significado da frase. Assim, em “A volta do marido prodigo”, Rosa escreve “E, como agora estivesse de humor melhor, o Major ainda

fez graça”, omitindo o se. A omissão do verbo é a mais frequente, particularmente os verbos copulativos. Às vezes, pode ser substituído por dois pontos ou então o verbo é omitido para evitar uma repetição. Notam-se também elipses de palavras soltas, como pronomes ou substantivos depois da palavra “cada” ou de preposições.

Assim, como o léxico, a gramática e a sintaxe do texto rosiano mostra a constante interação de tendências eruditas e coloquiais. Ele cria novas formas a partir de padrões já existentes e no intuito de fazer uma literatura oralizada. Não ironiza nem despreza a linguagem popular. Pelo contrário, ele poetiza a forma de expressão do homem do povo.

1.2.3 Os recursos poéticos de João Guimarães Rosa

Se os elementos léxicos e gramático-sintáticos que analisamos precedentemente já contribuem para a poetização do texto rosiano, nesta parte vamos evocar os recursos de tipo poético e retórico que completam o estilo do autor. Podemos sublinhar, entre esses recursos, a onomatopeia, a rima e o eco, a repetição e as figuras de analogia.

A onomatopeia serve para expressar as diferentes vozes do mundo sertanejo, tanto animadas como inanimadas. Como a narrativa oral predomina nas histórias de Rosa, essa técnica é muito relevante. Simula assim o barulho dos animais, o som de sinos e outros objetos metálicos (como em *Corpo de baile*), o barulho dos tiros, o vento ou ainda os sons misteriosos do mato. Em “Conversa de bois”, encontramos, por exemplo, a onomatopeia “*nhein... nhcinhein... renheinhein...*”, usada para descrever a “cantiga do carro-de-bois” (ROSA, 2009: 211). A partir das onomatopeias, Rosa cria verbos como “tchungar”, “bedelengar”, “aeiouar”, ou substantivos como “um psiu”, “seu badaladal” ou o “fife”, e adjetivos como “finfininhos”. Em vários casos, a onomatopeia se associa à aliteração para criar os sons imitativos. Essas figuras de linguagem são às vezes ampliadas pela reduplicação de sílabas e cria neologismos como “blimbilim” em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo. Serve também para reforçar o conteúdo ou criar uma atmosfera sugestiva, mas também para efeitos intensivos ou musicais, sem ter uma relação bem definida com o contexto textual. Nesses casos, o efeito sonoro é mais importante que o sentido.

Como formas aliterativas, podemos mencionar também a duplicação da porção final das palavras, ou seja, a técnica da rima e os processos associados. Versos são inseridos dentro da prosa rosiana, geralmente na forma de cantigas populares e estão em correlação natural com o tom da prosa em que estão inseridos. É difícil saber se esses versos são criados pelo

autor, seguindo os padrões populares ou se ele reproduz a autêntica poesia popular, mas dão ao texto rosiano uma cor local e autenticidade. Fora esses versos, as rimas de dois ou mais elementos dentro do limite de frases e cláusulas individuais se integram de forma mais sutil na prosa. Podemos destacar a justaposição ecóica de duas palavras da mesma categoria gramatical que começam ou terminam com os mesmos sons, como podemos ver no conto “Minha gente”, em *Sagarana*, por exemplo: “tremembés e itambés, chãs e rechãs”. Aparece também na forma de uma combinação de substantivos e adjetivos rimados, ou uma fórmula tripartida como no exemplo seguinte: “esporte de forte” em *Primeiras estórias*. O paralelismo assim criado serve para fim quase aliterativo, faz ressaltar comparações, contrastes e aspetos complementares entre pares de palavras, ou cria um efeito ligeiramente intensivo. Às vezes, o elemento auditivo vem para reforçar a imagem conceitual criada pelo autor pela técnica “palavra puxa palavra”: associam-se palavras que tem uma ligação tanto pelo som quanto pelo significado, como por, exemplo, “fio” e “rio” em *Primeiras Estórias*.

Um recurso de tipo retórico usado pelo autor é a repetição de palavras e padrões. Em “Um lance de ‘Dés’ do *Grande Sertão*”, Augusto de Campos mostra como as palavras-chaves repetidas por Rosa (Deus, demo, nada, sertão, travessia, entre outras) representam indícios formais do conteúdo filosófico do romance épico. Encontramos também o leitmotiv, repetição de palavras ou de frase que são como refrãos nos textos onde aparecem. Temos também a duplicação de palavras em forma de eco, como no conto “Sarapalha”: “Depois o enrola e desenrola, zonzo, ninando, ninando...” (ROSA, 2009: 95). Esse recurso é usado como forma alternativa de padrões mais prosaicos, e também ajuda a criar um ritmo e um tom ligeiramente enfático. Uma variante desse recurso é a separação dessas palavras repetidas por palavras de outra categoria gramatical. Rosa demonstra ter uma habilidade especial para criar jogos de palavras a partir da sonoridade e do sentido das palavras. A anáfora é frequentemente empregada para criar uma prosa majestosa e periódica ou para fazer crescer a tensão dramática.

Vimos acima, o autor integra à sua prosa cantigas populares. Da mesma forma, introduz seus contos, em *Sagarana*, com epígrafes que são provérbios e cantigas populares. Encontramos também numerosos provérbios, ditados populares e aforismos em seus textos. No conto “O burrinho pedrês”, temos assimos seguintes provérbios: “Suspiro de vaca não arranca estaca!...” (ROSA, 2009:22), “Quem tem inimigo não dorme!...” (ROSA, 2009:23) ou ainda “Galinha tem muita cor, mas todo ovo é branco” (ROSA, 2009:34). Às vezes, fica

difícil saber se pertencem à cultura popular sertaneja ou se são criações originais de Rosa, já que seguem padrões já existentes na linguagem coloquial. Com isso, o autor aproveita o poder expressivo dessas estruturas e valoriza a sabedoria popular e a poesia de sua linguagem. As figuras analógicas, como a metáfora e a comparação, são também frequentemente empregadas pelo autor e são geralmente vinculadas ao sertão e a vida cotidiana de seus habitantes pelos campos semânticos da natureza ou de objetos ligados ao sertão, ou ainda da ação humana. O uso dessas figuras cria um efeito de realidade, já que procuram demonstrar a simplicidade e a espontaneidade do povo sertanejo. Às vezes, a metáfora se torna mais um meio de contrapor elementos concretos e elementos abstratos. Cria assim imagens originais e particularmente expressivas.

1.3 A linguagem popular e poética em “A hora e a vez de Augusto Matraga”

1.3.1 Os aspectos lexicais

Em “A hora e a vez de Augusto Matraga”, encontramos a maioria dos recursos apresentados anteriormente, como os neologismos formados por derivação prefixal. Por exemplo, o adjetivo “desvencido” é formado a partir do prefixo *des-* e do particípio “vencido”. Nesse caso, o prefixo não nega o radical, mas ao contrário reforça o significado do verbo vencer transformado em adjetivo. Outra palavra criada com o prefixo *des-* é “desgarração”, construído a partir do verbo “desgarrar” e que tem o significado de “desvio de caminho”, permite ao autor satisfazer a sua norma de estrutura concisa das frases. Em “Nhô Augusto desdeu o corpo”, a palavra “desdeu” é construída a partir do verbo dar ao qual é afixado *des-*. Palavras com o sufixo *-inho*, *-a* também aparecem, particularmente na primeira parte do conto, em que apresenta uma festa popular. Encontramos assim “noitinha”, “balcãozinho” “capiauzinho” e “lanterninhas”. O uso dessas palavras reforça a linguagem mais popular que está também presente em palavras com o prefixo *en-*, como “encalcado” e “encapetado”. O prefixo *a-* em “agarento” e “achamento” seria prostético, de acordo com Daniel (1968: 38), isto é, o desenvolvimento no início de uma palavra de um elemento não etimológico. Seria um marco da fala coloquial. Além disso, cria a expressão “*sem homênciã*”, a partir da palavra “homem” e do sufixo *-ênciã*, para dizer “mole, sem virilidade”. A partir do substantivo “cigarro”, Rosa cria o verbo “cigarrar”.

A palavra “talqualzinho” é criada por aglutinação de “tal”, de “qual” e do sufixo “-zinho”, construindo assim uma palavra da linguagem oral para comparar. Mais surpreendente ainda a expressão “Nomopadrofilhospritosantamêin!” que simula uma reza recitada bem rapidamente. Nesse conto, temos várias abreviações, muitas delas marcadas pela apóstrofe. A palavra “p’ra” no lugar de “para” aparece trinta e nove vezes no conto todo. Em “deix’passar”, o *a* da palavra “deixe” é suprimido e “deix’” é justaposto com “passar” formando uma palavra só. Da mesma forma, encontramos “dei’stá” para “deixe estar”. A palavra “intenção” é abreviada em “tenção”. Geralmente, essas abreviações têm o intuito de imitar a pronúncia popular. Na frase “com as maitacas verdinhas, grulhantes, gralhantes,”, Rosa cria esses dois neologismos para sugerir sonoridades, de acordo com Martins (2001: 252).

Podemos também destacar o uso de palavras de origem tupi ou africana, como “pirambeira”, “biboca”, “taboca”, “dengosa”, “capenga”. Assim, capenga é uma palavra formada a partir do tupi *cang*, que significa “osso” e *peng* que significa “torto”.⁴ “Dengosa” é uma palavra do quimbunda, *ndengue*, e teria sido aplicada por semelhança do modo de andar de uma pessoa afetada pela febre dengue, que dá dores pelo corpo.⁵ A palavra “pirambeira” não tem uma origem bem definida, de acordo com o dicionário Priberam⁶. Poderia vir do tupi, mesclada com o prefixo *-eira* do português⁷. Biboca vem do tupi *ibi* que significa “terra” e *boka*, o gerúndio de fender-se.⁸ E “taboca” é o nome popular oriundo do tupita *woka* do bambu *Guadua weberbaueri* nativo do Brasil, cujo significado é desconhecido⁹.

Os nomes próprios usados pelo autor, os antônimos e os topônimos, também são interessantes, a começar por “Matraga”. Esse nome só aparece no título, na primeira frase do conto e no final. Poderia remeter a “matraz”, um vaso alquímico que permite “uma interpretação da transformação sofrida pela personagem na linha de um opus alquímico: da grande depressão em que foi lançado a sua “hora e vez”, sua áurea hora (Aurora) na luta de morte com Seu Joãozinho Bem-Bem.” (MENESES, 2007: 72). Meneses (2007: 72) também faz referência à análise de Walnice Nogueira Galvão, que liga o nome Matraga a “matraca”, um instrumento usado para fazer barulho nas cerimônias da Semana Santa e a “matraquear”,

⁴ <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/capenga/>, consultado em 10/11/2016.

⁵ origemdapalavra.com.br/site/palavras/dengosa/, consultado em 10/11/2016.

⁶ www.priberam.pt/dlpo/pirambeira, consultado em 10/11/2016.

⁷ www.numaboa.net.br/component/glossario/, consultado em 10/11/2016.

⁸ www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/biboca/, consultado em 10/11/2016.

⁹ origemdapalavra.com.br/site/palavras/taboca/ e pt.wikipedia.org/wiki/Taboca, consultados em 10/11/2016.

que lembra o som dos tiros no fim do conto. Mas ela também associa ao nome *matraq* ou *matriq*, palavra árabe que significa “pau”. Finalmente, destaca que o nome Matraga se opõe ao nome Joãozinho Bem-Bem e pergunta:

Joãozinho Bem-Bem, que tem o “Bem” reiteradamente repetido em seu nome, encarnaria o Mal? E Matraga, que tem a desinência “Ma” (da palavra Mal) embutido no seu nome, e que luta “gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos”, seria representante do Bem?

Assim, o nome Matraga é rico e traz com ele várias interpretações possíveis. O nome Augusto também pode ser analisado e traz com ele a raiz latina *aug* que remete à ideia de aumento e de crescimento e que encontramos em palavras como “autoridade”, do latim *auctoritas* (PASSARELLI, 2002: 2). Esteves é derivado do nome Estevão, do grego *Stéphanos*, que significa “o coroado”. Por associação, Esteves pode ser “aquele que é filho do coroado”.¹⁰ Assim, o nome e sobrenome Augusto Estêves faz referência a um homem rico e com poder. Tião é o diminutivo de Sebastião, que significa “sagrado”, “venerável”, “reverenciado”¹¹, e é ele que cuida do leilão em que Tomázia e Angélica são propostas, atrás da igreja. Aliás, o povo chama Tomázia de Sariema que é uma ave pernalta símbolo de Minas Gerais cujo nome vem do tupi *caria* que significa “crista” e *am* que significa levantada.¹² Finalmente, Ovídio faz alusão ao poeta romano que escreveu *A arte de amar* (MENESES, 2007: 65) e se opõe assim a Augusto Estêves que maltrata sua mulher. O topônimo Pindaíbas deriva do nome de uma planta que os indígenas usavam para fazer varas de pesca, a *pinda'iwa*, formada por *pi'nda*, “anzol”, *eiwa*, “haste”.¹³ Saco-da-Embira pode remeter à expressão “do saco, a embira” que é usada para expressar um sentimento de conformação.¹⁴

1.3.2 Os aspectos gramaticais e sintáticos

Como mencionamos acima, uma das marcas da escrita rosiana são as construções sintáticas, e particularmente as inversões. A ordem normal das palavras numa frase é sujeito + verbo + complemento. Rosa abala essa estrutura, no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, colocando elementos da frase numa posição inabitual. Assim, coloca o sujeito depois do verbo como em “deram apoio os quatro guarda-costas”. Outras vezes, começa a frase pelo objeto como, por exemplo, em “Fé eu tenho” e em “e compreender deixaram para depois”. O adjunto adverbial é colocado antes do verbo na frase “para onde não se sabia” e

¹⁰ www.dicionariodenomesproprios.com.br/esteves/, consultado em 10/11/2016.

¹¹ www.dicionariodenomesproprios.com.br/sebastiao/, consultado em 10/11/2016.

¹² <http://www.wikiaves.com.br/seriema>, consultado em 10/11/2016.

¹³ <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/pindaiba/>, consultado em 10/11/2016.

¹⁴ www.dicionarioinformal.com.br/do+saco+a+embira/, consultado em 10/11/2016.

pode aparecer às vezes entre o sujeito e o verbo, criando assim uma construção dividida: “Quem quisesse, porém, durante esse tempo, ter dó de Nhô Augusto, faria grossa bobagem”. Temos também uma construção dividida quando o sujeito é posto entre o verbo auxiliar e o gerúndio que a frase “foi o capiauzinho apanhando” ilustra. Essas construções, além de criar um efeito surpresa, podem dar mais força a um elemento da frase como ao termo “fê” em “Fê eu tenho”. Podem também deixar o texto com um tom mais oral. Certas frases apresentam construções inesperadas como quando o autor escreve “no falar de entrar no meio do seu Joãozinho Bem-Bem” no lugar de “quando se fala em entrar no meio do seu Joãozinho Bem-Bem”, por exemplo. Com essas expressões, o autor cria a surpresa, deixa as frases mais concisas e belas.

Como recurso oralizante, destacamos igualmente o grande número de construções progressivas, usando o verbo estar, o verbo ir ou o verbo vir com gerúndio. O verbo ir é muitas vezes usado com verbos de movimento: tomar o caminho, subir, ir ou até o verbo sair associado com o advérbio embora, normalmente mais usado com o verbo ir. Também é empregado com verbos como repetir ou apanhar. O verbo vir é sempre usado duplicado: “vinha vindo” ou “vem vindo”. Essas construções são mais usadas oralmente e servem para simular a linguagem falada no texto. A dupla negativa em “que eu hoje não preciso deles, não”, tem o mesmo objetivo.

Rosa usa também o recurso da duplicação, empregando duas palavras sinônimas ou quase sinônimas como as formas de tratamento “a senhora Dona” e depois “Siá Dona”. Em duas oportunidades usa o verbo cantar com o substantivo cantiga: “E Nhô Augusto pegou a cantar a cantiga” e “a vaqueirama encourada (...) cantando cantigas do alto sertão”. Também repete o mesmo termo duas vezes, separado por uma preposição numa construção tripartida como nesses exemplos: “Nhô Augusto nem deixou o mensageiro **acabar de acabar**” e “Mas, **fim no fim**, num achamento, se retesou nos estribos” (grifos meus). Emprega conjunções pleonásticas, especialmente o “*que*” e o verbo ser, para produzir um tom autenticamente coloquial. Isso aparece, por exemplo, nas frases seguintes: “E **está que é** só osso, peixe cozido sem tempero...”, “Por que **é que** o pai não gosta de nós, mãe?”, “Mas, **que é que** o senhor está gostando tanto assim de apreciar?” (grifo nosso).

Finalmente, o autor usa as construções parentéticas e consegue uma expressão mais concisa, criando um efeito mais vivo e oral, com a ajuda da pontuação, como podemos ver nesse trecho: “E quando o jegue empacava — porque, como todo jumento, ele era terrível de

queixo-duro, e tanto tinha de orelhas quanto de preconceitos, — Nhô Augusto ficava em cima”. O travessão aparece várias vezes para trazer uma precisão, neste caso sobre o jegue. Da mesma forma, contamos 330 reticências no conto, alguns acompanhando um ponto de exclamação ou um ponto de interrogação.

1.3.3 Os recursos poéticos e retóricos

As onomatopeias são empregadas no texto como sons feitos pelas pessoas para expressar a dor, “Úi”, e a vaia “Bau-bau!”. A expressão “lept!... lept!...” imita os sons feitos pela correia desafivelada, enquanto o barulho do alarido dos tuins é descrito pelo autor com essa onomatopeia: “rrrl-rrril! rrrl-rrril!...”. Permitem deixar o texto mais realista, mais vivo e remete à cultura popular.

Outro recurso associado à cultura do povo são as epígrafes, na forma de cantiga ou de provérbio. No caso de “A hora e a vez de Augusto Matraga”, a epígrafe é uma música cantada pelas crianças, cuja origem não é bem definida, mas que poderia vir da Europa nórdica, passando pela França, Portugal e finalmente para o Brasil. A cantiga seria de uma brincadeira que se chama “Jogo de Rico e Pobre”. A segunda é um provérbio capiau, de acordo com o autor, “Sapo não pula por boniteza, / mas porém por percisão”. O conto é repleto de provérbios, cantigas e máximas, representando a sabedoria e a poesia popular. É difícil saber o que é criação do autor e o que é fala do sertanejo, já que Rosa se inspira de sua vasta cultura e de suas experiências colhidas no sertão e cria a partir de padrões já existentes. Assim, o padre fala a Augusto: “Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...”. Essa imagem usa o vocabulário e os atos do cavaleiro para explicar que é o esforço que conta e que se Augusto se arrepender de verdade e mostrar isso nos atos, Deus o perdoará. Augusto compara o convite de seu Joãozinho Bem-Bem a “cachaça em copo grande” para dizer que era algo especial, extraordinário. As metáforas e comparações também remetem ao universo do sertão, se referindo a animais, objetos, eventos que pertencem à vida sertaneja. Assim, o padre fala a Augusto que “o Reino do Céu (...) ninguém tira de sua algibeira”, querendo dizer que não é fácil alcançar. Ao longo do conto, cantigas são entoadas por pessoas do povo. Por exemplo, quando Augusto encontra um cego, este canta:

*“Eu já vi um gato ler
e um grilo sentar escola,
nas asas de uma ema
jogar-se o jogo da bola,
dar louvores ao macaco.*

E também o próprio Augusto quando trabalha para se salvar:

*As árvores do Mato Bento
deitam no chão p'ra dormir...*

Ou ainda, quando o Joãozinho Bem-Bem morre:

*Não me mata, não me mata
seu Joãozinho Bem-Bem!
Você não presta mais pra nada,
seu Joãozinho Bem-Bem!...*

A repetição, que influi também na sintaxe da língua, é uma das figuras de linguagem mais empregada pelo autor, em suas diversas formas. Assim, temos a justaposição ecóica de palavras que pertencem à mesma categoria gramatical e tem a mesma sílaba final, criando rimas: “**excelente mente**” ou “pegou **chão**, sem **paixão**” (grifo nosso). Podem igualmente ter o mesmo começo como no exemplo a seguir: “**Desonrado**, **desmerecido**” (grifo nosso). O autor cria igualmente aliterações como o som *M* em “**Mão mandona**, **mano** velho. Errou o **primeiro**, **mas acertou um em dois**... **Ferrugem em bom ferro!**” (grifo nosso) ou o som *T* no nome do jagunção “**Tim Tatu-tá-te-vendo**”. Finalmente, encontramos no conto estruturas sintáticas formando paralelismos, isto é, a repetição de uma mesma organização de termos numa frase. Assim, na frase “Fé eu tenho, fé eu peço”, temos duas vezes o substantivo “fé” sem artigo seguido do pronome pessoal “eu” e de um verbo no presente. Em “meio doido e meio santo”, há dois adjetivos ambos precedidos pela palavra “meio”.

Em “A hora e a vez de Augusto Matraga” como em toda sua obra, Rosa escreve numa linguagem popular de forma poética. Valoriza assim a cultura popular, sua sabedoria e sua capacidade de criar, especialmente na forma de falar, o que é importante, já que o autor acredita na força da linguagem e no seu poder de transformar o mundo.

2 A TRANSCRIÇÃO, UM PROJETO DE TRADUÇÃO

2.1 A traduzibilidade de acordo com Benjamin

Todo livro é escrito por alguém, num lugar e numa época específicos, em uma língua dada. Isso constitui a historicidade da obra. Traduzir um texto equivale a transpor uma obra de sua historicidade para outra totalmente distinta: outro lugar, outra época, outro autor (o tradutor) e outra língua. É por isso que a tarefa do tradutor pode parecer impossível, obrigatoriamente imperfeita. Ora, para Benjamin, a traduzibilidade se baseia na “aceitação da diferença das línguas não como impedimento, deficiência, mas como condição de possibilidade” (LAGES, 1998: 68).

De acordo com Susana Kampff Lages:

No limite, a visão do passado que possui o melancólico é uma visão que pretende eliminar todo e qualquer viés interpretativo do sujeito que se debruça sobre esse passado, desejando anular a distância entre texto, passado, e interpretação presente, e, em termos semelhantes, entre original e tradução, forçando-os a coincidirem, cristalizados na atemporalidade, na ahistoricidade de uma interpretação canônica, necessariamente única, que acaba por ser também tendencialmente dogmática, exigindo, por isso, sua própria refutação. (LAGES, 1998: 69)

Em seu ensaio “A tarefa do tradutor”, Benjamin se contrapõe a essa visão de um original como texto acabado pertencente ao passado que seria eternizado pela tradição. É uma obra empírica que se modifica de acordo com a época em que é lida, com a leitura que é feita dela e é assim “presentificável” e as traduções representam seus múltiplos futuros possíveis. Ele não anula o passado, mas aceita a existência de uma distância, de uma separação com esse texto reconhecido como anterior e a tradução consiste em destruir voluntariamente esse texto anterior, inapreensível na sua anterioridade, para reconstituí-lo em outro tempo, outra língua, outra cultura, isto é numa situação de alteridade radical. Para Benjamin, o processo e o produto desse processo denominado tradução são definidos como um movimento que constitui a própria linguagem construída sobre um substrato histórico em constante transformação. Nesse sentido, a tradução é diferente do original, mas não chega a ser um novo texto completamente autônomo, é uma recriação desse texto com o qual mantém um vínculo.

De acordo com Benjamin, toda tradução é uma ponte entre duas culturas e entre duas linguagens que se põem em contato uma com a outra, mas também entre dois momentos históricos diversos. Por isso, tem sua própria historicidade, pertence a uma época, a um lugar,

tem um autor (o tradutor) e só pode ser passageira, já que em outra época será necessária uma nova mediação, uma nova leitura, uma nova tradução. Segundo Benjamin, em suas traduções “a vida do original, alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e vasto desdobramento” (BENJAMIN, 2008: 69). De fato, as línguas, assim como a sociedade, evoluem. Cada uma se transforma de forma diferente, num ritmo diferente, numa direção diversa. Por isso, a tradução se afasta do original e uma nova tradução se torna necessária. Além disso, a obra traduzida influencia a língua e o universo literário do lugar em que foi traduzida. A tradução se torna então o lugar em que ocorrem transformações contínuas de linguagem.

Sempre numa tensão entre destruição e reconstrução, o tradutor busca o essencial da obra, “o inaferrável, o misterioso, o ‘poético’” (BENJAMIN, 2008: 66), que se encontram na lei da forma do original e precisa ser reproduzido pelo tradutor. Transpondo do modo mais exato possível a forma e o sentido do original, o tradutor encontra uma relação de intimidade entre as línguas naquilo que querem dizer. Para Benjamin (2008: 72), “toda afinidade meta-histórica entre as línguas repousa sobre o fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, uma só e a mesma coisa é designada” que é convertido naquilo que é designado. Portanto, a tarefa do tradutor “consiste em encontrar na língua para a qual se traduz a intenção, a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 2008: 75), isto é, a obra original deve ressoar na obra traduzida. O tradutor deve, portanto, deixar a obra original “sacudir” a sua língua, transformá-la. O filósofo afirma que isso se faz pela transposição da sintaxe, e não da palavra isolada, já que o sentido que esta possui no original não pode ser reproduzido completamente. O sentido não se encontra por inteiro no designado, mas “ele adquire esse valor precisamente pela maneira com o qual o designado se liga ao modo de designar em cada palavra específica” (BENJAMIN, 2008: 76-77). Assim, ele se opõe a uma tradução literal, palavra por palavra, da mesma forma que se opõe a uma tradução do mero conteúdo referencial. Segundo Haroldo de Campos (2013: 99), o modo de designar seria antes o que ele chama de *forma significante*.

2.2 A necessidade de uma transcrição

Haroldo de Campos rejeita primeiramente a dicotomia entre poesia e prosa quando fala que “obras de arte em prosa que conferem primacial importância ao tratamento da palavra

como *objeto*, ficando, nesse sentido, ao lado da poesia” (CAMPOS, 2013: 4, grifos do autor). Reconhece a impossibilidade de traduzir tais obras a partir do conceito de informação estética de Max Bense, cuja fragilidade seria máxima, uma vez que qualquer alteração perturbaria sua realização estética. No entanto, a própria impossibilidade da tradução engendra, segundo ele, “o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos” (CAMPOS, 2013: 4). Haroldo de Campos cita Jakobson sobre a intraduzibilidade da poesia:

“Em poesia, as equações verbais tornam-se princípio constitutivo do texto. As categorias sintáticas e morfológicas, as raízes, os afixos, os fonemas e seus componentes (traços distintivos) – em suma, todos os constituintes do código verbal – são confrontados, justapostos, colocados em relação de contigüidade de acordo com o princípio de similaridade e contraste, e transmitem assim uma significação própria. [...] O trocadilho, ou, para empregar um termo mais erudito, e talvez mais preciso, a paronomásia, reina sobre a arte poética; quer esta dominação seja absoluta ou limitada, a poesia, por definição, é intraduzível (poetry by definition is untranslatable). Só é possível a transposição criativa (creative transposition)...” (JAKOBSON, 2008: 72)

Mostra assim que a partir da mesma constatação de que é impossível traduzir um texto poético, tiveram a mesma intuição que se deveria então transcriber, ou transpor criativamente esse texto.

Trata-se, segundo Haroldo de Campos, de construir em outra língua uma nova informação estética que, apesar de autônoma, estará ligada à informação estética do texto original por uma relação de isomorfia. Assim, embora as duas obras forem diferentes na linguagem, um vínculo existirá entre elas, já que observarão um mesmo sistema. Trata-se de traduzir não somente o significado, mas o próprio signo em sua materialidade. O significado é concebido como “uma baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora” (CAMPOS, 2013: 5). É preciso desmontar e remontar a máquina da criação e sua beleza que parece intangível, mas pode ser decodificada e reproduzida em outro corpo linguístico. Segundo Haroldo de Campos, Jakobson propõe, por sua vez,

“descobrir (desocultar), por uma “operação metalinguística” voltada sobre o plano formal (da expressão ou do conteúdo), qual o código de formas significantes, de que o poema representa a mensagem ou a realização *ad hoc* (qual a equação de equivalência, de comparação e/ou contraste de constituintes, levada a efeito pelo poeta para construir o seu sintagma); em seguida reequacionar os constituintes assim identificados, de acordo com critérios de relevância estabelecidos *in casu*, e regidos, em princípio, por um isomorfismo icônico, que produza o mesmo sob a espécie da diferença na língua do tradutor (*paramorfismo*, com a ideia de paralelismo - como em paráfrase, em paródia, ou em paragrama - seria um termo mais preciso, afastando a sugestão de “igualdade” na transformação, contida no prefixo grego *iso-*)” (CAMPOS, 2013: 93, grifos do autor).

Nesse sentido, a tradução é um trabalho crítico. Segundo José Salas Subirat, tradutor espanhol do *Ulisses* de James Joyce, “traduzir é a maneira mais atenta de ler”. Haroldo de Campos, falando de sua experiência ao traduzir “Serguei Iessiênin” de Maiakóvski, seguindo passo a passo os processos de criação descritos pelo poeta russo em seu ensaio *Como fazer versos?*, fala que foi “a melhor *leitura* que [poderiam] jamais ter feito do poema, colando-o a sua matriz teórica e revivendo a sua *práxis*, uma leitura verdadeiramente crítica” (CAMPOS, 2013: 16).

Mas a transcrição, para Haroldo de Campos, objetiva acima de tudo a fidelidade, ou a hiperfidelidade, mas não é uma fidelidade ao significado ou à palavra. Em *Haroldo de Campos, poesia russa moderna, transcrição*, Boris Schnaiderman explica como Haroldo de Campos ficava surpreso ao ler as traduções de Maiakóvski, já que seus escritos sobre poesia mostravam que o poeta tinha consciência de que a poesia lida com linguagem concentrada ao máximo e que o poeta deve ser um construtor de uma linguagem, mas ele apenas encontrava “um poeta de comício, um emissor de slogans fáceis e muitas vezes banais” (2003: 176). Assim, ele define a hiperfidelidade ao original como uma fidelidade a “tudo aquilo que constitui a *significância*, ou seja, às mais secretas errâncias do semântico pelos meandros da forma” (CAMPOS, 2013: 106, grifo do autor). Deve-se analisar, portanto, todo o que na forma de escrever traz algum significado para a obra, isto é, todos os seus processos de seleção, distribuição, aspectos fônicos e rítmico-prosódicos, assim como o inter-relacionamento das diferentes classes morfológicas e das diferentes construções sintáticas, isso tudo formando o intracódigo, o espaço operatório da “função poética”. Esses processos são responsáveis pela carga semântica e o efeito poético do texto literário e, portanto, são eles que devem ser reproduzidos na tradução para outra língua.

Haroldo de Campos dá vários exemplos de transcrição em seus artigos sobre o assunto, como essa tradução de um trecho de *Finnegans Wakes* de James Joyce, traduzido pelos dois irmãos Campos que ele cita em *Da tradução como criação e como crítica*:

Sim, me vou indo. Oh amargo fim! Eu me escapulirei antes que eles acordem. Eles não hão de ver. Nem saber. Nem sentir minha falta. E é velha e velha é triste e velha é triste e em tédio que eu volto a ti, frio pai, meu frio frenético pai, meu frio frenético feerível pai, até que a pura vista da mera aforma dele, as águas e águas dele, lamentando, me façam maremal lamasal e eu me lance, oh único, em teus braços. Ei-los que se levantam! Salva-me de seus terríperos tridentes! Dois mais. Um dois morhomens mais. Assim. Avelaval. Minhas folhas se foram. Todas. Uma resta. Arrasto-a comigo. Para lembrar-me de. Lff! Tão maviosa manhã a nossa. Sim. Leva-me contigo, paisinho, como daquela vez na feira de brinquedos! Se eu o vir desabar sobre mim agora, asas branquiabertas, como se viesse de Arkanjos, eu

pênsil que decairei a seus pés, Humil Dumilde, só para lauvá-los. Sim, fim. É lá. Primeiro. Passamos pela grama psst trás do arbusto para. Psquiz! Gaivota, uma. Gaivotas. Longe gritos. Vindo, longe! Fim aqui. Nós após. Finn équem! Toma. Bosculaveati, mememormim! Ati mimlênios fim. Lps. Aschaves para. Dadas! A via a uma a una a mém a mor a lém a (CAMPOS, 2013: 15).¹⁵

Podemos ver que os dois irmãos Campos não se apegaram ao significado ou à palavra e sim à forma como Joyce escreve. Mantiveram as aliterações, as repetições, o ritmo. E é o que chamam de transcrição. No mesmo ensaio, ele cita também a tradução de um verso do poema de Maiakóvski, que já abordamos mais acima. Ele explica que “Gdie on / bronzi zvon / ili granita gran” possui uma aliteração importante. A tradução literal do verso, de acordo com Haroldo de Campos, seria “onde o ressoar do bronze ou a aresta do granito”. Perde-se a aliteração e, portanto, o que faz do texto um texto poético. O tradutor explica que

sem fugir do âmbito semântico, a fidelidade ao efeito desejado pelo poeta levou-nos a “traduzir” a aliteração, antes que o sentido. E ficou:
Onde / o som do bronze / ou o grave granito (CAMPOS, 2013: 16).

Com esses exemplos, podemos ver em que consiste na prática a transcrição para os irmãos Campos.

2.3 A dificuldade de traduzir a linguagem rosiana em “A hora e a vez de Augusto Matraga”

A dificuldade em traduzir a linguagem de João Guimarães Rosa vem principalmente dos desvios que faz em relação com a língua padrão e de suas criações que correspondem a formas já existentes do português. As línguas respondem a regras diferentes e as transgressões que funcionam em português nem sempre podem ser imitadas em francês. É então necessário recriá-las.

¹⁵ I am passing out. O bitter ending! I'll slip away before they're up. They'll never see. Nor know. Nor miss me. And it's old and old it's sad and old it's sad and weary I go back to you, my cold father, my cold mad father, my cold mad feary father, till the near sight of the mere size of him, the moyles and moyles of it, moananoaning, makes me seasilt salsick and I rush, my only, into your arms. I see them rising! Save me from those therrble prongs! Two more. One-two moremens more. So. Avelaval. My leaves have drifted form me. All. But one clings still. I'll bear it on me. To remind me of. Lff! So soft this morning,ours. Yes. Carry me along, taddy, like you done through the toy fair! If I seen him bearing down on me now under whitespread wings like he'd come from Arkangels, I sink I'd die down over his feet, humbly dumbly, only to washup. Yes, tid. There's where. First. We pass through grass behush the bush to. Whish! A gull. Gulls. Far calls. Corning, far! End here. Us then. Finn, again! Take. Bussoftlhee, mememormee! Till thousandsthee. Lps. The keys to. Given! A way a lone a last a loved a long the (CAMPOS, Augusto de. *Poesia, antipoesia, antropofagia & cia*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015, p.20).

Assim, os neologismos são criados por meio da afixação. Mas no caso de desdeixo, por exemplo, que é criado a partir do prefixo *des-* e do verbo deixar, usado como substantivo, temos em francês a palavra existente *délaissement*, que é criada com o prefixo *dé-* correspondente ao *des-* português. No entanto, a palavra *délaissement* é uma palavra de registro diferente, mais elevado que desdeixo. Perde então a referência à linguagem popular, além de perder em originalidade. Por isso, é preciso criar outra palavra.

Os nomes próprios representam também certa dificuldade, porque eles trazem uma informação cultural, mas têm também um significado, e às vezes vários, como é o caso de Augusto Estevês Matruga, como foi analisado acima. Augusto, em francês é Auguste. É bem transparente, e sem traduzir o significado pode ser alcançado, trazendo assim a informação cultural: é um nome português e não francês. Estêves é derivado do nome Estevão, que por sua vez surgiu a partir do grego *Stéphanos*, que é traduzido literalmente como “o coroadado”, e a terminação em *-es*, significa “filho de”. Estêves é, portanto, o “filho do coroadado”. Em francês, *Stéphanos* deu *Stéphane* ou *Étienne*. Não é bem uma tradução transparente de Estêves. Perde-se, portanto, um pouco de significado. Mas traduzindo o nome, daríamos à personagem uma ascendência francesa, o que traria uma informação errada sobre a personagem. Matruga é apelido e pode ter várias interpretações importantes para a obra, por isso é importante traduzido-lo, porém conservando uma sonoridade mais aporuguesada com a sílaba tônica no a.

As palavras de origem tupi ou africana que pertencem ao léxico brasileiro também representam uma dificuldade de tradução. Deixando palavras como “pirambeira” ou “biboca” como no original ou adaptando-as ao francês, não dá para entender do que se trata, se as traduzimos perde-se a sua origem.

O aspecto sintático-gramatical de Rosa representa também uma grande dificuldade de tradução. A inversão pode geralmente ser reproduzida em francês. No entanto, em alguns casos, não dá certo, como em “deram apoio os quatro guarda-costas”. Começar uma frase pelo verbo em francês quando há um objeto prejudica a compreensão e não soa bem. Existem casos dessa formação sintática na administração, e não é o tipo de linguagem empregada por Rosa em seus textos, como analisamos acima. Alguns desvios sintáticos, como na frase “E insistiu fala mais forte”, são difíceis de traduzir e podem deixar o texto pouco inteligível em francês. Nesse caso, podemos ver como a tradução literal, palavra por palavra, pode prejudicar o texto. Devemos encontrar uma solução que conserve a originalidade do texto

rosiano sem deixá-lo incompreensível e incongruente em francês. Do mesmo modo, existem estruturas próprias do português que não podem ser traduzidas literalmente para o francês e tem que achar uma tradução satisfatória sem perder o tom do texto de Rosa.

As figuras de analogia, as metáforas e as comparações, em “A hora e a vez de Augusto Matraga”, remetem ao universo sertanejo, como quando Nhô Augusto é comparado a uma cascavel por Mãe Quitéria. Da mesma forma, os provérbios, as cantigas e as máximas são inseridas na cultura popular do sertão. Por exemplo, na cantiga: “*Sou como a ema, / Que tem penas e não voa...*”, a ema é uma ave que só existe na América do Sul. Assim, é necessário conservar essas referências ao traduzir, mas como se transpõe o texto para outro contexto cultural, a analogia ou a máxima devem ser acessível no novo contexto, senão perdem seu sentido e sua força. As figuras de repetição, isto é, as rimas, as justaposições ecóicas, as aliterações, também devem ser reproduzidas, mas é necessário fazê-lo na outra língua sem perder o sentido e isso pode se revelar difícil. É o caso, por exemplo, de “mofina e franzina”, com a rima em *-ina* ou de “Cresceu poeira, de peneira”, com a rima em *-eira*. São casos como esses que vão pedir uma solução criativa. No capítulo seguinte, veremos como foram resolvidos, ou não, os desafios aqui apresentados.

3 TRANSCRIAR ROSA

3.1 Os aspectos lexicais

Entre os aspectos textuais que pediram uma transcrição, citamos primeiramente os nomes próprios. Como foi analisado acima, o nome Matraga é importante porque traz várias possibilidades de interpretação e é uma criação do autor. Em francês, “*Maltraque*” conserve a ideia do mal que permite fazer a oposição entre o mal e o bem com o nome Joãozinho Bem-Bem, que não aparece no trecho traduzido, mas pediria uma transcrição também. *Traquer* traz uma ideia de caçar que não está no original, mas permite conservar uma ideia de movimento e a sonoridade do termo português. Aproxima-se da matraca, do verbo matraquear e do termo árabe *matraq* aos quais remete o nome em português segundo a análise de Meneses citada acima. Alguns nomes foram mantidos como no original, particularmente quando era mais sugestivo pelo som ou a forma que pelo significado, como preconizado por Rosa a seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason:

Quanto aos nomes próprios de lugares, penso que deveria traduzir muitos deles, principalmente os inventados, os quais devem funcionar pela própria capacidade sugestiva.

São, em geral, os que comparecem já com o “acento” no significado. O O Amigo facilmente verá e sentirá quais que lucram com a tradução. Estes, por exemplo, acho: a Virgem-Mãe, a Virgem-da-Lage, as Veredas-Tortas, as Veredas-Altas, o Verde-Alecrim, a Vereda do Ouriço, a Coruja, o Morro do Cocoruto, o Pé-da-Pedra, a Vereda da Vaca Mansa de Santa Rita [...]

Outros, toponímicos e onomásticos, lucrarão decerto ficando sem traduzir: pois valem por sugestivos pelo som ou pela forma: a Guararavacã do Guaicuí, a Barbaranha etc.

Uns e outros, podem ser mesmo, em certos casos, “adaptados”. Sei que o tradutor francês está fazendo assim, otimamente. Nos Estados-Unidos, deixaram tudo como no original – não gostei nada disso.

Às vezes, mesmo, tanto para nomes de pessoas como de lugares, quando compostos, ganhariam em interesse e sugestão pitoresca para o leitor, quando “semi-traduzidos”, mistos, traduzida uma parte do nome e deixada a outra como no original.

Assim, talvez, por exemplo: Pacamã-de-Presas (Pacamã é um peixe, presas = caninos (dentes)); Marcelinho-Pampa (pampa = cor de cavalo pintado, malhado); João Vaqueiro; Freitas-Macho; Joaquim Beijú; Pedro Pintado; Zé Beçudo; Urutu Branco. (ROSA, 2003: p. 165)

É o caso de “Dionóra”, “Orósio”, “Afonso”, “Tomázia”, entre outros. Quando o significado é importante, mas que a tradução do nome é transparente, nós preferimos conservar o nome como no original, trazendo assim uma informação cultural, como em “Ovídio”, “Angélica” ou mesmo “Augusto”. “Tião” é um hipocorístico de Sebastião, isto é sua forma abreviada de cunho popular e coloquial. Para que isso apareça em francês, transcriamos o termo em “*Tien*”, a partir do nome *Sébastien*. “Sariema”, como já mencionamos, é o nome de uma ave pernalta,

símbolo de Minas Gerais, de origem tupi. Por isso ficou como no original. “Quim Recadeiro” é um exemplo de semi-tradução, como é definida por Rosa, e se tornou “*Quim le Messenger*”. No que diz respeito aos topônimos, seguimos a mesma lógica: deixamos como no original os termos que eram mais sugestivos pelo som e a forma e traduzimos quando o significado trazia uma informação interessante, como podemos ver no quadro a seguir:

QUADRO I - TOPÔNIMOS

Texto em português	Texto em francês
das Pindaíbas	des Pindaíbas
do Saco-da-Embira	du Sac-d’Embira
no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici	dans le patelin de la Vierge Notre-Dame des Douleurs du Cours du Murici.
para a casa do Beco do Sem Ceroula	à la maison du Cul-de-sac du Sans Caleçon

Os neologismos, as palavras cujo prefixo ou sufixo tem efeito arcaizante, ou de uso pouco comum, pediram também uma transcrição. O quadro a seguir mostra alguns exemplos:

QUADRO II - NEOLOGISMOS

Texto em português	Texto em francês
senvergonha	sangêne
desdeixo	abandonnement
descavalgou	déchevaucha
desdeu o corpo	désaligna le corps
encachaçada	engnôle
arresistido	rebiffer

“Senvergonha” é uma composição por aglutinação de *sem* e de *vergonha*, o mesmo procedimento foi usado para criar a palavra “*sangêne*” em francês. “Desdeixo” é um substantivo formado a partir do prefixo *des-* e do verbo deixar. *Délaissement*, em francês, não é original e não pertence ao mesmo registro, apesar de seguir o mesmo modelo gramatical. Sabemos que uma das técnicas de Rosa é também de acrescentar um sufixo. Assim, acrescentamos o sufixo *-ment* ao substantivo *abandon*. A palavra *abandonnement* existe e significa, de acordo com o cnrtl.fr¹⁶: ação de abandonar uma pessoa, estado de uma pessoa

¹⁶ <http://www.cnrtl.fr/definition/abandonnement>, consultado em 13/11/2016.

abandonada. A palavra “descavalgou” foi traduzida por “*déchevaucha*”, seguindo exatamente o mesmo procedimento que o autor, já que não trazia nenhum problema de compreensão e era, portanto, possível. A palavra “desdeu” foi mais difícil, já que sua tradução literal daria “*dédonna*” e prejudicaria a compreensão do texto. Foi traduzido por “*désaligna*”, que apesar de não se tratar de um neologismo, conserve o prefixo *dés-* e não é usado normalmente nesse contexto. A palavra “encachaçada” não é exatamente um neologismo, mas a tradução francesa poderia ser *alcoolisée* que é muito comum e não é do mesmo registro. Assim, inventamos o termo “*engnôlée*” a partir da gíria *gnôle* transformada em particípio adjetival e o prefixo *en-*. Compensamos com esse neologismo o uso de uma palavra já existente no caso da tradução de “desdeu”. A palavra “arresistido”, criada a partir do particípio passado resistido com o prefixo *a-* corresponde a um padrão já existente em português, como mencionamos acima. Em francês, o prefixo *a-* também existe, mas não tem o mesmo efeito arcaizante que em português, significando “sem”. Por isso, traduzimos pela palavra do registro coloquial “*rebiffer*”.

No que diz respeito às palavras do léxico brasileiro, tendo sua origem nas línguas tupi ou africanas, algumas foram traduzidas para o francês, como “pirambeira” que se tornou “*crevasse*” em francês e “biboca” que foi traduzido por “*cavité*”, para não prejudicar a compreensão do texto. Mas conservamos outras, como “molambos”, que se originou do quimbundo¹⁷ e “taboca”, que vem do tupi.

3.2 Os aspectos gramaticais e sintáticos

Entre os aspectos gramaticais e sintáticos estudados, as inversões são uma das marcas principais do autor. Por isso, tentamos reproduzi-las, mesmo criando um estranhamento em francês, seguindo assim os ensinamentos de Benjamin e sacudindo a língua de chegada. É o que mostramos nos exemplos a seguir:

QUADRO III - INVERSÕES

Texto em português	Texto em francês
todo-o-mundo com elas querendo ficar	tout-le-monde avec elles voulant être
Beleza não tinham	De la beauté , elles n'en avaient pas
Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e a atormentar-lhe a cabeça	Mais beaucoup qu' elles étaient à tourner en sens contraires, et à lui tourmenter la tête

¹⁷ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Molambo>, consultado em 13/11/2016.

No entanto, no caso da frase “E, atrás, deram apoio os quatro guarda-costas”, conservando a ordem em francês, daria: “*Et, à l’arrière, apportèrent leur soutien les quatre gardes du corps*”. O resultado é confuso e não é bonito. Não traz um efeito poético, nem coloquial, nem mesmo erudito. Experimentamos conservar uma inversão colocando o objeto na frente: “*Et, à l’arrière, leur soutien, les quatre gardes du corps apportèrent*” ou “*Et, à l’arrière, les quatre gardes du corps leur soutien apportèrent*”. Optamos pela última forma e obtivemos uma rima.

No que diz respeito às estruturas inesperadas, com neologismos de função, mantivemos uma formulação incomum, mesmo se não seguimos exatamente o procedimento usado pelo autor, como podemos ver no quadro a seguir:

QUADRO IV - ESTRUTURAS INESPERADAS

Texto em português	Texto em francês
Insistiu fala mais forte	Il insista, parole plus forte
Alguns quiseram continuar vaia	Quelques-uns voulurent continuer la huée.
Indo de mudados	Ils vont en transbahutage

No primeiro exemplo, inserimos uma vírgula entre o verbo *insista* e o substantivo *parole* para evitar qualquer ambiguidade. No segundo, apesar de soar estranho, colocamos um substantivo, mas com um artigo, obrigatório em francês, e no plural. No último exemplo, modificamos mais a estrutura da frase, mas decidimos usar o neologismo “*transbahutage*”, construído a partir do verbo “*transbahuter*”, que pertence à linguagem coloquial e significa “transportar, mudar”¹⁸.

As duplicações de termos sinônimos ou do mesmo termo numa estrutura tripartida foram reproduzidas. Assim, “Siá Dona” foi traduzido por “*M’dame Dona*”, “acabar de acabar” por “*finir de finir*” e “fim no fim” por “*à la fin de fin*”. As estruturas pleonásticas com “que” e o verbo ser, tipicamente do português brasileiro, foram traduzidas quando era possível por “*c’est que*” como na frase “Por que **é que** o pai não gosta de nós, mãe?” (grifo nosso) que se tornou “*Pourquoi c’est que papa ne nous aime pas, maman ?*”.

¹⁸<http://www.cnrtl.fr/definition/transbahuter>, consultado em 13/11/2016.

As estruturas parentéticas em “A hora e a vez de Augusto Matraga” aparecem geralmente entre travessão e foram mantidas em francês da mesma forma, como mostram os exemplos do quadro a seguir:

QUADRO V - ESTRUTURAS PARENTÉTICAS

Texto em português	Texto em francês
Nhô Augusto — o homem —	Ou Sieur Augusto — l’homme —
aquele povo encapetado não tinha — pelo menos para o pobre namorado — nenhuma razão de existir	ce peuple endiablé n’avait — du moins pour le pauvre enamouré — aucune raison d’exister.
a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e dengosa — que se soverteu na montoeira	l’autre – l’Angélique noire se moquant, sangêne et enjôleuse – qui s’escamota dans l’attroupeement

Mantivemos também a pontuação quando essa servia para sublinhar o tom oral do texto, como, por exemplo, as numerosas reticências, as reticências que aparecem junto com os pontos de exclamação ou de interrogação. As palavras justapostas por meio de um hífen foram reproduzidas da mesma forma em francês. Por exemplo, “todo-o-mundo” foi traduzida por “*tout-le-monde*”, “um qualquer-um” por “*un n’importe-qui*”. Quando é preciso acrescentar uma preposição ou um artigo em francês, também foi acrescentado um hífen: “pouco caso” se torna “*peu de cas*” e “de bruços” “*sur-le-côté*”.

As estruturas progressivas foram normalmente traduzidas por um imperfeito em francês. As estruturas típicas do português que não podem ser traduzidas literalmente em francês, correndo o risco senão de ficar confuso e incongruente, foram adaptadas para o francês, como podemos ver no quadro seguinte:

QUADRO VI: ESTRUTURAS TÍPICAS DO PORTUGUÊS

Texto em português	Texto em francês
que o leilão é de santo!...	parce que c’est une vente sainte !...
bem que ela o quisacompanhar.	elle aurait bien voulu l’accompagner.
que eu hoje não preciso deles, não.	qu’aujourd’hui non, j’ai pas besoin d’eux.
pelo que, dali a pouco,teve vontade de chorar	c’est pourquoi peu après, elle eut envie de pleurer.
só tinha por que se alegrar	elle ne pouvait que s’en réjouir
com ele ainda pequeno	quand il était encore petit
não era p’ra chefe de família	il n’était pas fait pour être chef de famille
Queria omenino p’ra padre	Elle voulait que le gamin se fasse curé

3.3 Os recursos poéticos e retóricos

As onomatopeias em “A hora e a vez de Augusto Matraga” não aparecem na forma de verbo, como é o caso em outras obras de Rosa. A questão que podemos fazer é se as traduzimos ou se as deixamos em português. Traduzimos as mais comuns: “Úi” em “Ouille” e “Bau-bau!” em “Ouh ! Ouh !”. Deixamos como no original a onomatopeia “lept!... lept!...”.

No que diz respeito ao paralelismo e as justaposições ecóicas, não conseguimos reproduzi-las de forma exata em todos os casos, mas em todos os casos, foi conservado uma repetição de sons iguais ou próximos, como podemos ver no quadro seguinte:

QUADRO VII - PARALELISMOS E JUSTAPOSIÇÕES ECÓICAS

Texto em português	Texto em francês
Procissão entrou, reza acabou	Procession rentrée, prière terminée
uma meninice à louca e à larga	une enfance désaxée et débridée
Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto.	Plus écervelé, échevelé et sans règle, Sieur Augusto devenait
mo fina e franzina	fragile et affligée
diligente e contente	diligent et content
Cresceu poeira, de peneira.	S'éleva une poussière fine , en bruine.

No primeiro exemplo, para manter o paralelismo e a concisão da frase, transformamos o verbo conjugado no pretérito perfeito num participio passado em francês. No segundo exemplo, não conservamos a estrutura “à + adjetivo” do português, traduzimos por dois adjetivos começando pela mesma sílaba “dé”. No terceiro exemplo, os dois adjetivos começam em português por “est-”. Em francês, traduzimos por um adjetivo começando por “éce-” e outro começando por “éche-”, conseguindo uma sonoridade próxima entre os dois adjetivos. No quarto exemplo, não reproduzimos a rima, mas temos a reprodução dos sons “f”, “l”, “z” e “a”. No quinto e sexto exemplo, conservamos a rima, mas no último caso, precisamos acrescentar um adjetivo para isso.

No caso das comparações e das metáforas, mantivemos as referências a elementos do sertão brasileiro, traduzindo quando existia um termo em francês, e deixando como no original quando não existia, como podemos ver no quadro a seguir:

QUADRO VIII - FIGURAS DE ANALOGIA

Texto em português	Texto em francês
Nhô Augusto era couro ainda por curtir	Sieur Augusto était du cuir pas encore tanné
Você tem perna de manuel-fonseca , uma fina e outra seca!E está que é sóosso, peixe cozido sem tempero...	Tu as des jambes de manuel-fonseca , l'une fine et l'autre sèche ! Et tellement que tu n'es qu'os, poisson cuit sans assaisonnement...
Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede	Les gourdins tombaient sur le cavalier, comme des ruades de matrinchãs dans les filets
este homem deve de ser ruim feitocascavel barreada em buraco	cet homme doit être mauvais comme un crotale glaisé dans un trou

No segundo exemplo, a frase seguinte explica a comparação feita por Nhô Augusto, o que permite conservar a imagem sem traduzir “manuel-fonseca”. No caso de “matrinchãs”, dá para entender que se trata de peixes, por causa da referência à rede.

A cultura popular aparece nas cantigas que Rosa insere ao longo do texto, começando pela epígrafe. Como mostra o quadro abaixo, ao traduzir essas cantigas, o objetivo foi manter o léxico e a sintaxe da linguagem popular, o ritmo e as rimas.

QUADRO IX - CANTIGAS

Texto em português	Texto em francês
“ <i>Eu sou pobre, pobre, pobre, vou-me embora, vou-me embora</i> <i>Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...</i> ”	« <i>Je suis pauvre, pauvre, pauvre, je me barre, je me barre</i> <i>Je suis riche, riche, riche, je me barre d'ici !... »</i>
<i>Mariquinha é como a chuva: boa , p'ra quem quer bem! Ela vem sempre de graça, só não sei quando ela vem...</i>	<i>Mariquinha est comme la pluie :</i> <i>bonne, pour ceux qui veulent bien !</i> <i>Elle vient toujours gratuit,</i> <i>Je sais juste pas quand elle vient...</i>
“ <i>Ei, compadre, chegadoinho, chegou...</i> <i>Ei, compadre, chega mais um bocadinho!...</i> ”	« <i>Hé, compère, mon ami, tu t'es ramené...</i> <i>Hé, compère, ramène-toi encore un p'tit peu ! »</i>
<i>Sou como a ema, Que tem penas e não voa...</i>	<i>Je suis comme le nandou,</i> <i>J'ai des plumes mais j'vole pas du tout</i>

Além das cantigas, a cultura, a sabedoria e a produção poética do povo do sertão aparecem através dos provérbios, dos ditados e das máximas, ao longo do conto e na epígrafe

de novo. Mantivemos a imagem criada normalmente a partir das experiências dos sertanejos, assim como as figuras de analogias. Podemos ver no quadro X que é preciso modificar a estrutura para ser inteligível em francês e para lembrar uma máxima.

QUADRO X - PROVÉRBIOS, DITADOS E MÁXIMOS

Texto em português	Texto em francês
<i>“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.”</i>	<i>« La grenouille ne saute pas par beauté, mais plutôt par nécessité. »</i>
Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo...	Qui dit affaire d’église dit punition, c’est pas un jouet...
Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos... Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia...	Le sort n’est jamais d’une seule personne, c’est de deux, c’est de tous... Le sort naît chaque matin, et il est déjà vieux à midi...
Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...	Pourvu que le hibou trouve un intérêt à ta porte !...
passaria umas rodadas sem jogar fazendo umas férias na vida	passerait quelques tours sans jouer, prenant des vacances dans la vie
para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro	pour celui qui ne sort pas, à temps, de sur les rails, même le sifflet du train est de mauvaise augure

Assim, no primeiro exemplo, reproduzimos a estrutura, apesar de soar estranho em francês, porque continua inteligível e interessante. Em português, o autor escreve “percisão” invés de “precisão” e, por isso, transformamos a palavra “*nécessité*” em “*nécessitude*”, um neologismo criado mudando o sufixo e que dá um tom mais popular. No segundo exemplo, acrescentamos a expressão “*qui dit... dit*” para dar a ideia de uma verdade geral, estabelecida. No terceiro exemplo, acrescentamos a palavra “*personne*” para frase parecer completa, o que não seria o caso em francês sem o substantivo. Nos três últimos exemplos, temos uma tradução mais próxima do original.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, começamos por mostrar que a linguagem de Rosa nasce do ponto de vista metafísico que ele tem desta, e da necessidade que ele sente de renovar a língua portuguesa por meio da literatura a fim de transformar o mundo. Mostramos que suas criações, tanto lexicais quanto sintáticas seguem padrões já existentes na língua portuguesa, mas que pertencem mais à linguagem popular que à linguagem padrão. As figuras de linguagem usam também referências fazendo parte do universo cotidiano do sertão: a flora e a fauna, os objetos de uso frequente, suas atividades. Mostramos mais especialmente como esses procedimentos aparecem em “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

Na segunda parte, apresentamos as teorias de Walter Benjamin e Haroldo de Campos sobre tradução e mostramos como são particularmente adaptadas para traduzir Rosa. De fato, seu processo de escritura se aproxima dos processos criativos descritos pelos dois teóricos. Assim, se queremos obter uma tradução satisfatória de sua linguagem, não se pode fazer uma tradução literal, palavra por palavra, ou fiel ao significado, já que a forma tem um papel essencial na escrita de João Guimarães Rosa. Assim, mostramos como somente a transcrição podia nos ajudar a resolver as dificuldades de tradução encontradas em “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

Finalmente, mostramos como resolvemos os problemas de tradução em prática, graças ao estudo das particularidades da linguagem de Rosa, que nos ajudou a reproduzi-las na língua francesa. Assim, demonstramos que a transcrição representa uma metodologia de tradução que podemos seguir para traduzir as obras literárias nas quais a forma tem um papel preponderante sem, contudo, prejudicar sua inteligibilidade e seu sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”, in *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Organização: Lucia Castello Branco. Belo Horizonte: Fale / UFMG, 2008, p.66-81.
- _____. “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana”. In: *Escritos sobre mitos e linguagem*. Organização: Jeanne Marie Gagnebin. Tradução: Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2011, p.49-73.
- CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. Organização: Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega, 1.ed., São Paulo: Perspectiva, 2013
- CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”, in *Ciência e cultura*, v. 24, p. 803-809, 1972.
- DANIEL, Mary Lou, *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Livraria José Olympio Editôra: Rio de Janeiro, 1968.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.
- LAGES, Susana Kampff. “‘A tarefa do tradutor’ e o seu duplo: a Teoria da Linguagem de Walter Benjamin como Teoria da Traduzibilidade”. In *Cadernos de Tradução*, v. 1, n. 3, p.63-88, 1998.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MENESES, Adélia Bezerra de. “A hora e a vez de Augusto Matraga ou ‘de como alguém se torna o que é’”. In *Literatura e Sociedade*, n. 10, p. 64-80, 2007.
- PASSARELLI, Paula. “O trágico em “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa”. In *Ao pé da letra*, v. 4.1, p. 1-8, julho de 2002.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*. Volume I. Organização: Eduardo F. Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2009.

- _____ . *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason (1958-1967)*. Organização: Maria Aparecida F. Marcondes Bussolotti, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: ABL; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.
- SCHNAIDERMAN, Boris. “Haroldo de Campos, poesia russa moderna, transcrição”. *In REVISTA USP*, São Paulo, n.59, p. 172-180, setembro/novembro 2003.
- XISTO, Pedro. “À busca da poesia”, *in Revista do Livro*, nº 21-22, março-junho, 1961, pp. 9-30.

ANEXOS

Anexo 1 – Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusto Matraga” - versão 4p.46

Anexo 2 – Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusto Matraga” - versão 3.....p.66

Anexo 3 – Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusto Matraga” - versão 1 e 2 ..p.87

Anexo 1 – Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusta Matraga” - versão 4

Texto em português	Texto em francês – Versão 4
<p style="text-align: center;"><i>“Eu sou pobre, pobre, pobre, vou-me embora, vou-me embora Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...” (Cantiga antiga.) “Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.” (Provérbio capiau.)</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>« Je suis pauvre, pauvre, pauvre je me barre, je me barre Je suis riche, riche, riche, je me barre d’ici !... » (Chanson populaire ancienne.) « La grenouille ne saute pas par beauté, mais plutôt par nécessité. » (Proverbe péon)</i></p>
<p>A hora e vez de Augusto Matraga</p> <p>Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.</p> <p>Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.</p> <p>Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachada de fim de festa.</p> <p>E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem</p>	<p>L’heure et le tour d’Augusto Maltraque</p> <p>Maltraque n’est pas Maltraque, il n’est rien. Maltraque est Estêves. Augusto Estêves, fils du Colonel Afonso Estêves, des Pindaibas et du Sac-d’Embira. Ou Sieur Augusto - l’homme - en cette nuit de neuvaine, dans une vente aux enchères derrière l’église, dans le patelin de la Vierge Notre Dame des Douleurs du Cours du Murici.</p> <p>La procession entra, la prière termina. Et la vente aux enchères avance vite et s’éteignit, sans émotion, car les braves gens s’en allèrent, presque tous d’un coup.</p> <p>Mais le crieur était resté sous la tente, mangeant un cône d’amandes et se raclant la gorge enrouée, bloqué par une foule engnôlée de fin de fête.</p> <p>Et, au premier rang, serrés contre le petit balcon, bien illuminées</p>

iluminadas pelas candeias de meialaranja, as duas mulheres-à-toa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram só duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.

Beleza não tinham: Angélica era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia. Mas, perto, encostado nela outra, um capiau de cara romântica subia todo no sem-jeito; eles estavam se gostando, e, por isso, aquele povo encapetado não tinha — pelo menos para o pobre namorado — nenhuma razão de existir. E a cada momento as coisas para ele pioravam, com o pessoal aos gritos:

— Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão!...

— Bota no leilão! Bota no leilão...

A das duas raparigas que era branca e que tinha pescoço fino e pernas finas, e passou a chamar-se, imediatamente, Sariema — pareceu se assustar. O capiau apaixonado deixou fuchicar, de cansaço, o meio-riso que trazia pendurado. E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender.

— Dou cinco mil-réis!

— Sariema! Sariema!

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no

par les bougies de demi-oranges, les deux femmes-de-vie trouvaient à tout un esprit énorme, parce qu'elles étaient deux et donc très disputées, tout-le-monde voulant être avec elle.

De la beauté, elles n'en avaient pas : Angélica était noire et plus ou moins éclopée, et seule l'autre faisait l'affaire. Mais, tout près, appuyé contre l'autre-là, un péon à la figure romantique se perchait tout maladroit ; ils s'aimaient bien, et pour cela, ce peuple endiablé n'avait - du moins pour le pauvre enamouré - aucune raison d'exister. Et à tout moment, les choses pour lui empiraient, avec la foule qui criait :

— Qui va remporter Sariema? Allez, Tien ! Mets Sariema en vente !...

— Mets-la en vente ! Mets-la en vente...

Celle des deux filles qui était blanche et avait le cou fin et les jambes fines, et se fit appeler, immédiatement, Sariema – eut l'air de s'affoler. Le péon amoureux laissa flancher, de fatigue, le demi-sourire qu'il portait pendu. Et le marchand demandait du bon sens ; mais personne ne voulait l'écouter.

— Je donne cinq mille-réis !

— Sariema ! Sariema !

Et, alors, soudain, il y eut un mouvement de gens, et Sieur Augusto, altier, le torse large, en habits de deuil, marchant sur les pieds des autres et avec les bras en tension, angulant les coudes, balaya le devant de la foule, dévisagea Sariema et lui mit le doigt

<p>queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:</p> <p>— Cinquenta mil-réis!...</p> <p>Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.</p> <p>— Nhô Augusto! Nhô Augusto!</p> <p>E insistiu fala mais forte:</p> <p>— Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas — dou-lhe três!</p> <p>Mas, nisso, puxaram para trás a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e dengosa — que se soverteu na montoeira, de braço em braço, de rolo em rolo, pegada, manuseada, beliscada e cacarejante:</p> <p>— Virgem Maria Puríssima! Úi, pessoal!</p> <p>E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:</p> <p>— Respeito, gente, que o leilão é de santo!...</p> <p>— Bau-bau!</p> <p>— Me desprezo! Me desprezo desse herege!... Vão coçar suas costas em parede!... Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo...</p>	<p>sur le menton. Après, avec une voix de midi, brailla au marchand Tien :</p> <p>— Cinquante mille-réis !...</p> <p>Il se tint les mains sur la taille, sans montrer son visage au peuple, mais posant pour les applaudissements.</p> <p>— Sieur Augusto ! Sieur Augusto !</p> <p>Et il insista, parole plus forte :</p> <p>— Cinquante mille-réis, j’ai dit ! Une fois ! Deux fois ! Deux fois – trois fois !</p> <p>Mais, là, ils poussèrent en arrière l’autre – l’Angélique noire se moquant, sangêne et enjôleuse – qui s’escamota dans l’attroupement, de bras en bras, de tas en tas, prise, manipulée, pincée, et caquetant :</p> <p>— Vierge Marie Purissime ! Ouille, les gens !</p> <p>Et seulement alors, Tien le marchand trouva le courage de s’imposer :</p> <p>— Du respect, les gens, parce que c’est une vente sainte !...</p> <p>— Ouh ! Ouh !</p> <p>— J’m’en fous ! J’m’en fous de cet hérétique !... Allez vous gratter le dos au mur !... Qui dit affaire d’église dit punition, c’est</p>
--	--

Deix'passar!... Dá enxame, gente! Dá enxame!...

Alguns quiseram continuar vaia, mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia:

— Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo... Abre, abre, deixa o Tião passar!

Então, surpresos, deram caminho, e o capiau amoroso quis ir também:

—Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão... E sua voz baixava, humilde, porque para ele ela não era a Sariema. Pôs três dedos no seu braço, e bem que ela o quis acompanhar. Mas Nhô Augusto separou-os, com uma pranchada de mão:

—Não vai, não!

E, atrás, deram apoio os quatro guarda-costas:

—Tem areia! Tem areia! Não vai, não!

— É do Nhô Augusto... Nhô Augusto leva a rapariga! — gritava o povo, por ser barato. E uma voz bem entoada cantou de lá, por cantar:

*Mariquinha é como a chuva:
boa , p'ra quem quer bem!
Ela vem sempre de graça,*

pas un jouet... Lais'spasser !... Ça fourmille, les gens ! Ça fourmille !...

Quelques-uns voulurent continuer la huée, mais le propre Sieur Augusto étouffa les moqueries :

— Cloche et saint, c'est pas du pagode, peuple ! Je vais dans le juste... Ouvre, ouvre, laisse passer Tien !

Alors, surpris, ils lui firent un passage, et le péon amoureux voulut partir aussi :

— On s'en va, Tomázia, profitons de la confusion... Et sa voix baissait, humble, parce que pour lui elle n'était pas Sariema. Il mit trois doigts sur son bras, et elle aurait bien voulu l'accompagner. Mais Sieur Augusto les sépara, avec une calotte pareille à une planche :

— Ah non, elle part pas !

Et à l'arrière, les quatre gardes du corps leur soutien apportèrent leur soutien :

— Y a du grabuge ! Y a du grabuge ! Elle part pas !

— Elle est à Sieur Augusto... Sieur Augusto emporte la donzelle ! — criait le peuple, parce que c'était drôle. Et une voix bient entonnée chanta de là, juste pour chanter :

*Mariquinha est comme la pluie :
bonne, pour ceux qui veulent bien !
Elle vient toujours gratuit,*

<p><i>só não sei quando ela vem...</i></p> <p>Aí o povaréu aclamou, com disciplina e cadência:</p> <p>— Nhô Augusto leva a Sariema! Nhô Augusto leva a Sariema!</p> <p>O capiauzinho ficou mais amarelo. A Sariema começou a querer chorar. Mas Nhô Augusto, rompente, alargou no tal três pescoções:</p> <p>— Toma! Toma! E toma!... Está querendo?...</p> <p>Ferveram faces.</p> <p>— Que foi? Que foi?...</p> <p>— Deix'eu ver!...</p> <p>— Não me esbarra, filho-da-mãe!</p> <p>E a agitação partiu povos, porque a maioria tinha perdido a cena, apreciando, como estavam, uma falta-de-lugar, que se dera entre um velho — “Cai n'água, barbado!” — e o sacristão, no quadrante noroeste da massa. E também no setor sul estalara, pouco antes, um mal-entendido, de um sujeito com a correia desafivelada lept!... lept!... —, com um outro pedindo espaço, para poder fazer sarilho com o pau.</p> <p>— Que foi, hein?... Que foi?</p> <p>Foi o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro cacundeiros</p>	<p><i>Je sais juste pas quand elle vient...</i></p> <p>Alors la populace acclama, avec discipline et cadence :</p> <p>— Sieur Augusto emporte Sariema ! Sieur Auguste emporte Sariema !</p> <p>Le petit péon jaunait encore. Sariema commença à vouloir pleurer. Mais Sieur Augusto, imposant, cogna le type trois fois au cou :</p> <p>— Prends ça ! Prends ça ! Et ça !... T'en veux ?...</p> <p>Des faces s'échauffèrent.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a ? Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>— Laisse-moi voir !...</p> <p>— M'pousse pas, fils-de-ta-mère !</p> <p>Et l'agitation divisa les peuples, parce que la majorité avait perdu la scène, appréciant, comme ils le faisaient, un manque-de-place qui s'était fait entre un vieux – « Tombe dans l'eau, barbado ! » – et le sacristain, dans le quart nord-ouest de la foule. Et aussi dans le secteur sud, avait éclaté, peu avant, un malentendu entre un individu avec la bretelle détachée lept !... lept !... – et un autre demandant de l'espace, pour pouvoir faire tourner son bâton.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a, hein ?... Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>C'est le petit péon qui ramassait, taloché par les quatre sbires de</p>
---	--

de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo, que também queria estapear.

— Viva Nhô Augusto!

—Te apessoa para cá, do meu lado! — e Nhô Augusto deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar.

—Vamos andando.

Passaram entre alas e aclamações dos outros, que, aí, como não havia mais mulheres, nem brigas, pegaram a debandar ou a cantar:

*“Ei, compadre, chegadinho, chegou...
Ei, compadre, chega mais um bocadinho!...”*

Nhô Augusto apertava o braço da Sariema, como quem não tivesse tido prazo para utilizar no capiau todos os seus ímpetos:

— E é, hein?... A senhora dona queria ficar com aquele, hein?!

— Foi, mas agora eu gosto é de você., O outro eu mal-e mal conheci...

Caminharam para casa. Mas para a casa do Beco do Sem Ceroula, onde só há três prédios — cada um deles com gramofone tocando, de cornetão à janela e onde gente séria entra mas não passa.

Sieur Augusto, et poussé dans le dense du peuple, qui voulait aussi le talocher.

— Vive Sieur Augusto !

— Amène-toi par ici, à mes côtés ! — et Sieur Augusto tendit le bras à la donzelle, qui arrêta de larmoyer.

— Allons à pied.

Ils passèrent entre allées et acclamations des autres qui, comme il n’y avait plus de femmes, ni de bagarres, commencèrent alors à se débander ou à chanter :

*« Hé, compère, mon ami, tu t’es ramené...
Hé, compère, ramène-toi encore un p’tit peu ! »*

Sieur Auguste serrait le bras de Sariema, comme quelqu’un qui n’aurait pas eu le temps d’utiliser sur le péon toutes ses provocations :

— Alors c’est vrai, hein ?... Vous dona, vous vouliez être avec celui-là, hein ?!

— Oui, mais maintenant, celui que j’apprécie, c’est toi... L’autre, je l’ai juste-juste connu...

Ils marchèrent jusqu’à la maison. Mais à la maison du Cul-de-sac du Sans Caleçon, où il y a seulement trois bâtisses – chacune d’entre elles avec un gramophone en marche, au grand cornet à la fenêtre et où les gens sérieux entrent mais ne restent pas.

Nisso, porém, transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em nome-do-padre, para saudar a porta da igreja. Mas o lugar estava bem alumado, com lanterninhas e muita luz de azeite, pendentos dos arcos de bambu. E Nhô Augusto olhou a mulher.

— Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p'ra mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora, frango-d'água! Some daqui!

E, empurrando a rapariga, que abriu a chorar o choro mais sentido da sua vida, Nhô Augusto desceu a ladeira sozinho — uma ladeira que a gente tinha de descer quase correndo, por que era só cristal e pedra solta.

Lá em baixo, esbarrou com o camarada, que trazia recado de Dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos desse um pulo até lá — à casa dele, de verdade, na Rua de Cima, — porque ainda havia muito arranjo a ultimar para a viagem, e ela — a mulher, a esposa — tinha uma ou duas coisas por perguntar...

Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro acabar de acabar:

— Desvira, Quim, e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou! ... Você apronta os animais, para voltar amanhã com Siá Dionóra mais a menina, para o Morro Azul. Mas, em antes, você sobe por aqui, e vai avisar aos meus homens que eu hoje não preciso deles, não.

E o Quim Recadeiro correu, com o recado, enquanto Nhô Augusto

Là-dessus, cependant, ils traversaient le parvis, et Sieur Auguste s'arrêta, retirant son chapeau et faisant un au nom-du-père, pour saluer la porte de l'église. Mais le lieu était bien éclairé, avec de petites lanternes et beaucoup de lampes à huile, pendues aux arcs de bambou. Et Sieur Auguste regarda la femme.

— Quoi?!... Tu as des jambes de manuel-fonseca, l'une fine et l'autre sèche ! Et tellement que tu n'es qu'os, poisson cuit sans assaisonnement... Foin pour moi, avec une de ces apparitions ! Va-t-en, poule d'eau ! Disparais !

Et, poussant la donzelle, qui se mit à pleurer le pleur le plus ressenti de sa vie, Sieur Augusto descendit la pente tout seul — une pente qu'on devait descendre presque en courant, parce qu'elle n'était que cristal et pierre branlante.

Là en bas, il buta contre le camarade qui apportait un message de Dona Dionóra : que Sieur Augusto revienne, ou au moins qu'il fasse un saut jusque-là — chez lui, pour de vrai, dans la Rue d'en Haut, — parce qu'il y avait encore beaucoup de préparatifs à finaliser pour le voyage, et elle — la femme, l'épouse — avait une ou deux choses à lui demander...

Mais Sieur Augusto ne laissa même pas le messenger finir de finir :

— Demi-tour, Quim, et donne le message à l'envers : moi, j'veis pas là-bas !... Tu prépares les animaux, pour rentrer demain avec M'dame Dionóra, plus la petite, au Mont Bleu. Mais, en premier, tu montes par là, et tu vas prévenir mes hommes qu'aujourd'hui non, j'ai pas besoin d'eux.

Et Quim le Messenger courut, avec le message, pendant que Sieur

ia indo em busca de qualquer luz em porta aberta, aonde houvesse assombros de homens, para entrar no meio ou desapartar.

Era fim de outubro, em ano resseco. Um cachorro soletrava, longe, um mesmo nome, sem sentido. E ia, no alto do mato, a lentidão da lua.

Dona Dionóra, que tinha belos cabelos e olhos sérios, escutou aquela resposta, e não deu ar de seus pensamentos ao pobre camarada Quim. Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e a atormentar-lhe a cabeça, e ela estava cansada, pelo que, dali a pouco, teve vontade de chorar. E até a Mimita, que tinha só dez anos e já estava na cama, sorriu para dizer:

— Eu gosto, minha mãe, de voltar para o Morro Azul...

E então Dona Dionóra enxugou os olhos e também sorriu, sem palavra para dizer. De voltar para o retiro, sem a companhia do marido, só tinha por que se alegrar. Sentia, pelo desdixo. Mas até era bom sair do comércio, onde todo o mundo devia estar falando da desdita sua e do pouco-caso, que não merecia.

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaibas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres,

Augusto partait à la recherche d'une lumière quelconque à une porte ouverte, où il y aurait des échauffourées d'hommes, pour entrer au milieu ou les séparer.

C'était fin octobre, d'une année sèche. Un chien épelait, au loin, un même nom, sans aucun sens. Et avançait, en haut de la butte, la langueur de la lune.

Dona Dionóra, qui avait de beaux cheveux et des yeux sérieux, écouta cette réponse, et ne donna pas l'air de ses pensées au pauvre camarade Quim. Mais beaucoup qu'elles étaient à tourner en sens contraires, et à lui tourmenter la tête, et elle était fatiguée, c'est pourquoi peu après, elle eut envie de pleurer. Et même Mimita, qui avait juste dix ans et était déjà au lit, sourit pour dire :

— Ça me plaît, maman, de retourner au Mont Bleu...

E alors, Dona Dionóra s'essuya les yeux et sourit aussi, sans mot dire. De retourner au gîte, sans la compagnie du mari, elle ne pouvait que s'en réjouir. Elle était triste, de l'abandonnement. Mais c'était quand même bon de sortir du commerce, où tout le monde devait parler de sa détresse et du peu-de-cas, qu'elle ne méritait pas.

Et elle connaissait et craignait les accès de Sieur Augusto. Dur, fou et sans retenue, comme une grande bête de la brousse. Et, à la maison, toujours refermé sur lui-même. Ni même à la petite, il s'intéressait. Elle, Dionóra, il l'aimait bien, parfois ; sa bouche, ses chairs. C'est tout. Sinon, toujours avec ses hommes de main, avec des femmes égarées, avec ce qu'il y avait de pire. À la fazenda — au Sac-d'Embira, aux Pindaibas, ou au gîte du Mont Bleu — il

outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até a meio caminho direito.

Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai panacrácio. E ela, Dionóra, tivera culpa, por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar.

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca.

Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na idéia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.

Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido. Mas, quem sabe se não era melhor se entregar à sina, com a proteção de Deus, se não fosse pecado... Fechar os olhos.

E o outro era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a

avait d'autres plaisirs, d'autres femmes, le jeu du trut et les chasses. Et sans effet, elles étaient toujours, les prières et les promesses, avec lesquelles elle prétendait le ramener, au moins, jusque dans un demi-droit chemin.

C'était comme ça depuis tout petit, une enfance désaxée et débridée, de fils unique au père panouillon. Et elle, Dionóra, avait été fautive d'avoir contrarié et défié toute la famille, pour se marier.

Maintenant, avec la mort du Coronel Afonso, tout avait empiré, encore plus. Y avait même plus à y penser. Plus écervelé, échevelé et sans règle, devenait Sieur Augusto. Et avec des dettes énormes, la politique du côté qui perd, un manque de crédit, les terres à la débandade, les fazendas mises en gage, et le tout à créer de l'anxiété pour après, sans portes, comme un mur blanc.

Dionóra l'avait aimé trois ans, deux ans elle les avait laissés au doute, et l'avait supporté le reste du temps. Maintenant, toutefois, un autre était apparu. Non, juste de mettre ça dans ses idées, elle avait déjà peur... Pour elle et pour sa fille... Une peur immense.

Si elle y allait, si elle acceptait de partir avec l'autre, Sieur Augusto était capable de la tuer. Pour ça, oui, il était bon. Il tuait, pour de bon, comme il avait réglé son compte à l'homme à la faux, payé pour venger quelque offensé. Mais, qui sait si ce n'était pas mieux de se livrer à la chance, avec la protection de Dieu, si ce n'était pas un péché... Fermer les yeux.

Et l'autre, il était différent ! Il l'aimait, beaucoup... Plus que ce que lui-même disait, plus que ce que lui-même savait, à la manière

gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada, para chamar pelo seu nome: ...Dionóra... “Dionóra, vem comigo, vem comigo e traz a menina, que ninguém não toma vocês de mim!...” Bom... Como um sonho... Como um sono...

Dormiu.

E, assim, mal madrugada escassa, partiram as duas — Dona Dionóra, no cavalo de silhão, e a Mimita, mofina e franzina, carregada à frente da sela do camarada Quim.

Pernoitaram no Pau Alto, no sítio de um tio nervoso, que riscava a mesa com as unhas e não se cansava de resmungar:

— Fosse eu, fosse eu... Uma filha custa sangue, filha é o que tem de mais valia...

— Sorte minha, meu tio...

— Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos... Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia...

— Culpa eu tive, meu tio...

— Quem não tem, quem não teve? Culpa muita, minha filha... Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um lesão, não era p'ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar,

dont on doit aimer. Et il avait une grande force, d'amour silencieux, et une patience chaude, chantée, pour l'appeler par son nom : ...Dionóra... « Dionóra, viens avec moi, viens avec moi et amène la petite, que personne vous tirera de moi !... » Bon... Comme un rêve.... Comme un rêve...

Elle s'endormit.

Et, ainsi, l'aube tout juste raréfiée, les deux partirent — Dona Dionóra, sur le cheval sellé, et Mimita, affligée et fragile, hissée au devant de la selle du camarade Quim.

Ils passèrent la nuit au Pau Alto, dans la ferme d'un oncle nerveux, qui grattait la table avec les ongles et ne se lassait pas de bougonner :

— Si c'était moi, si c'était moi... Une fille coûte du sang, une fille est ce qui a le plus de valeur...

— C'est mon sort, mon oncle...

— Le sort n'est jamais d'une seule personne, c'est de deux, c'est de tous... Le sort naît chaque matin, et est déjà vieux à midi...

— Fautive, je l'ai été, mon oncle...

— Qui ne l'est pas, qui ne l'a pas été ? Beaucoup de faute, ma fille... La mère de Sieur Augusto est morte, quand il était encore petit... Ton beau-père était niais, il était pas fait pour être chef de famille... Un père, c'est comme si Sieur Augusto n'en avait pas... Un oncle était criminel, de plus d'un mort, qui vivait caché, là au Sac-d'Embira... Celle qui a élevé Sieur Augusto, c'est la grand-

rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha...

De manhã, com o sol nascendo, retomaram a andadura. E, quando o sol esteve mais dono de tudo, e a poeira era mais seca, Mimita começou a gemer, com uma dor de pontada, e pedia água. E, depois, com um sorriso tristonho, perguntava:

— Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?

E o Quim Recadeiro ficava a bater a cabeça, vez e vez, com muita circunspeção tola, em universal assentimento.

Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava seu Ovídio Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso.

— Dionóra, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há-de me ver!

Mas Dona Dionóra foi tão pronta, que ele mesmo se espantou.

— Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger...

Seu Ovídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás. E, quando chegaram no pilão-d'água do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho da direita, estugou o cavalo e ainda gritou, para corrigir:

— Volta para trás, minha patroa, que o caminho por aí é outro!

mère... Elle voulait que le gamin se fasse curé... Prier, prier, tout le temps, bondieuserie et litanie...

Le matin, avec le lever du soleil, ils reprirent la marche. Et, quand le soleil fut plus maître de tout, et la poussière plus sèche, Mimita commença à gémir, avec un point de côté, et elle demandait de l'eau. Et, après, avec un sourire un peu triste, elle demandait :

— Pourquoi c'est que papa ne nous aime pas, maman?

Et Quim le Messenger se tapait la tête, encore et encore, avec beaucoup de circonspection sotté, en un assentiment universel.

Mais, au passage de la brèche du Bougre, là-bas était M'sieur Ovídio Moura, qui avait su, sûrement, de ce voyage de retour.

— Dionóra, tu viens avec moi... Ou je pars tout seul dans ce monde, et jamais plus tu dois me voir !

Mais Madame Dionóra fut si prête, que lui-même fut stupéfié.

— Sieur Augusto est capable de nous tuer, M'sieur Ovídio... Mais je vais avec vous, et j'y reste, tant que Dieu nous protège...

M'sieur Ovídio prit la petite fille des bras de Quim, qui n'avait rien entendu ou compris et se mit à chevaucher loin derrière. Et, quand ils arrivèrent au pilon-d'eau de Mendonça, où il y a un embranchement, et le camarade vit que les autres prenaient le chemin de droite, il hâta le cheval et cria encore, pour les corriger :

— Revenez en arrière, patronne, que le chemin par là est autre !

Mas seu Ovídio se virou, positivo:

— Volta você, e fala com o seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!

Quim Recadeiro, no primeiro passo, ainda levou a mão ao chapéu de palha, cumprimentando:

— Pois sim, seu Ovídio... Eu dou o recado...

Ficou parado, limpando suor dos cabelos, sem se resolver. Mas, fim no fim, num achamento, se retesou nos estribos, e gritou:

— Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...

Jogou fora, e cuspiu em cima. E tocou para trás, em galope doido, dando poeira ao vento. Ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava caindo.

Quando chega o dia da casa cair — que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, — o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama — o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de

Mais M'sieur Ovídio se retourna, positif :

— Repars, toi, et dis à ton patron que Madame Dame Dionóra ne veut plus vivre avec lui, et que désormais elle va vivre avec moi, avec le bon vouloir de tous mes parents et avec la bénédiction de Dieu !

Quim le Messenger, au premier pas, leva encore la main au chapeau de paille, saluant :

— Alors d'accord, M'sieur Ovídio... Je passe le message...

Il resta figé, nettoyant la sueur de ses cheveux, sans se décider. Mais, à la fin de fin, en une trouvaille, il se tendit sur les étriers, et cria :

— Homme sale !... Pourvu que le hibou trouve un intérêt à ta porte !...

Il éructa, et cracha dessus. Et il se dépêcha de revenir, dans un galop fou, jetant de la poussière au vent. Il allait dire à Sieur Augusto que la maison s'écroulait.

Quand vient le jour où la maison s'écroule — ce qui, avec ou sans tremblement de terre, est un jour dont la venue est infaillible, — le propriétaire peut être : dedans ou dehors. C'est mieux dehors. Et c'est la seule chose qu'un n'importe-qui ait le pouvoir de faire. Et s'il est dedans, il vaut mieux qu'il soit tout habillé et près de la porte de sortie. Mais Sieur Augusto, non : il était couché au lit — le pire lieu qui soit pour recevoir une mauvaise surprise.

Et le camarade Quim le savait, tant est que c'est en se courbant de

medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

— Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p'ra lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente:

— Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

—...Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito:

— Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer.

peur qu'il est entré. Il avait de la poussière jusque dans la bouche. Il toussa.

— Levez-vous et habillez-vous, mon patron Sieur Augusto, que j'ai une nouvelle assez mauvaise, à vous raconter.

Et il trembla plus, parce que Sieur Augusto se dressait d'un bond et en un temps s'habillait. Ce n'est qu'après avoir mis à sa ceinture le revolver qu'il l'interpela, dent sur dent :

— Raconte tout !

Quim le Messenger bégaya ses quelques mots, et put encore ajouter :

—... J'aurais pu me rebiffer, mais c'était une affaire d'honneur dont le sang est rien que pour le maître, et j'ai pensé que vous pourriez ne pas aimer...

— Tu as agi dans les règles, et c'est fait ! Appelle mes hommes !

Peu après, cependant, Quim revenait, avec une nouvelle désolation : les molosses ne venaient pas... Ils ne voulaient plus rester aux côtés de Sieur Augusto... Le Major Consilva les avait enrôlés, un à un, les quatre, comme hommes de main, en payant bien. Ils ne venaient pas, tout bonnement. Le plus méritant, la tête, avait même envoyé dire, manquant de respect :

— Dis à Sieur Augusto que le soleil d'en haut, c'est de l'argent !... Qu'il paye ce qu'il nous doit... Et qu'il l'envoie par un porteur muet, que nous ne pouvons pas écouter la prose d'un autre, que M'sieur Major a dit qu'il veut pas.

— Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

— Indo de mudados, p'ra a chácara do Major...

— Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!

— Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... — o senhor dê o perdão p'r'a minha boca que eu só falo o que é preciso — estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação... Estou lhe contando p'ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p'ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto.

Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz. Montou e galopou, teso para trás, rei na sela, enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, caçar um gole d'água para beber. Assim.

Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...”

— Bande de chiens !... Juste par caprice... Où c'est qu'ils sont ?

— Ils vont en transbahutage, à la ferme du Major...

— Vermine de Major ! Juste par caprice, parce que c'était l'ennemi de mon père !... J'y vais !

— Ne vois pas de mal en moi, mon patron Sieur Augusto, mais ils disent tous par ici que vous ne possédez plus rien, que vous avez perdu vos fazendas et richesses, et que vous allez devenir pauvre, de suite... Et ils causent, le Major avec d'autres grands, voulant vous avoir par trahison. Ils propagent... — pardonnez ma bouche parce que je dis juste ce qu'il faut — ils disent que vous n'avez jamais respecté la fille des autres, ni les femmes mariées, et encore que vous êtes comme un serpent mauvais, que qui vous voit doit vous tuer par devoir... Je vous raconte au cas où vous ne voudriez pas faciliter. Y faut trouver d'autres compagnons bons, pour pas vous déplacer seul... Moi, non, parce que je suis peureux. Moi, ici, je sers pas à grand chose... Mais, si vous le demandez, je vais aussi avec vous.

Mais Sieur Augusto se mordait, déjà au milieu de sa messe, rouge et féroce. Il monta et galopa, tendu en arrière, roi sur la selle, pendant que Quim le Messenger rentrait là dedans, chasser une gorgée d'eau à boire. Comme ça.

Comme ça, presque tout autre péon, à part Augusto Estêves, avec ces deux contretemps, aurait perçu l'arrivée de la malchance, de la guigne, et passerait quelques tours sans jouer, prenant des vacances dans la vie : voyage, déménagement, ou n'importe quoi de fadasse, pour attendre la réalisation du dicton : « On a tous nos six mois... »

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos.

Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma idéia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi. Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major.

Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:

— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho.

Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços.

— Frecha, povo! Desmancha!

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra,

Mais Sieur Augusto était du cuir pas encore tanné, et pour celui qui ne sort pas, à temps, de sur les rails, même le sifflet du train est de mauvaise augure. En plus, quand quelqu'un doit payer le déboursé, il fonce jusqu'au bout. Et, ainsi, il pensa que ce n'était pas le moment de pensées modérées.

En lui, mal-et-mal, sous la colère, une idée se résolut d'elle-même : qu'avant d'aller à Mombuca, pour tuer Ovídio et Dionóra, il devait se jeter sur le Major Consilva et ses hommes de main. Sinon, s'il laissait des traces à déceler, il perdait sa force. Et il partit. S'éleva une poussière fine, en bruine. La route devint droite, pleine de gens prudents. Il arriva à la ferme du Major.

Mais il ne déchevaucha même pas, pas le temps. Du haut de l'escalier, le propriétaire de la maison parla fort, riant hargneux :

— Le temps du bien-bon est fini, chien de Estevês !...

Le cheval de Sieur Augusto obéit en avant ; les fers cliquetèrent et firent feu sur le pavement ; et le cavalier, debout sur les étriers, jeta la cravache en l'air, visant la figure du vieux.

Mais le Major cligna, tout juste, et baissa la tête, parce que plus n'était pas nécessaire, et les hommes de main sautaient de chaque bord, et n'étaient que jambes et bras.

— Plantez-le, les gars ! Démontez-le !

Les gourdins tombaient sur le cavalier, comme des ruades de matrinhãs dans les filets. Des bastonnades sur la tête, sur les épaules, sur les cuisses. Sieur Augusto désaligna le corps et tomba.

querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongó que amava a mulher-à toa Sariema.

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.

Mas, aí, pachorrenta e cuspida, ressoou a voz do Major:

— Arrastem p'ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.

Nhô Augusto se alteou e estendeu o braço direito, agarrando o ar com os cinco dedos:

— Cá p'ra perto, carrasco!... Só mesmo assim desse jeito, p'ra sojigar Nhô Augusto Estêves!

E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprende-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, de-bruços, com a cara encostada no chão.

—Traz água fria, companheiro!

Il s'agenouilla encore par terre, voulant s'appuyer sur les mains, mais cela lui servit juste à voir les faces horribles de ses propres molosses, et, parmi eux, le petit péon mollasse qui aimait la femme-de-vie Sariema.

Et Sieur Augusto ferma les yeux, d'usure, parce qu'il savait que le péon au front poilu, avec les cheveux presque dans les yeux, est une race d'homme capable de garder le passé à la maison, dans un endroit frais près du pot, et d'aller chercher de la rue d'autres petites colères, le tout s'assemblant à la masse-mère de la grande haine, jusqu'à ce que le jour arrive de prendre sa vengeance.

Mais, là, languissante et crachée, raisonna la voix du Major :

— Trainez-le au loin, hors de mes terres... Marquez-le au fer, après tuez-le.

Sieur Augusto se dressa et étendit le bras droit, agrippant l'air de ses cinq doigts :

— Ici tout près, bourreau ! Seulement comme ça de cette façon, pour subjuguier Sieur Augusto Estêves !

Et, tenu par les mains et les pieds, tordu sous les poings des hommes de main, il hurlait et braillait, et gigotait tant, que l'habit se déchiquetait, et le corps semblait vouloir se briser en deux, à la moitié du ventre. Il se dégagea, une fois. Mais d'autres parmi les hommes brandirent les gourdins. Sieur Augusto resta étendu, sur-le-côté, avec la tête appuyée par terre.

— Apporte de l'eau froide, compagnon !

O capiauzinho da testa peluda cantou, mal-entoado:

*Sou como a ema,
Que tem penas e nao voa...*

Os outros começaram a ficar de cócoras.

Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a solevar a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos, para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha:

— Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?!...

E os cacundeiros, em coro:

— Não tem não! Tem mais não!...

Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação.

E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu.

— É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p'ra nem a alma se salvar...

Os jagunços veteranos da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso, mal interessados na execução. Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto mostravam

Le petit péon à la tête poilue chanta, mal-entonné :

*Je suis comme le nandou,
J'ai des plumes mais j'vole pas du tout*

Les autres commencèrent à s'accroupir.

Mais, quand Sieur Augusto frémit et se mit à soulever la tête, le Major, là de la terrasse, serrant beaucoup les yeux, pour espionner, et s'éventant avec son chapeau, entonna la rengaine :

— Y a plus du tout de Sieur Augusto Estêves, des Pindaíbas, mes gars ?!...

Et les sbires, en cœur :

— Non, y a pas ! Y a pas, non !..

Ils tirèrent et trainèrent Sieur Augusto par le raccourci du ranch du Ravin, qui est devenu un chemin de fléaux et de tourment.

Et, quand ils arrivèrent au ranch du Ravin, au bout d'une lieue, Sieur Augusto ne venait déjà presque que porté, à moitié nu, tout piqué de lame, cassé par les coups et emboué épais, de la poussière avec du sang. Ils le poussèrent par terre, et il ne bougea même pas.

— C'est ici même, compagnons. Après, y a plus qu'à le jeter là en bas, pour que pas même l'âme ne se sauve...

Les jagunços vétérans de la ferme du Major Consilva allumèrent leur cigarette, au repos, à peine intéressés par l'exécution. Mais les quatre qui avaient été les molosses de Sieur Augusto montraient

maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer fogo.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos.

— Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.

— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu?

Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:

— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...

E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior.

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era

un plus grand enthousiasme, alors que le petit péon sans front, diligent et content, allait rassembler du bois pour faire du feu.

Et, alors, quand tout était au point, ils embrasèrent le fer avec la marque du bétail du Major — qui était normalement un triangle inscrit dans une circonférence —, et ils l'imprimèrent, avec chuintement, odeur de brûlé et fumée, sur la pulpe fessière droite de Sieur Augusto. Mais ils reculèrent tous, en sursaut, parce que Sieur Augusto revécut, avec un hurlement et un bond, effrayants.

— Tiens-le !

Mais déjà il avait atteint le bord du ravin, et il avait sauté dans l'espace. Il y avait une bonne hauteur. Le corps a roulé, là en bas, dans les mottes, disparaissant.

— Par où c'est qu'on passe, pour pouvoir aller voir s'il est mort ?

Mais l'un des hommes de main les plus vieux dit mieux :

— Dresse une croix ici même, Orósio, pour que la nuit il ne vienne pas tirer tes pieds...

Et ils tournèrent le dos, repartant, sous un soleil plus proche et plus grand.

Mais le nègre qui habitait à l'entrée du marais, quand il calcula que les autres s'en seraient déjà allés, sortit de son repaire, entre les massettes, et monta les marches de broussaille du pied du ravin. Il s'approcha. Il trouva de la vie au fond du corps si maltraité de l'homme blanc ; il appela la nègre, femme du nègre qui habitait à l'entrée du marais, et ensemble, ils portèrent Sieur

um cofo de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões.

E o preto foi cortar padieiras e travessas, para um esquife, enquanto a preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do “Diga Jesus comigo, irmão”...

Mas, nessa espera, por surpresa, deu-se que Nhô Augusto pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu:

— Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...

Depois, falou coisas sem juízo, para gente ausente, pois estava lavorando de quente e tinha mesmo de delirar.

— Deus que me perdoe, — resmungou a preta, — mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi!

Mas o negro só disse:

— Os outros não vão vir aqui, para campear defunto, porque a pirambeira não tem descida, só dando muita volta por longe. E, como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubus vieram por causa do que eles estão pensando...

Augusto au cabanon des deux, qui était un cabas de terre sèche, sous une touffe d’herbes pourries, mal dressé et à peine visible, au milieu des arbres, comme un nid de maranhões.

Et le nègre alla couper des linteaux et des traverses, pour faire une couche, pendant que la nègre cherchait un moignon de bougie bénite, pour la poser dans la main de l’homme, au moment du « Dis Jesus avec moi, mon frère »...

Mais, pendant cette attente, par surprise, il se passa que Sieur Augusto posa sa personne dans ses yeux, et gémit :

— Tuez-moi d’un coup, par charité, par les plaies de Notre Seigneur...

Après, il dit des choses dépourvues de sens, à des gens absents, car il peinait de chaleur et devait vraiment délirer.

— Que Dieu me pardonne, — bougonna la nègre, — mais cet homme doit être mauvais comme un crotale glaisé dans un trou, parce qu’il délire qu’il fait et produit, et ce n’est que rage de tuer et saigner... Et il appelle Dieu, au moment de la forte douleur, et Dieu ne répond pas, ni même pour une trêve, comme ça dans un désarroi comme j’en ai jamais vu !

Mais le nègre dit juste :

— Les autres ne vont pas venir ici, pour dénicher un défunt, parce que la crevasse n’a pas de descente, juste en faisant beaucoup de détours au loin. Et, comme y a un veau mort, dans la cavité, là au-dessus ils vont penser que les vautours sont venus à cause de ce qu’ils pensent...

Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.

Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar.

Couché sur la natte, au milieu de molambos, dans le coin sombre de la baraque au sol en terre, Sieur Augusto, des jours après, quand il récupéra la notion des choses, vit qu'il avait les jambes flanquées d'attelles grossières faites de taboca et accommodées dans le creux de tuiles, parce que la gauche était brisée en deux endroits, et la droite en un seul, mais avec une plaie ouverte. Les mouches voletaient et se posaient, et tout le corps lui faisait mal, avec des côtes cassées aussi, et un bras en plus, et une souffrance de blessures et de coupures, et la brûlure de la marque de fer, comme si son pauvre corps était devenu immense.

Même ainsi, avec tout cela, il se dit à lui-même que c'était mieux de vivre. Il but de la bouillie de fubá, et la nègre lui roula une cigarette de paille. À sa recherche, personne n'était apparu. Il pouvait guérir. Il pouvait penser.

Anexo 2 – Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusta Matraga” - versão 3

Texto em português	Texto em francês – Versão 3
<p style="text-align: center;"><i>“Eu sou pobre, pobre, pobre, vou-me embora, vou-me embora</i></p> <p style="text-align: center;">.....</p> <p style="text-align: center;"><i>Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...”</i> (<i>Cantiga antiga.</i>)</p> <p style="text-align: center;"><i>“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.”</i> (<i>Provérbio capiau.</i>)</p>	<p style="text-align: center;"><i>« Je suis pauvre, pauvre, pauvre je me barre, je me barre</i></p> <p style="text-align: center;">.....</p> <p style="text-align: center;"><i>Je suis riche, riche, riche, je me barre d’ici !... »</i> (<i>Chanson populaire ancienne.</i>)</p> <p style="text-align: center;"><i>« La grenouille ne saute pas par beauté, mais plutôt par nécessité. »</i> (<i>Proverbe péon</i>)</p>
<p>A hora e vez de Augusto Matraga</p> <p>Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.</p> <p>Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.</p> <p>Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachaçada de fim de festa.</p> <p>E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meialaranja, as duas mulheres-à-toa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram só</p>	<p>L’heure et le tour d’Augusto Maltraque</p> <p>Maltraque n’est pas Maltraque, il n’est rien. Maltraque est Estêves. Augusto Estêves, fils du Colonel Afonso Estêves, des Pindaíbas et du Sac-d’Embira. Ou Sieur Augusto - l’homme - en cette nuit de neuvaine, dans une vente aux enchères derrière l’église, dans le patelin de la Vierge Notre Dame des Douleurs du Cours du Murici.</p> <p>Procession entrée, prière terminée. Et la vente aux enchères avance vite et s’éteignit, sans émotion, car les braves gens s’en allèrent, presque tous d’un coup.</p> <p>Mais le crieur était resté sous la tente, mangeant un cône d’amandes et se raclant la gorge enrouée, bloqué par une foule engnôlée de fin de fête.</p> <p>Et, au premier rang, serrés contre le petit balcon, bien illuminées par les bougies de demi-oranges, les deux femmes-de-vie trouvaient à tout un esprit énorme, parce</p>

duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.

Beleza não tinham: Angélica era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia. Mas, perto, encostado nela outra, um capiau de cara romântica subia todo no sem-jeito; eles estavam se gostando, e, por isso, aquele povo encapetado não tinha — pelo menos para o pobre namorado — nenhuma razão de existir. E a cada momento as coisas para ele pioravam, com o pessoal aos gritos:

— Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão!...

— Bota no leilão! Bota no leilão...

A das duas raparigas que era branca e que tinha pescoço fino e pernas finas, e passou a chamar-se, imediatamente, Sariema — pareceu se assustar. O capiau apaixonado deixou fuchicar, de cansaço, o meio-riso que trazia pendurado. E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender.

— Dou cinco mil-réis!

— Sariema! Sariema!

E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro

qu'elles étaient deux et donc très disputées, tout-le-monde avec elles voulant être.

De la beauté, elles n'en avaient pas : Angélica était noire et plus ou moins éclopée, et seule l'autre faisait l'affaire. Mais, tout près, appuyé contre l'autre-là, un péon à la figure romantique se perchait tout maladroit ; ils s'aimaient bien, et pour cela, ce peuple endiablé n'avait - du moins pour le pauvre enamouré - aucune raison d'exister. Et à tout moment, les choses pour lui empiraient, avec la foule qui criait :

— Qui va ramasser Sariema? Allez, Seb ! Mets Sariema en vente !...

— Mets-la en vente ! Mets-la en vente...

Celle des deux filles qui était blanche et avait le cou fin et les jambes fines, et se fit appeler, immédiatement, Sariema — eut l'air de s'affoler. Le péon amoureux laissa flancher, de fatigue, le demi-sourire qu'il portait pendu. Et le marchand demandait du bon sens ; mais personne ne voulait l'écouter.

— Je donne cinq mille-réis !

— Sariema ! Sariema !

Et, alors, soudain, il y eut un mouvement de gens, et Sieur Augusto, altier, le torse large, en habits de deuil, marchant sur les pieds des autres et avec les bras en tension, angulant les coudes, balaya le devant de la foule, dévisagea Sariema et lui mit le doigt sur le menton. Après, avec une voix de

<p>Tião:</p> <p>— Cinqüenta mil-réis!...</p> <p>Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.</p> <p>— Nhô Augusto! Nhô Augusto!</p> <p>E insistiu fala mais forte:</p> <p>— Cinqüenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas — dou-lhe três!</p> <p>Mas, nisso, puxaram para trás a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e dengosa — que se soverteu na montoeira, de braço em braço, de rolo em rolo, pegada, manuseada, beliscada e cacarejante:</p> <p>—Virgem Maria Puríssima! Úi, pessoal!</p> <p>E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:</p> <p>— Respeito, gente, que o leilão é de santo!...</p> <p>— Bau-bau!</p> <p>— Me desprezo! Me desprezo desse herege!... Vão coçar suas costas em parede!... Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo... Deix'passar!... Dá enxame, gente! Dá enxame!...</p>	<p>midi, braila au marchand Seb :</p> <p>— Cinquante mille-réis !...</p> <p>Il se tint les mains sur la taille, sans montrer son visage au peuple, mais posant pour les applaudissements.</p> <p>— Sieur Augusto ! Sieur Augusto !</p> <p>Et il insista, parole plus forte :</p> <p>— Cinquante mille-réis, j'ai dit ! Une fois ! Deux fois ! Deux fois – trois fois !</p> <p>Mais, là, ils poussèrent en arrière l'autre – l'Angélique noire se moquant, sangêne et enjôleuse – qui s'escamota dans l'atroupement, de bras en bras, de tas en tas, prise, manipulée, pincée, et caquetant :</p> <p>— Vierge Marie Purissime ! Ouille, les gens !</p> <p>Et seulement alors, Seb le marchand trouva le courage de s'imposer :</p> <p>— Du respect, les gens, parce que c'est une vente sainte !...</p> <p>— Ouh ! Ouh !</p> <p>— J'm'en fous ! J'm'en fous de cet hérétique !... Allez vous gratter le dos au mur !... Qui dit affaire d'église dit punition, c'est pas un jouet... Laiss'passer !... Ça fourmille, les gens ! Ça fourmille !...</p>
--	--

Alguns quiseram continuar vaia, mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia:

— Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo... Abre, abre, deixa o Tião passar!

Então, surpresos, deram caminho, e o capiau amoroso quis ir também:

—Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão... E sua voz baixava, humilde, porque para ele ela não era a Sariema. Pôs três dedos no seu braço, e bem que ela o quis acompanhar. Mas Nhô Augusto separou-os, com uma pranchada de mão:

—Não vai, não!

E, atrás, deram apoio os quatro guarda-costas:

—Tem areia! Tem areia! Não vai, não!

— É do Nhô Augusto... Nhô Augusto leva a rapariga! — gritava o povo, por ser barato. E uma voz bem entoada cantou de lá, por cantar:

*Mariquinha é como a chuva:
boa , p'ra quem quer bem!
Ela vem sempre de graça,
só não sei quando ela vem...*

Aí o povaréu aclamou, com disciplina e cadência:

Quelques-uns voulurent continuer à huer, mais le propre Sieur Augusto étouffa les moqueries :

— Cloche et saint, c'est pas du pagode, le peuple ! Je vais dans le juste... Ouvre, ouvre, laisse passer Seb !

Alors, surpris, ils lui firent un passage, et le péon amoureux voulut partir aussi :

— On s'en va, Tomázia, profitons de la confusion... Et sa voix baissait, humble, parce que pour lui elle n'était pas Sariema. Il mit trois doigts sur son bras, et elle aurait bien voulu l'accompagner. Mais Sieur Augusto les sépara, avec une calotte pareille à une planche :

— Ah non, elle part pas !

Et à l'arrière, les quatre gardes du corps apportèrent leur soutien :

— Y a du grabuge ! Y a du grabuge ! Elle part pas !

— Elle est à Sieur Augusto... Sieur Augusto emporte la donzelle ! – criait le peuple, parce que c'était drôle. Et une voix bien entonnée chanta de là, juste pour chanter :

*Mariquinha est comme la pluie :
bonne, pour ceux qui veulent bien !
Elle vient toujours gratuit,
Je sais juste pas quand elle vient...*

Alors la populace acclama, avec discipline et cadence :

— Nhô Augusto leva a Sariema! Nhô Augusto leva a Sariema!

O capiauzinho ficou mais amarelo. A Sariema começou a querer chorar. Mas Nhô Augusto, rompente, alargou no tal três pescoções:

— Toma! Toma! E toma!... Está querendo?...

Ferveram faces.

— Que foi? Que foi?...

— Deix'eu ver!...

— Não me esbarra, filho-da-mãe!

E a agitação partiu povos, porque a maioria tinha perdido a cena, apreciando, como estavam, uma falta-de-lugar, que se dera entre um velho — “Cai n'água, barbado!” — e o sacristão, no quadrante noroeste da massa. E também no setor sul estalara, pouco antes, um mal-entendido, de um sujeito com a correia desafivelada lept!... lept!... —, com um outro pedindo espaço, para poder fazer sarilho com o pau.

— Que foi, hein?... Que foi?

Foi o capiauzinho apanhando, estapeado pelos quatro cacundeiros de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo, que também queria estapear.

— Sieur Augusto emporte Sariema ! Sieur Auguste emporte Sariema !

Le petit péon jaunait encore. Sariema commença à vouloir pleurer. Mais Sieur Augusto, imposant, cogna le type trois fois au cou :

— Prends ça ! Prends ça ! Et ça !... T'en veux ?...

Des faces s'échauffèrent.

— Qu'est-ce qu'y a ? Qu'est-ce qu'y a ?

— Laisse-moi voir !...

— M'pousse pas, fils-de-ta-mère !

Et l'agitation divisa les peuples, parce que la majorité avait perdu la scène, appréciant, comme ils le faisaient, un manque-de-place qui s'était fait entre un vieux — « Tombe dans l'eau, barbado ! » — et le sacristain, dans le quart nord-ouest de la foule. Et aussi dans le secteur sud, avait éclaté, peu avant, un malentendu entre un individu avec la bretelle détachée lept !... lept !... — avec un autre demandant de l'espace, pour pouvoir faire tourner son bâton.

— Qu'est-ce qu'y a, hein ?... Qu'est-ce qu'y a ?

C'est le petit péon qui ramassait, taloché par les quatre sbires de Sieur Augusto, et poussé dans le dense du peuple, qui voulait aussi le talocher.

— Viva Nhô Augusto!

— Te apessoa para cá, do meu lado! — e Nhô Augusto deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar.

— Vamos andando.

Passaram entre alas e aclamações dos outros, que, aí, como não havia mais mulheres, nem brigas, pegaram a debandar ou a cantar:

*“Ei, compadre, chegadinho, chegou...
Ei, compadre, chega mais um bocadinho!...”*

Nhô Augusto apertava o braço da Sariema, como quem não tivesse tido prazo para utilizar no capiau todos os seus ímpetos:

— E é, hein?... A senhora dona queria ficar com aquele, hein?!

— Foi, mas agora eu gosto é de você..., O outro eu mal-e mal conheci...

Caminharam para casa. Mas para a casa do Beco do Sem Ceroula, onde só há três prédios — cada um deles com gramofone tocando, de cornetão à janela e onde gente séria entra mas não passa.

Nisso, porém, transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em nome-do-padre, para saudar a porta da

— Vive Sieur Augusto !

— Amène-toi par ici, à mes côtés ! — et Sieur Augusto tendit le bras à la donzelle, qui arrêta de larmoyer.

— Allons à pied.

Ils passèrent entre allées et acclamations des autres qui, comme il n’y avait plus de femmes, ni de bagarres, commencèrent alors à se débander ou à chanter :

*« Hé, compère, ami, tu t’es ramené...
Hé, compère, ramène-toi encore un petit peu ! »*

Sieur Augusto serrait le bras de Sariema, comme quelqu’un qui n’aurait pas eu le temps d’utiliser sur le péon toutes ses provocations :

— Alors c’est vrai, hein ?... Vous dona, vous vouliez être avec celui-là, hein ?!

— Oui, mais maintenant, celui que j’apprécie, c’est toi... L’autre, je l’ai juste-juste connu...

Ils marchèrent jusqu’à la maison. Mais à la maison du Cul-de-sac du Sans Caleçon, où il y a seulement trois bâtisses — chacune d’entre elles avec un gramophone en marche, au grand cornet à la fenêtre et où les gens sérieux entrent mais ne restent pas.

Là-dessus, cependant, ils traversaient le parvis, et Sieur Augusto s’arrêta, retirant son chapeau et faisant un au nom-

igreja. Mas o lugar estava bem alumado, com lanterninhas e muita luz de azeite, pendentes dos arcos de bambu. E Nhô Augusto olhou a mulher.

— Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p'ra mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora, frango-d'água! Some daqui!

E, empurrando a rapariga, que abriu a chorar o choro mais sentido da sua vida, Nhô Augusto desceu a ladeira sozinho — uma ladeira que a gente tinha de descer quase correndo, por que era só cristal e pedra solta.

Lá em baixo, esbarrou com o camarada, que trazia recado de Dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos desse um pulo até lá — à casa dele, de verdade, na Rua de Cima, — porque ainda havia muito arranjo a ultimar para a viagem, e ela — a mulher, a esposa — tinha uma ou duas coisas por perguntar...

Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro acabar de acabar:

— Desvira, Quim, e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou! ... Você apronta os animais, para voltar amanhã com Siá Dionóra mais a menina, para o Morro Azul. Mas, em antes, você sobe por aqui, e vai avisar aos meus homens que eu hoje não preciso deles, não.

du-père, pour saluer la porte de l'église. Mais le lieu était bien éclairé, avec de petites lanternes et beaucoup de lumière à huile, pendues aux arcs de bambou. Et Sieur Auguste regarda la femme.

— Quoi?!... Tu as une jambe de manuel-fonseca, l'une fine et l'autre sèche ! Et tellement que tu n'es qu'os, poisson cuit sans assaisonnement... Foin pour moi, avec une de ces apparitions ! Va-t-en, poule d'eau ! Disparais !

Et, poussant la donzelle, qui se mit à pleurer le pleur le plus ressenti de sa vie, Sieur Augusto descendit la pente tout seul — une pente qu'on devait descendre presque en courant, parce qu'elle n'était que cristal et pierre branlante.

Là en bas, il buta contre le camarade qui apportait un message de Dona Dionóra : que Sieur Augusto revienne, ou au moins qu'il fasse un saut jusque-là — chez lui, pour de vrai, dans la Rue d'en Haut, — parce qu'il y avait encore beaucoup de préparatifs à finaliser pour le voyage, et elle — la femme, l'épouse — avait une ou deux choses à lui demander...

Mais Sieur Auguste ne laissa même pas le messenger finir de finir :

— Demi-tour, Quim, et donne le message à l'envers : moi, j'vais pas là-bas !... Tu prépares les animaux, pour rentrer demain avec M'dame Dionóra, plus la petite, au Mont Bleu. Mais, en premier, tu montes par là, et tu vas prévenir mes hommes qu'aujourd'hui non, j'ai pas besoin d'eux.

E o Quim Recadeiro correu, com o recado, enquanto Nhô Augusto ia indo em busca de qualquer luz em porta aberta, aonde houvesse assombros de homens, para entrar no meio ou desapartar.

Era fim de outubro, em ano resseco. Um cachorro soletrava, longe, um mesmo nome, sem sentido. E ia, no alto do mato, a lentidão da lua.

Dona Dionóra, que tinha belos cabelos e olhos sérios, escutou aquela resposta, e não deu ar de seus pensamentos ao pobre camarada Quim. Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e a atormentar-lhe a cabeça, e ela estava cansada, pelo que, dali a pouco, teve vontade de chorar. E até a Mimita, que tinha só dez anos e já estava na cama, sorriu para dizer:

— Eu gosto, minha mãe, de voltar para o Morro Azul...

E então Dona Dionóra enxugou os olhos e também sorriu, sem palavra para dizer. De voltar para o retiro, sem a companhia do marido, só tinha por que se alegrar. Sentia, pelo desdêixo. Mas até era bom sair do comércio, onde todo o mundo devia estar falando da desdita sua e do pouco-caso, que não merecia.

E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o

Et Quim le Messenger courut, avec le message, pendant que Sieur Augusto partait à la recherche d'une lumière quelconque à une porte ouverte, où il y aurait des échauffourées d'hommes, pour entrer au milieu ou les séparer.

C'était fin octobre, d'une année sèche. Un chien épelait, au loin, un même nom, sans aucun sens. Et avançait, en haut de la butte, la langueur de la lune.

Dona Dionóra, qui avait de beaux cheveux et des yeux sérieux, écouta cette réponse, et ne donna pas l'air de ses pensées au pauvre camarade Quim. Mais beaucoup qu'elles étaient à tourner en sens contraires, et à lui tourmenter la tête, et elle était fatiguée, c'est pourquoi peu après, elle eut envie de pleurer. Et même Mimita, qui avait juste dix ans et était déjà au lit, sourit pour dire :

— Ça me plaît, maman, de retourner au Mont Bleu...

E alors, Dona Dionóra s'essuya les yeux et sourit aussi, sans mot dire. De retourner au gîte, sans la compagnie du mari, elle ne pouvait que s'en réjouir. Elle était triste, de l'abandonnement. Mais c'était quand même bon de sortir du commerce, où tout le monde devait parler de sa détresse et du peu-de-cas, qu'elle ne méritait pas.

Et elle connaissait et craignait les accès de Sieur Augusto. Dur, fou et sans retenue, comme une grande bête de la brousse. Et, à la maison, toujours refermé sur lui-même. Ni même à la petite, il s'intéressait. Elle, Dionóra, il l'aimait bien, parfois ; sa bouche, ses chairs. C'est tout. Sinon,

que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaibas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até a meio caminho direito.

Fora assim desde menino, uma meninice à louca e à larga, de filho único de pai panocrácio. E ela, Dionóra, tivera culpa, por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar.

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca.

Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na idéia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.

Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido. Mas, quem sabe se não era melhor se entregar à sina, com a proteção de Deus, se não fosse pecado... Fechar os

toujours avec ses hommes de main, avec des femmes égarées, avec ce qu'il y avait de pire. À la fazenda — au Sac-d'Embira, aux Pindaibas, ou au gîte du Mont Bleu — il avait d'autres plaisirs, d'autres femmes, le jeu du trut et les chasses. Et sans effet, elles étaient toujours, les prières et les promesses, avec lesquelles elle prétendait le ramener, au moins, jusque dans un demi-droit chemin.

C'était comme ça depuis tout petit, une enfance désaxée et débridée, de fils unique au père panouillon. Et elle, Dionóra, avait été fautive d'avoir contrarié et défié toute la famille, pour se marier.

Maintenant, avec la mort du Coronel Afonso, tout avait empiré, encore plus. Y avait même plus à y penser. Plus écervelé, échevelé et sans règle, devenait Sieur Augusto. Et avec des dettes énormes, la politique du côté qui perd, un manque de crédit, les terres à la débandade, les fazendas mises en gage, et le tout à créer de l'anxiété pour après, sans portes, comme un mur blanc.

Dionóra l'avait aimé trois ans, deux ans elle les avait laissés au doute, et l'avait supporté le reste du temps. Maintenant, toutefois, un autre était apparu. Non, juste de mettre ça dans ses idées, elle avait déjà peur... Pour elle et pour sa fille... Une peur immense.

Si elle y allait, si elle acceptait de partir avec l'autre, Sieur Augusto était capable de la tuer. Pour ça, oui, il était bon. Il tuait, vraiment, comme il avait réglé son compte à l'homme à la faux, payé pour venger quelque offensé. Mais, qui sait si ce n'était pas mieux de se livrer à la chance, avec la

<p>olhos.</p> <p>E o outro era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada, para chamar pelo seu nome: ...Dionóra... “Dionóra, vem comigo, vem comigo e traz a menina, que ninguém não toma vocês de mim!...” Bom... Como um sonho... Como um sono...</p> <p>Dormiu.</p> <p>E, assim, mal madrugada escassa, partiram as duas — Dona Dionóra, no cavalo de silhão, e a Mimita, mofina e franzina, carregada à frente da sela do camarada Quim.</p> <p>Pernoitaram no Pau Alto, no sítio de um tio nervoso, que riscava a mesa com as unhas e não se cansava de resmungar:</p> <p>— Fosse eu, fosse eu... Uma filha custa sangue, filha é o que tem de mais valia...</p> <p>— Sorte minha, meu tio...</p> <p>— Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos... Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia...</p> <p>— Culpa eu tive, meu tio...</p>	<p>protection de Dieu, si ce n’était pas un péché... Fermer les yeux.</p> <p>Et l’autre, il était différent ! Il l’aimait, beaucoup... Plus que ce que lui-même disait, plus que ce que lui-même savait, à la manière dont on doit aimer. Et il avait une grande force, d’amour silencieux, et une patience chaude, chantée, pour l’appeler par son nom : ...Dionóra... « Dionóra, viens avec moi, viens avec moi et amène la petite, que personne vous tirera de moi !... » Bon... Comme un rêve.... Comme un rêve...</p> <p>Elle s’endormit.</p> <p>Et, ainsi, l’aube tout juste raréfiée, les deux partirent — Dona Dionóra, sur le cheval sellé, et Mimita, affligée et fragile, hissée au devant de la selle du camarade Quim.</p> <p>Ils passèrent la nuit au Pau Alto, dans la ferme d’un oncle nerveux, qui grattait la table avec les ongles et ne se lassait pas de bougonner :</p> <p>— Si c’était moi, si c’était moi... Une fille coûte du sang, une fille est ce qui a le plus de valeur...</p> <p>— C’est mon sort, mon oncle...</p> <p>— Le sort n’est jamais d’une seule personne, c’est de deux, c’est de tous... Le sort naît chaque matin, et est déjà vieux à midi...</p> <p>— Fautive, je l’ai été, mon oncle...</p>
---	--

— Quem não tem, quem não teve? Culpa muita, minha filha... Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p'ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha...

De manhã, com o sol nascendo, retomaram a andadura. E, quando o sol esteve mais dono de tudo, e a poeira era mais seca, Mimita começou a gemer, com uma dor de pontada, e pedia água. E, depois, com um sorriso tristonho, perguntava:

— Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?

E o Quim Recadeiro ficava a bater a cabeça, vez e vez, com muita circunspeção tola, em universal assentimento.

Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava seu Ovídio Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso.

— Dionóra, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há-de me ver!

Mas Dona Dionóra foi tão pronta, que ele mesmo se espantou.

— Qui ne l'est pas, qui ne l'a pas été ? Beaucoup de faute, ma fille... La mère de Sieur Augusto est morte, quand il était encore petit... Ton beau-père était niais, il était pas fait pour être chef de famille... Un père, c'est comme si Sieur Augusto n'en avait pas... Un oncle était criminel, de plus d'un mort, qui vivait caché, là au Saco-da Embira... Celle qui a élevé Sieur Augusto, c'est la grand-mère... Elle voulait que le gamin se fasse curé... Prier, prier, tout le temps, bondieuserie et litanie...

Le matin, avec le lever du soleil, ils reprirent la marche. Et, quand le soleil fut plus maître de tout, et la poussière plus sèche, Mimita commença à gémir, avec un point de côté, et elle demandait de l'eau. Et, après, avec un sourire un peu triste, elle demandait :

— Pourquoi c'est que papa ne nous aime pas, maman?

Et Quim le Messenger se tapait la tête, encore et encore, avec beaucoup de circonspection sotté, en un assentiment universel.

Mais, au passage de la brèche du Bougre, là-bas était M'sieur Ovídio Moura, qui avait su, sûrement, de ce voyage de retour.

— Dionóra, tu viens avec moi... Ou je pars tout seul dans ce monde, et jamais plus tu dois me voir !

Mais Madame Dionóra fut si prête, que lui-même fut stupéfié.

— Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger...

Seu Ovídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás. E, quando chegaram no pilão-d'água do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho da direita, estugou o cavalo e ainda gritou, para corrigir:

— Volta para trás, minha patroa, que o caminho por aí é outro!

Mas seu Ovídio se virou, positivo:

— Volta você, e fala com o seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!

Quim Recadeiro, no primeiro passo, ainda levou a mão ao chapéu de palha, cumprimentando:

— Pois sim, seu Ovídio... Eu dou o recado...

Ficou parado, limpando suor dos cabelos, sem se resolver. Mas, fim no fim, num achamento, se retesou nos estribos, e gritou:

— Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...

— Sieur Augusto est capable de nous tuer, M'sieur Ovídio... Mais je vais avec vous, et j'y reste, tant que Dieu nous protège...

M'sieur Ovídio prit la petite fille des bras de Quim, qui n'avait rien entendu ou compris et se mit à chevaucher loin derrière. Et, quand ils arrivèrent au pilon-d'eau de Mendonça, où il y a un embranchement, et le camarade vit que les autres prenaient le chemin de droite, il hâta le cheval et cria encore, pour les corriger :

— Revenez en arrière, patronne, que le chemin par là est autre !

Mais M'sieur Ovídio se retourna, positif :

— Repars, toi, et dis à ton patron que Madame Dame Dionóra ne veut plus vivre avec lui, et que désormais elle va vivre avec moi, avec le bon vouloir de tous mes parents et avec la bénédiction de Dieu !

Quim le Messenger, au premier pas, leva encore la main au chapeau de paille, saluant :

— Alors d'accord, M'sieur Ovídio... Je passe le message...

Il resta figé, nettoyant la sueur de ses cheveux, sans se décider. Mais, à la fin de fin, en une trouvaille, il se tendit sur les étriers, et cria :

— Homme sale !... Pourvu que le hibou trouve un intérêt à ta porte !...

Jogou fora, e cuspiu em cima. E tocou para trás, em galope doido, dando poeira ao vento. Ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava caindo.

Quando chega o dia da casa cair — que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, — o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama — o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.

E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.

— Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p'ra lhe contar.

E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente:

— Fala tudo!

Quim Recadeiro gaguejou suas palavras poucas, e ainda pôde acrescentar:

—...Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

Il éructa, et cracha dessus. Et il se dépêcha de revenir, dans un galop fou, jetant de la poussière au vent. Il allait dire à Sieur Augusto que la maison s'écroulait.

Quand vient le jour où la maison s'écroule — ce qui, avec ou sans tremblement de terre, est un jour dont la venue est infaillible, — le propriétaire peut être : dedans ou dehors. C'est mieux dehors. Et c'est la seule chose qu'un n'importe-qui ait le pouvoir de faire. Et s'il est dedans, il vaut mieux qu'il soit tout habillé et près de la porte de sortie. Mais Sieur Augusto, non : il était couché au lit — le pire lieu qui soit pour recevoir une mauvaise surprise.

Et le camarade Quim le savait, tant est que c'est en se courbant de peur qu'il est entré. Il avait de la poussière jusque dans la bouche. Il toussa.

— Levez-vous et habillez-vous, mon patron Sieur Augusto, que j'ai une nouvelle assez mauvaise, à vous raconter.

Et il trembla plus, parce que Sieur Augusto se dressait d'un bond et en un temps s'habillait. Ce n'est qu'après avoir mis à sa ceinture le revolver qu'il l'interpela, dent sur dent :

— Raconte tout !

Quim le Messenger bégaya ses quelques mots, et put encore ajouter :

—... J'aurais pu me rebiffer, mais c'était une affaire d'honneur dont le sang est rien que pour le maître, et j'ai pensé que vous pourriez ne pas aimer...

— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito:

— Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer.

— Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?

— Indo de mudados, p'ra a chácara do Major...

— Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!

— Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... — o senhor dê o perdão p'ra minha boca que eu só falo o que é preciso — estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem

— Tu as agi dans les règles, et c'est fait ! Appelle mes hommes !

Peu après, cependant, Quim revenait, avec une nouvelle désolation : les molosses ne venaient pas... Ils ne voulaient plus rester aux côtés de Sieur Augusto... Le Major Consilva les avait enrôlés, un à un, les quatre, comme homme de main, en payant bien. Ils ne venaient pas, tout bonnement. Le plus méritant, la tête, avait même envoyé dire, manquant de respect :

— Dis à Sieur Augusto que le soleil d'en haut, c'est de l'argent !... Qu'il paye ce qu'il nous doit... Et qu'il l'envoie par un porteur muet, que nous ne pouvons pas écouter la prose d'un autre, que M'sieur Major a dit qu'il veut pas.

— Bande de chiens !... Juste par caprice... Où c'est qu'ils sont ?

— Ils vont en transbahutage, à la ferme du Major...

— Vermine de Major ! Juste par caprice, parce que c'était l'ennemi de mon père !... J'y vais !

— Ne vois pas de mal en moi, mon patron Sieur Augusto, mais ils disent tous par ici que vous ne possédez plus rien, que vous avez perdu vos fazendas et richesses, et que vous allez devenir pauvre, de suite... Et ils causent, le Major avec d'autres grands, voulant vous avoir par trahison. Ils propagent... — pardonnez ma bouche parce que je dis juste ce qu'il faut — ils disent que vous n'avez jamais respecté la fille des autres, ni les femmes mariées, et encore que vous

de matar por obrigação... Estou lhe contando p'ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p'ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto.

Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz. Montou e galopou, teso para trás, rei na sela, enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, caçar um gole d'água para beber. Assim.

Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...”

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos.

Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma idéia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi. Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major.

êtes comme un serpent mauvais, que qui vous voit doit vous tuer par devoir... Je vous raconte au cas où vous ne voudriez pas faciliter. Y faut trouver d'autres compagnons bons, pour pas vous déplacer seul... Moi, non, parce que je suis peureux. Moi, ici, je sers pas à grand chose... Mais, si vous demandez, je vais aussi avec vous.

Mais Sieur Augusto se mordait, déjà au milieu de sa messe, rouge et féroce. Il monta et galopa, tendu en arrière, roi sur la selle, pendant que Quim le Messenger rentrait là dedans, chasser une gorgée d'eau à boire. Comme ça.

Comme ça, presque tout autre péon, à part Augusto Estêves, avec ces deux contretemps, aurait perçu l'arrivée de la malchance, de la guigne, et passerait quelques tours sans jouer, prenant des vacances dans la vie : voyage, déménagement, ou n'importe quoi de fadasse, pour attendre la réalisation du dicton : « On a tous nos six mois... »

Mais Sieur Augusto était du cuir pas encore tanné, et pour celui qui ne sort pas, à temps, de sur la ligne, même le sifflet du train est de mauvaise augure. En plus, quand quelqu'un doit payer le déboursé, il fonce jusqu'au bout. Et, ainsi, il pensa que ce n'était pas le moment de penser pondérément.

En lui, mal-et-mal, sous la colère, une idée se résolut d'elle-même : qu'avant d'aller à Mombuca, pour tuer Ovídio et Dionóra, il devait se jeter sur le Major Consilva et ses hommes de main. Sinon, s'il laissait des traces à déceler, il perdait sa force. Et il partit. La poussière s'éleva, en bruine. La route devint droite, pleine de gens prudents. Il arriva à la ferme du Major.

Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:

— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho.

Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços.

— Frecha, povo! Desmancha!

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongo que amava a mulher-à-toa Sariema.

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.

Mais il ne déchevaucha même pas, pas le temps. Du haut de l'escalier, le propriétaire de la maison parla fort, riant hargneux :

— Le temps du bien-bon est fini, chien de Estevês !...

Le cheval de Sieur Augusto obéit en avant ; les fers cliquetèrent et firent feu sur le pavement ; et le cavalier, debout sur les étriers, jeta la cravache en l'air, visant la figure du vieux.

Mais le Major cligna, tout juste, et baissa la tête, parce que plus n'était pas nécessaire, et les hommes de main sautaient de chaque bord, et n'étaient que jambes et bras.

— Plantez-le, les gars ! Démontez-le !

Les gourdins tombaient sur le cavalier, comme des ruades de matrinchãs dans les filets. Des bastonnades sur la tête, sur les épaules, sur les cuisses. Sieur Augusto désaligna le corps et tomba. Il s'agenouilla encore par terre, voulant s'appuyer sur les mains, mais cela lui servit juste à voir les faces horribles de ses propres molosses, et, parmi eux, le petit péon mollasse qui aimait la femme-de-vie Sariema.

Et Sieur Augusto ferma les yeux, d'usure, parce qu'il savait que le péon au front poilu, avec les cheveux presque dans les yeux, est une race d'homme capable de garder le passé à la maison, dans un endroit frais près du pot, et d'aller chercher de la rue d'autres petites colères, le tout s'assemblant à la masse-mère de la grande haine, jusqu'à ce que le jour arrive de prendre sa vengeance.

<p>Mas, aí, pachorrenta e cuspida, ressoou a voz do Major:</p> <p>— Arrastem p’ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.</p> <p>Nhô Augusto se alteou e estendeu o braço direito, agarrando o ar com os cinco dedos:</p> <p>— Cá p’ra perto, carrasco!... Só mesmo assim desse jeito, p’ra sojigar Nhô Augusto Estêves!</p> <p>E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprendeu-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, debruços, com a cara encostada no chão.</p> <p>—Traz água fria, companheiro!</p> <p>O capiauzinho da testa peluda cantou, mal-entoadado:</p> <p style="text-align: center;"><i>Sou como a ema, Que tem penas e não voa...</i></p> <p>Os outros começaram a ficar de cócoras.</p> <p>Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a solevar a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos, para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha:</p>	<p>Mais, là, languissante et crachée, raisonna la voix du Major :</p> <p>— Trainez-le au loin, hors de mes terres... Marquez-le au fer, après tuez-le.</p> <p>Sieur Augusto se dressa et étendit le bras droit, agrippant l’air de ses cinq doigts :</p> <p>— Ici tout près, bourreau ! Seulement comme ça de cette façon, pour subjuguier Sieur Augusto Estevês !</p> <p>Et, tenu par les mains et les pieds, tordu sous les poings des hommes de main, il hurlait et braillait, et gigotait tant, que l’habit se déchiquetait, et le corps semblait vouloir se briser en deux, à la moitié du ventre. Il se dégagea, une fois. Mais d’autres parmi les hommes brandirent les gourdins. Sieur Augusto resta étendu, sur-le-côté, avec la tête appuyée par terre.</p> <p>— Apporte de l’eau froide, compagnon !</p> <p>Le petit péon à la tête poilue chanta, mal-entonné :</p> <p style="text-align: center;"><i>Je suis comme le nandou, Qui a des plumes et ne vole pas...</i></p> <p>Les autres commencèrent à s’accroupir.</p> <p>Mais, quand Sieur Augusto frémit et se mit à soulever la tête, le Major, là de la terrasse, serrant beaucoup les yeux, pour espionner, et s’éventant avec son chapeau, entonna la rengaine :</p>
--	---

— Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?!...

E os cacundeiros, em coro:

— Não tem não! Tem mais não!...

Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação.

E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu.

— É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p'ra nem a alma se salvar...

Os jagunços veteranos da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso, mal interessados na execução. Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto mostravam maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer fogo.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chausco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e

— Y a plus du tout de Sieur Augusto Estêves, des Pindaíbas, mes gars ?!...

Et les sbires, en cœur :

— Non, y a pas ! Y a pas, non !..

Ils tirèrent et trainèrent Sieur Augusto par le raccourci du ranch du Ravin, qui est devenu un chemin de fléaux et de tourment.

Et, quand ils arrivèrent au ranch du Ravin, au bout d'une lieue, Sieur Augusto ne venait déjà presque que porté, à moitié nu, tout piqué de lame, cassé par les coups et emboué épais, de la poussière avec du sang. Ils le poussèrent par terre, et il ne bougea même pas.

— C'est ici même, compagnons. Après, y a plus qu'à le jeter là en bas, pour que pas même l'âme ne se sauve...

Les jagunços vétérans de la ferme du Major Consilva allumèrent leur cigarette, au repos, à peine intéressés par l'exécution. Mais les quatre qui avaient été les molosses de Sieur Augusto montraient un plus grand enthousiasme, alors que le petit péon sans front, diligent et content, allait rassembler du bois pour faire du feu.

Et, alors, quand tout était au point, ils embrasèrent le fer avec la marque du bétail du Major — qui était normalement un triangle inscrit dans une circonférence —, et ils l'imprimèrent, avec chuintement, odeur de brulé et fumée, sur la pulpe fessière droite de Sieur Augusto. Mais ils

um salto, medonhos.

— Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.

— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu?

Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:

— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...

E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior.

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofô de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões.

E o preto foi cortar padieiras e travessas, para um esquife,

reculèrent tous, en sursaut, parce que Sieur Augusto revécut, avec un hurlement et un bond, effrayants.

— Tiens-le !

Mais déjà il avait atteint le bord du ravin, et il avait sauté dans l'espace. Il y avait une bonne hauteur. Le corps a roulé, là en bas, dans les mottes, disparaissant.

— Par où c'est qu'on passe, pour pouvoir aller voir s'il est mort ?

Mais l'un des hommes de main les plus vieux dit mieux :

— Dresse une croix ici même, Orósio, pour que la nuit il ne vienne pas tirer tes pieds...

Et ils tournèrent le dos, repartant, sous un soleil plus proche et plus grand.

Mais le nègre qui habitait à l'entrée du marais, quand il calcula que les autres s'en seraient déjà allés, sortit de son repaire, entre les massettes, et monta les marches de broussaille du pied du ravin. Il s'approcha. Il trouva de la vie au fond du corps si maltraité de l'homme blanc ; il appela la nègre, femme du nègre qui habitait à l'entrée du marais, et ensemble, ils portèrent Sieur Augusto au cabanon des deux, qui était un cabas de terre sèche, sous une touffe d'herbes pourries, mal dressé et à peine visible, au milieu des arbres, comme un nid de maranhões.

Et le nègre alla couper des linteaux et des traverses, pour

enquanto a preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do “Diga Jesus comigo, irmão”...

Mas, nessa espera, por surpresa, deu-se que Nhô Augusto pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu:

— Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...

Depois, falou coisas sem juízo, para gente ausente, pois estava lavorando de quente e tinha mesmo de delirar.

— Deus que me perdoe, — resmungou a preta, — mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi!

Mas o negro só disse:

— Os outros não vão vir aqui, para campear defunto, porque a pirambeira não tem descida, só dando muita volta por longe. E, como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubus vieram por causa do que eles estão pensando...

Deitado na esteira, no meio de molambos, no canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a

faire une couche, pendant que la nègre cherchait un moignon de bougie bénite, pour la poser dans la main de l’homme, au moment du « Dis Jesus avec moi, mon frère »...

Mais, pendant cette attente, par surprise, il se passa que Sieur Augusto posa sa personne dans ses yeux, et gémit :

— Tuez-moi d’un coup, par charité, par les plaies de Notre Seigneur...

Après, il dit des choses dépourvues de sens, à des gens absents, car il peinait de chaleur et devait vraiment délirer.

— Que Dieu me pardonne, — bougonna la nègre, — mais cet homme doit être mauvais comme un crotale glaisé dans un trou, parce qu’il délire qu’il fait et produit, et ce n’est que rage de tuer et saigner... Et il appelle Dieu, au moment de la forte douleur, et Dieu ne répond pas, ni même pour une trêve, comme ça dans un désarroi comme j’en ai jamais vu !

Mais le nègre dit juste :

— Les autres ne vont pas venir ici, pour dénicher un défunt, parce que la crevasse n’a pas de descente, juste en faisant beaucoup de détours au loin. Et, comme y a un veau mort, dans la cavité, là au-dessus ils vont penser que les vautours sont venus à cause de ce qu’ils pensent...

Couché sur la natte, au milieu de chiffes, dans le coin sombre de la baraque au sol en terre, Sieur Augusto, des jours après, quand il récupéra la notion des choses, vit qu’il avait les jambes flanquées d’attelles grossières faites de

esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.

Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar.

taboca et accommodées dans le creux de tuiles, parce que la gauche était brisée en deux endroits, et la droite en un seul, mais avec une plaie ouverte. Les mouches voletaient et se posaient, et tout le corps lui faisait mal, avec des côtes cassées aussi, et un bras en plus, et une souffrance de blessures et de coupures, et la brûlure de la marque de fer, comme si son pauvre corps était devenu immense.

Même ainsi, avec tout cela, il se dit à lui-même que c'était mieux de vivre. Il but de la bouillie de fubá, et la nègre lui roula une cigarette de paille. À sa recherche, personne n'était apparu. Il pouvait guérir. Il pouvait penser.

Anexo 3 - Tradução em espelho de “A hora e a vez de Augusta Matraga” - versão 1 e 2

Texto em português	Texto em francês – Versão 1	Texto em francês – Versão 2
<p><i>“Eu sou pobre, pobre, pobre, vou-me embora, vou-me embora</i> <i>Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...”</i> <i>(Cantiga antiga.)</i> <i>“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.”</i> <i>(Provérbio capiau.)</i></p>	<p><i>« Je suis pauvre, pauvre, pauvre je me barre, je me barre</i> <i>Je suis riche, riche, riche, je me barre d’ici !... »</i> <i>(Comptine ancienne.)</i> <i>« La grenouille ne saute pas par beauté, mais plutôt par nécessité. »</i> <i>(Proverbe péon)</i></p>	<p><i>« Je suis pauvre, pauvre, pauvre je me barre, je me barre</i> <i>Je suis riche, riche, riche, je me barre d’ici !... »</i> <i>(Chanson populaire ancienne.)</i> <i>« La grenouille ne saute pas par beauté, mais plutôt par nécessité. »</i> <i>(Proverbe péon)</i></p>
<p>A hora e vez de Augusto Matraga</p>	<p>Le moment et le tour d’Augusto Matraga</p>	<p>L’heure et le tour d’Augusto Maltraîne</p>
<p>Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.</p>	<p>Matraga n’est pas Matraga, il n’est rien. Matraga est Estêves. Augusto Estêves, fils du Colonel Afonso Estêves, des Pindaíbas et du Sac-d’Embira. Ou Sieur Augusto - l’homme - en cette nuit de neuvaine, dans une vente aux enchères derrière l’église, dans le patelin de la Vierge Notre Dame des Douleurs du Cours du Murici.</p>	<p>Maltraîne n’est pas Maltraîne, il n’est rien. Maltraîne est Estêves. Augusto Estêves, fils du Colonel Afonso Estêves, des Pindaíbas et du Sac-d’Embira. Ou Sieur Augusto - l’homme - en cette nuit de neuvaine, dans une vente aux enchères derrière l’église, dans le patelin de la Vierge Notre Dame des Douleurs du Cours du Murici.</p>
<p>Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.</p>	<p>Procession rentrée, prière terminée. Et la vente aux enchères a vite avancé et s’est éteinte, sans sel, parce que les braves gens partirent, presque tous d’un coup.</p>	<p>La procession entra, la prière termina. Et la vente aux enchères avança vite et s’éteignit, sans émotion, car les braves gens s’en allèrent, presque tous d’un coup.</p>
<p>Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de</p>	<p>Mais le crieur était resté sous la tente, mangeant un cône d’amandes et se raclant la</p>	<p>Mais le crieur était resté sous la tente, mangeant un cône d’amandes et se raclant la</p>

<p>rouco, bloqueado por uma multidão encachaçada de fim de festa.</p> <p>E, na primeira fila, apertadas contra o balcãozinho, bem iluminadas pelas candeias de meialaranja, as duas mulheres-à-toa estavam achando em tudo um espírito enorme, porque eram só duas e pois muito disputadas, todo-o-mundo com elas querendo ficar.</p> <p>Beleza não tinham: Angélica era preta e mais ou menos capenga, e só a outra servia. Mas, perto, encostado nela outra, um capiau de cara romântica subia todo no sem-jeito; eles estavam se gostando, e, por isso, aquele povo encapetado não tinha — pelo menos para o pobre namorado — nenhuma razão de existir. E a cada momento as coisas para ele pioravam, com o pessoal aos gritos:</p> <p>— Quem vai arrematar a Sariema? Anda, Tião! Bota a Sariema no leilão!...</p> <p>— Bota no leilão! Bota no leilão...</p> <p>A das duas raparigas que era branca e que tinha pescoço fino e pernas finas, e passou a chamar-se, imediatamente, Sariema — pareceu se assustar. O capiau apaixonado deixou fuchicar, de cansaço, o meio-riso que</p>	<p>gorge enrôlée, bloqué par une foule engnôlée de fin de fête.</p> <p>Et, au premier rang, serrés contre le petit balcon, bien illuminées par les bougies de demi-oranges, les deux femmes-de-vie trouvaient à tout un esprit énorme, parce qu'elles étaient deux et donc très disputées, tout-le-monde voulant rester avec elle.</p> <p>De la beauté, elles n'en avaient pas : Angélica était noire et plus ou moins éclopée, et seule l'autre servait. Mais, tout près, appuyé sur l'autre, un péon à la figure romantique montait tout maladroit ; ils s'aimaient bien, et pour cela, ce peuple endiablé n'avait - du moins pour le pauvre enamouré - aucune raison d'exister. Et à tout moment, les choses pour lui empiraient, avec les cris des gens :</p> <p>— Qui va ramasser Sariema? Allez, Tião ! Mets Sariema en vente !...</p> <p>— Mets-la en vente ! Mets-la en vente...</p> <p>Celle des deux filles qui était blanche et avait le cou fin et les jambes fines, et s'est fait appeler, immédiatement, Sariema – a eu l'air de s'agiter. Le péon amoureux a laissé flancher, de fatigue, le demi-sourire qu'il</p>	<p>gorge enrôlée, bloqué par une foule engnôlée de fin de fête.</p> <p>Et, au premier rang, serrés contre le petit balcon, bien illuminées par les bougies de demi-oranges, les deux femmes-de-vie trouvaient à tout un esprit énorme, parce qu'elles étaient deux et donc très disputées, tout-le-monde voulant être avec elle.</p> <p>De la beauté, elles n'en avaient pas : Angélica était noire et plus ou moins éclopée, et seule l'autre faisait l'affaire. Mais, tout près, appuyé contre l'autre-là, un péon à la figure romantique se perchait tout maladroit ; ils s'aimaient bien, et pour cela, ce peuple endiablé n'avait - du moins pour le pauvre enamouré - aucune raison d'exister. Et à tout moment, les choses pour lui empiraient, avec la foule qui criait :</p> <p>— Qui va ramasser Sariema? Allez, Tião ! Mets Sariema en vente !...</p> <p>— Mets-la en vente ! Mets-la en vente...</p> <p>Celle des deux filles qui était blanche et avait le cou fin et les jambes fines, et se fit appeler, immédiatement, Sariema – eut l'air de s'agiter. Le péon amoureux laissa flancher, de fatigue, le demi-sourire qu'il</p>
--	--	---

<p>trazia pendurado. E o leiloeiro pedia que houvesse juízo; mas ninguém queria atender.</p> <p>— Dou cinco mil-réis!</p> <p>— Sariema! Sariema!</p> <p>E, aí, de repente, houve um deslocamento de gentes, e Nhô Augusto, alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros e com os braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo. Depois, com voz de meio-dia, berrou para o leiloeiro Tião:</p> <p>— Cinquenta mil-réis!...</p> <p>Ficou de mãos na cintura, sem dar rosto ao povo, mas pausando para os aplausos.</p> <p>— Nhô Augusto! Nhô Augusto!</p> <p>E insistiu fala mais forte:</p> <p>— Cinquenta mil-réis, já disse! Dou-lhe uma! dou-lhe duas! Dou-lhe duas — dou-lhe três!</p> <p>Mas, nisso, puxaram para trás a outra — a Angélica preta se rindo, senvergonha e</p>	<p>portait pendu. Et le marchand demander qu'il y ait du bon sens ; mais personne ne voulait l'écouter.</p> <p>— Je donne cinq mille-réis !</p> <p>— Sariema ! Sariema !</p> <p>Et, alors, il y eut un mouvement de gens, et Sieur Augusto, altier, le torse large, en habits de deuil, marchant sur le pied des autres et avec les bras en tension, pliant les coudes, balaya le devant de la foule, dévisagea Sariema et lui mit le doigt sur le menton. Après, avec une voix de midi, cria au marchand Tião :</p> <p>— Cinquante mille-réis !...</p> <p>Il resta les mains sur la taille, sans montrer son visage au peuple, mais posant pour les applaudissements.</p> <p>— Sieur Augusto ! Sieur Augusto !</p> <p>Et il insista, parole plus forte :</p> <p>— Cinquante mille-réis, j'ai dit ! Une fois ! Deux fois ! Deux fois – trois fois !</p> <p>Mais, lá, ils poussèrent en arrière l'autre – l'Angélique noire se moquant, sans gêne et</p>	<p>portait pendu. Et le marchand demandait du bon sens ; mais personne ne voulait l'écouter.</p> <p>— Je donne cinq mille-réis !</p> <p>— Sariema ! Sariema !</p> <p>Et, alors, soudain, il y eut un mouvement de gens, et Sieur Augusto, altier, le torse large, en habits de deuil, marchant sur les pieds des autres et avec les bras en tension, angulant les coudes, balaya le devant de la foule, dévisagea Sariema et lui mit le doigt sur le menton. Après, avec une voix de midi, brailla au marchand Tião :</p> <p>— Cinquante mille-réis !...</p> <p>Il se tint les mains sur la taille, sans montrer son visage au peuple, mais posant pour les applaudissements.</p> <p>— Sieur Augusto ! Sieur Augusto !</p> <p>Et il insista, parole plus forte :</p> <p>— Cinquante mille-réis, j'ai dit ! Une fois ! Deux fois ! Deux fois – trois fois !</p> <p>Mais, lá, ils poussèrent en arrière l'autre – l'Angélique noire se moquant, sangêne et</p>
---	---	--

<p>dengosa — que se soverteu na montoeira, de braço em braço, de rolo em rolo, pegada, manuseada, beliscada e cacarejante:</p> <p>—Virgem Maria Puríssima! Úi, pessoal!</p> <p>E só então o Tião leiloeiro achou coragem para se impor:</p> <p>— Respeito, gente, que o leilão é de santo!...</p> <p>— Bau-bau!</p> <p>— Me desprezo! Me desprezo desse herege!... Vão coçar suas costas em parede!... Coisa de igreja tem castigo, não é brinquedo... Deix'passar!... Dá enxame, gente! Dá enxame!...</p> <p>Alguns quiseram continuar vaia, mas o próprio Nhô Augusto abafou a arrelia:</p> <p>— Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo... Abre, abre, deixa o Tião passar!</p> <p>Então, surpresos, deram caminho, e o capiau amoroso quis ir também:</p>	<p>enjôleuse – qui s'escamota dans l'atroupement, de bras en bras, de groupe en groupe, prise, manipulée, pincée, et caquetant :</p> <p>— Vierge Marie Purissime ! Ouille, les gens !</p> <p>Et seulement alors, Tião le marchand trouva le courage de s'imposer :</p> <p>— Du respect, les gens, parce que c'est une vente sainte !...</p> <p>— Ouh ! Ouh !</p> <p>— J'm'en fous ! J'm'en fous de cet hérétique !... Allez vous gratter le dos sur les murs !... Qui dit affaire d'église dit punition, c'est pas un jouet... Laiss'passer !... Ça fait un essaim, les gens ! Ça fait un essaim !...</p> <p>Quelques-uns voulurent continuer à huer, mais le propre Sieur Augusto étouffa les moqueries :</p> <p>— Cloche et saint, c'est pas du pagode, peuple ! Je fais ce qui est juste... Ouvre, ouvre, laisse Tião passer !</p> <p>Alors, surpris, ils lui firent un passage, et le péon amoureux voulut partir aussi :</p>	<p>enjôleuse – qui s'escamota dans l'atroupement, de bras en bras, de tas en tas, prise, manipulée, pincée, et caquetant :</p> <p>— Vierge Marie Purissime ! Ouille, les gens !</p> <p>Et seulement alors, Tião le marchand trouva le courage de s'imposer :</p> <p>— Du respect, les gens, parce que c'est une vente sainte !...</p> <p>— Ouh ! Ouh !</p> <p>— J'm'en fous ! J'm'en fous de cet hérétique !... Allez vous gratter le dos au mur !... Qui dit affaire d'église dit punition, c'est pas un jouet... Laiss'passer !... Ça fourmille, les gens ! Ça fourmille !...</p> <p>Quelques-uns voulurent continuer à huer, mais le propre Sieur Augusto étouffa les moqueries :</p> <p>— Cloche et saint, c'est pas du pagode, peuple ! Je vais dans le juste... Ouvre, ouvre, laisse Tião passer !</p> <p>Alors, surpris, ils lui firent un passage, et le péon amoureux voulut partir aussi :</p>
---	---	--

<p>—Vamos embora, Tomázia, aproveitando a confusão... E sua voz baixava, humilde, porque para ele ela não era a Sariema. Pôs três dedos no seu braço, e bem que ela o quis acompanhar. Mas Nhô Augusto separou-os, com uma pranchada de mão:</p> <p>—Não vai, não!</p> <p>E, atrás, deram apoio os quatro guarda-costas:</p> <p>—Tem areia! Tem areia! Não vai, não!</p> <p>— É do Nhô Augusto... Nhô Augusto leva a rapariga! — gritava o povo, por ser barato. E uma voz bem entoada cantou de lá, por cantar:</p> <p style="text-align: center;"><i>Mariquinha é como a chuva: boa , p'ra quem quer bem! Ela vem sempre de graça, só não sei quando ela vem...</i></p> <p>Aí o povaréu aclamou, com disciplina e cadência:</p> <p>— Nhô Augusto leva a Sariema! Nhô Augusto leva a Sariema!</p>	<p>— On s'en va, Tomázia, profitant de la confusion... Et sa voix baissait, humble, parce que pour lui elle n'était pas Sariema. Il mit trois doigts sur son bras, et elle aurait bien voulu l'accompagner. Mais Sieur Augusto les sépara, avec une main comme une planche :</p> <p>— Ah non, elle part pas !</p> <p>Et derrière, les quatre gardes du corps apportèrent leur soutien :</p> <p>— Y a du sable ! Y a du sable ! Elle part pas !</p> <p>— Elle est à Sieur Augusto... Sieur Augusto emporte la donzelle ! – criait le peuple, parce que c'était drôle. Et une voix bien entonnée chanta de là, juste pour chanter :</p> <p style="text-align: center;"><i>Mariquinha est comme la pluie : bonne, pour ceux qui veulent bien ! Elle vient toujours gratuit, Je sais juste pas quand elle vient...</i></p> <p>Alors la plèbe aclama, avec discipline et cadence :</p> <p>— Sieur Augusto emporte Sariema ! Sieur Auguste emporte Sariema !</p>	<p>— On s'en va, Tomázia, profitons de la confusion... Et sa voix baissait, humble, parce que pour lui elle n'était pas Sariema. Il mit trois doigts sur son bras, et elle aurait bien voulu l'accompagner. Mais Sieur Augusto les sépara, avec une main pareille à une planche :</p> <p>— Ah non, elle part pas !</p> <p>Et derrière, les quatre gardes du corps apportèrent leur soutien :</p> <p>— Y a du grabuge ! Y a du grabuge ! Elle part pas !</p> <p>— Elle est à Sieur Augusto... Sieur Augusto emporte la donzelle ! – criait le peuple, parce que c'était drôle. Et une voix bien entonnée chanta de là, juste pour chanter :</p> <p style="text-align: center;"><i>Mariquinha est comme la pluie : bonne, pour ceux qui veulent bien ! Elle vient toujours gratuit, Je sais juste pas quand elle vient...</i></p> <p>Alors la plèbe acclama, avec discipline et cadence :</p> <p>— Sieur Augusto emporte Sariema ! Sieur Auguste emporte Sariema !</p>
--	--	--

<p>O capiauzinho ficou mais amarelo. A Sariema começou a querer chorar. Mas Nhô Augusto, rompente, alargou no tal três pescoções:</p> <p>— Toma! Toma! E toma!... Está querendo?...</p> <p>Ferveram faces.</p> <p>— Que foi? Que foi?...</p> <p>— Deix'eu ver!...</p> <p>— Não me esbarra, filho-da-mãe!</p> <p>E a agitação partiu povos, porque a maioria tinha perdido a cena, apreciando, como estavam, uma falta-de-lugar, que se dera entre um velho — “Cai n'água, barbado!” — e o sacristão, no quadrante noroeste da massa. E também no setor sul estalara, pouco antes, um mal-entendido, de um sujeito com a correia desafivelada lept!... lept!... —, com um outro pedindo espaço, para poder fazer sarilho com o pau.</p> <p>— Que foi, hein?... Que foi?</p> <p>Foi o capiauzinho apanhando, estapeado</p>	<p>Le petit péon devint plus jaune. Sariema commença à vouloir pleurer. Mais Sieur Augusto, imposant, élargit comme trois cous :</p> <p>— Prends ! Prends ! Et prends !... T'en veux ?...</p> <p>Des faces s'échauffèrent.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a ? Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>— Laisse-moi voir !...</p> <p>— M'pousse pas, fils-de-pute !</p> <p>Et l'agitation divisa les peuples, parce que la majorité avait perdu la scène, appréciant, comme ils le faisaient, un manque-de-place, qui s'était fait entre un vieux – « Tombe dans l'eau, barbu ! » - et un sacristain, dans le quart nord-ouest de la foule. Et aussi dans le secteur sud, avait éclaté, peu avant, un malentendu, d'un individu avec le cordon détaché lept !... lept !... – avec un autre demandant de l'espace, pour pouvoir faire tourner son bâton.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a, hein ?... Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>C'est le petit péon qui ramasse, cogné par</p>	<p>Le petit péon jaunit encore. Sariema commença à vouloir pleurer. Mais Sieur Augusto, imposant, cogna le type trois fois au cou :</p> <p>— Prends ça ! Prends ça ! Et ça !... T'en veux ?...</p> <p>Des faces s'échauffèrent.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a ? Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>— Laisse-moi voir !...</p> <p>— M'pousse pas, fils-de-ta-mère !</p> <p>Et l'agitation divisa les peuples, parce que la majorité avait perdu la scène, appréciant, comme ils le faisaient, un manque-de-place qui s'était fait entre un vieux – « Tombe dans l'eau, barbado ! » – et le sacristain, dans le quart nord-ouest de la foule. Et aussi dans le secteur sud, avait éclaté, peu avant, un malentendu d'un individu avec la bretelle détachée lept !... lept !... – avec un autre demandant de l'espace, pour pouvoir faire tourner son bâton.</p> <p>— Qu'est-ce qu'y a, hein ?... Qu'est-ce qu'y a ?</p> <p>C'est le petit péon qui ramassait, taloché par</p>
--	---	--

<p>pelos quatro cacundeiros de Nhô Augusto, e empurrado para o denso do povo, que também queria estapear.</p> <p>— Viva Nhô Augusto!</p> <p>— Te apessoa para cá, do meu lado! — e Nhô Augusto deu o braço à rapariga, que parou de lacrimejar.</p> <p>— Vamos andando.</p> <p>Passaram entre alas e aclamações dos outros, que, aí, como não havia mais mulheres, nem brigas, pegaram a debandar ou a cantar:</p> <p style="text-align: center;"><i>“Ei, compadre, chegadinho, chegou... Ei, compadre, chega mais um bocadinho!...”</i></p> <p>Nhô Augusto apertava o braço da Sariema, como quem não tivesse tido prazo para utilizar no capiau todos os seus ímpetos:</p> <p>— E é, hein?... A senhora dona queria ficar com aquele, hein?!</p> <p>— Foi, mas agora eu gosto é de você.., O outro eu mal-e mal conheci...</p>	<p>les quatre hommes de main de Sieur Augusto, et poussé au milieu du peuple dense, qui voulait aussi le cogner.</p> <p>— Vive Sieur Augusto !</p> <p>— Présente-toi par ici, à côté de moi ! — et Sieur Augusto tendit le bras à la donzelle, qui arrêta de larmoyer.</p> <p>— Allons à pied.</p> <p>Ils passèrent entre allées et acclamations des autres, qui, alors, comme il n’y avait plus de femmes, ni de bagarres, attaquèrent à décemper ou a chanter :</p> <p style="text-align: center;"><i>« Hé, compère, ami, s’est ramené... Hé, compère, ramène-toi encore un petit peu ! »</i></p> <p>Sieur Auguste serrait le bras de Sariema, comme quelqu’un qui n’aurait pas eu de délai pour utiliser avec le péon toutes ses impulsions :</p> <p>— Et c’est vrai, hein ?... Dame madame voulait être avec celui-là, hein ?!</p> <p>— Oui, mais maintenant, celui que j’aime bien, c’est toi... L’autre, je l’ai à peine connu...</p>	<p>les quatre sbires de Sieur Augusto, et poussé au milieu du dense du peuple, qui voulait aussi le talocher.</p> <p>— Vive Sieur Augusto !</p> <p>— Amène-toi par ici, à côté de moi ! — et Sieur Augusto tendit le bras à la donzelle, qui arrêta de larmoyer.</p> <p>— Allons à pied.</p> <p>Ils passèrent entre allées et acclamations des autres qui, comme il n’y avait plus de femmes, ni de bagarres, attaquèrent alors à se débander ou à chanter :</p> <p style="text-align: center;"><i>« Hé, compère, ami, tu t’es ramené... Hé, compère, ramène-toi encore un petit peu ! »</i></p> <p>Sieur Auguste serrait le bras de Sariema, comme quelqu’un qui n’aurait pas eu le temps d’utiliser sur le péon toutes ses provocations :</p> <p>— Et c’est vrai, hein ?... Vous madame vouliez être avec celui-là, hein ?!</p> <p>— Oui, mais maintenant, celui que j’estime, c’est toi... L’autre, je l’ai à peine-et-à peine connu...</p>
--	---	--

<p>Caminharam para casa. Mas para a casa do Beco do Sem Ceroula, onde só há três prédios — cada um deles com gramofone tocando, de cornetão à janela e onde gente séria entra mas não passa.</p> <p>Nisso, porém, transpunham o adro, e Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em nome-do-padre, para saudar a porta da igreja. Mas o lugar estava bem alumiado, com lanterninhas e muita luz de azeite, pendentes dos arcos de bambu. E Nhô Augusto olhou a mulher.</p> <p>— Que é?!... Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p'ra mim, com uma sombração dessas!... Vá-se embora, frango-d'água! Some daqui!</p> <p>E, empurrando a rapariga, que abriu a chorar o choro mais sentido da sua vida, Nhô Augusto desceu a ladeira sozinho — uma ladeira que a gente tinha de descer quase correndo, por que era só cristal e pedra solta.</p> <p>Lá em baixo, esbarrou com o camarada, que</p>	<p>Ils marchèrent jusqu'à la maison. Mais à la maison du Cul-de-sac du Sans Caleçon, où il y a seulement trois immeubles - chacun d'entre eux avec un gramophone en marche, au grand cornet à la fenêtre et où les gens sérieux entrent mais ne passent pas.</p> <p>Là-dessus, cependant, ils traversèrent le parvis, et Sieur Auguste s'arrêta, retirant son chapeau et faisant un au nom-du-père, pour saluer la porte de l'église. Mais le lieu était bien éclairé, avec des petites lanternes et beaucoup de lumière à huile, pendues aux arcs de bambou. Et Sieur Auguste regarda la femme.</p> <p>— Quoi?!... Tu as une jambe de manuel-fonseca, l'une fine et l'autre sèche ! Et tellement qu'elle est seulement os, poisson cuit sans assaisonnement... Foin pour moi, avec une de ces apparitions ! Va-t-en, poule d'eau ! Disparais !</p> <p>Et, poussant la donzelle, qui se mit à pleurer le pleur le plus ressenti de sa vie, Sieur Augusto descendit la pente tout seul - une pente qu'on devait descendre presque en courant, parce qu'elle était juste cristal et pierre branlante.</p> <p>Là en bas, il buta contre le camarade qui</p>	<p>Ils marchèrent jusqu'à la maison. Mais à la maison du Cul-de-sac du Sans Caleçon, où il y a seulement trois bâtiments – chacun d'entre eux avec un gramophone en marche, au grand cornet à la fenêtre et où les gens sérieux entrent mais ne restent pas.</p> <p>Là-dessus, cependant, ils traversaient le parvis, et Sieur Auguste s'arrêta, retirant son chapeau et faisant un au nom-du-père, pour saluer la porte de l'église. Mais le lieu était bien éclairé, avec de petites lanternes et beaucoup de lumière à huile, pendues aux arcs de bambou. Et Sieur Auguste regarda la femme.</p> <p>— Quoi?!... Tu as une jambe de manuel-fonseca, l'une fine et l'autre sèche ! Et tellement qu'elle est juste os, poisson cuit sans assaisonnement... Foin pour moi, avec une de ces apparitions ! Va-t-en, poule d'eau ! Disparais !</p> <p>Et, poussant la donzelle, qui se mit à pleurer le pleur le plus ressenti de sa vie, Sieur Augusto descendit la pente tout seul – une pente qu'on devait descendre presque en courant, parce qu'elle n'était que cristal et pierre branlante.</p> <p>Là en bas, il buta contre le camarade qui</p>
--	--	---

<p>trazia recado de Dona Dionóra: que Nhô Augusto voltasse, ou ao menos desse um pulo até lá — à casa dele, de verdade, na Rua de Cima, — porque ainda havia muito arranjo a ultimar para a viagem, e ela — a mulher, a esposa — tinha uma ou duas coisas por perguntar...</p> <p>Mas Nhô Augusto nem deixou o mensageiro acabar de acabar:</p> <p>— Desvira, Quim, e dá o recado pelo avesso: eu lá não vou! ... Você apronta os animais, para voltar amanhã com Siá Dionóra mais a menina, para o Morro Azul. Mas, em antes, você sobe por aqui, e vai avisar aos meus homens que eu hoje não preciso deles, não.</p> <p>E o Quim Recadeiro correu, com o recado, enquanto Nhô Augusto ia indo em busca de qualquer luz em porta aberta, aonde houvesse assombros de homens, para entrar no meio ou desapartar.</p> <p>Era fim de outubro, em ano resseco. Um cachorro soletrava, longe, um mesmo nome, sem sentido. E ia, no alto do mato, a lentidão da lua.</p>	<p>apportait un message de Dona Dionóra : que Sieur Auguste revienne, ou au moins qu'il fasse un saut jusque-là — chez lui, vraiment, dans la Rue d'en Haut, — parce qu'il y avait encore beaucoup d'arrangements à terminer pour le voyage, et elle — la femme, l'épouse — avait une ou deux choses à demander...</p> <p>Mais Sieur Auguste ne laissa même pas le messenger finir de finir :</p> <p>— Détourne-toi, Quim, et donne le message à l'inverse : moi, j'vais pas là-bas !... Tu prépares les animaux, pour rentrer demain avec M'dame Diónora, plus la petite, au Morro Azul. Mais, avant, tu montes par là, et tu vas prévenir mes hommes qu'aujourd'hui, j'ai pas besoin d'eux.</p> <p>Et Quim Messenger courut, avec le message, pendant que Sieur Augusto partait à la recherche d'une lumière quelconque à une porte ouverte, où il y aurait des apparitions d'hommes, pour entrer au milieu ou séparer.</p> <p>C'était fin octobre, d'une année asséchée. Un chien épelait, loin, un même nom, sans aucun sens. Et il allait, en haut de la brousse, à la lenteur de la lune.</p>	<p>apportait un message de Dona Dionóra : que Sieur Auguste revienne, ou au moins qu'il fasse un saut jusque-là — chez lui, pour de vrai, dans la Rue d'en Haut, — parce qu'il y avait encore beaucoup de préparatifs à finaliser pour le voyage, et elle — la femme, l'épouse — avait une ou deux choses à lui demander...</p> <p>Mais Sieur Auguste ne laissa même pas le messenger finir de finir :</p> <p>— Demi-tour, Quim, et donne le message à l'envers : moi, j'vais pas là-bas !... Tu prépares les animaux, pour rentrer demain avec M'dame Diónora, plus la petite, au Mont Bleu. Mais, en premier, tu montes par là, et tu vas prévenir mes hommes qu'aujourd'hui, j'ai pas besoin d'eux.</p> <p>Et Quim le Messenger courut, avec le message, pendant que Sieur Augusto partait à la recherche d'une lumière quelconque à une porte ouverte, où il y aurait des échauffourées d'hommes, pour entrer au milieu ou les séparer.</p> <p>C'était fin octobre, d'une année sèche. Un chien épelait, au loin, un même nom, sans aucun sens. Et avançait, en haut de la butte, la langueur de la lune.</p>
--	---	---

<p>Dona Dionóra, que tinha belos cabelos e olhos sérios, escutou aquela resposta, e não deu ar de seus pensamentos ao pobre camarada Quim. Mas muitos que eles eram, a rodar por lados contrários e a atormentar-lhe a cabeça, e ela estava cansada, pelo que, dali a pouco, teve vontade de chorar. E até a Mimita, que tinha só dez anos e já estava na cama, sorriu para dizer:</p> <p>— Eu gosto, minha mãe, de voltar para o Morro Azul...</p> <p>E então Dona Dionóra enxugou os olhos e também sorriu, sem palavra para dizer. De voltar para o retiro, sem a companhia do marido, só tinha por que se alegrar. Sentia, pelo desdeixo. Mas até era bom sair do comércio, onde todo o mundo devia estar falando da desdita sua e do pouco-caso, que não merecia.</p> <p>E ela conhecia e temia os repentes de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaíbas, ou no retiro do Morro Azul — ele</p>	<p>Madame Dionóra, qui avait de beaux cheveux et des yeux sérieux, écouta cette réponse, et ne donna pas l'air de ses pensées au pauvre camarade Quim. Mais il y en avait beaucoup à tourner en sens contraires, et à lui tourmenter la tête, et elle était fatiguée, ce qui fit que d'ici peu, elle eut envie de pleurer. Et même Mimita, qui avait juste dix ans et était déjà au lit, elle sourit pour dire :</p> <p>— J'aime, maman, retourner au Morro Azul...</p> <p>E alors, Madame Dionóra s'essuya les yeux et sourit aussi, sans mot à dire. De retour au sanctuaire, sans la compagnie du mari, elle ne pouvait qu'être contente. Elle était triste, du délaissement. Mais c'était quand même bon de sortir du commerce, où tout le monde devait parler de son dépit et du peu-de-cas, qu'elle ne méritait pas.</p> <p>Et elle connaissait et craignait les accès de Sieur Augusto. Dur, fou et sans garde-corps, comme une grande bête de la brousse. Et, à la maison, toujours refermé sur lui-même. Ni même à la petite, il tenait. Elle, Dionóra, il l'aimait bien, parfois ; sa bouche, ses chairs. C'est tout. En plus, toujours avec ses hommes de main, avec des femmes perdues, avec ce qu'il y avait de pire. À la fazenda — au Saco-da-Embira, aux Pindaíbas, ou au</p>	<p>Madame Dionóra, qui avait de beaux cheveux et des yeux sérieux, écouta cette réponse, et ne donna pas l'air de ses pensées au pauvre camarade Quim. Mais elles étaient beaucoup à tourner en sens contraires, et à lui tourmenter la tête, et elle était fatiguée, ce qui fit que peu après, elle eut envie de pleurer. Et même Mimita, qui avait juste dix ans et était déjà au lit, sourit pour dire :</p> <p>— Ça me plaît, maman, de retourner au Mont Bleu...</p> <p>E alors, Madame Dionóra s'essuya les yeux et sourit aussi, sans mot dire. De retourner au refuge, sans la compagnie du mari, elle ne pouvait que s'en réjouir. Elle était triste, de l'abandonnement. Mais c'était quand même bon de sortir du commerce, où tout le monde devait parler de son dépit et du peu-de-cas, qu'elle ne méritait pas.</p> <p>Et elle connaissait et craignait les accès de Sieur Augusto. Dur, fou et sans retenue, comme une grande bête de la brousse. Et, à la maison, toujours refermé sur lui-même. Ni même à la petite, il s'intéressait. Elle, Dionóra, il l'aimait bien, parfois ; sa bouche, ses chairs. C'est tout. Sinon, toujours avec ses hommes de main, avec des femmes égarées, avec ce qu'il y avait de pire. À la fazenda — au Sac-d'Embira, aux Pindaíbas,</p>
--	---	--

<p>tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas. E sem efeito eram sempre as orações e promessas, com que ela o pretendia trazer, pelo menos, até a meio caminho direito.</p> <p>Fora assim desde menino, uma menina à louca e à larga, de filho único de pai panacrácio. E ela, Dionóra, tivera culpa, por haver contrariado e desafiado a família toda, para se casar.</p> <p>Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra, estava ficando Nhô Augusto. E com dividas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca.</p> <p>Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na idéia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.</p> <p>Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô</p>	<p>sanctuaire du Morro Azul — il avait d'autres plaisirs, d'autres femmes, le jeu du truc et les chasses. Et sans effets, elles étaient toujours, les prières et les promesses, avec ce qu'elle prétendait apporter, au moins, jusqu'à mi-chemin correctement.</p> <p>C'était comme ça depuis tout petit, une enfance désaxée et débridée, de fils unique au père gourdiflot. Et elle, Dionóra, avait été fautive, d'avoir contrarié et défié toute la famille, pour se marier.</p> <p>Maintenant, avec la mort du Coronel Afonso, tout était devenu pire, encore plus. Ne pas y penser. Plus écervelé, échevelé et sans règle, Sieur Augusto devenait. Et avec des dettes énormes, politique du côté qui perd, manque de crédit, les terres à la débandade, les fazendas écrites à payer, et tout à faire de l'anxiété plus tard, sans portes, comme des murs blancs.</p> <p>Dionóra l'avait aimé trois ans, deux ans elle lui avait laissé le bénéfice du doute, et l'avait supporté les autres. Maintenant, toutefois, un autre était apparu. Non, juste de mettre ça dans ses idées, elle avait déjà peur... Pour elle et pour sa fille... Une peur immense.</p> <p>Si elle y allait, si elle acceptait de partir avec</p>	<p>ou au refuge du Mont Bleu — il avait d'autres plaisirs, d'autres femmes, le jeu du trut et les chasses. Et sans effet, elles étaient toujours, les prières et les promesses, avec lesquelles elle prétendait le ramener, au moins, jusque dans un demi-droit chemin.</p> <p>C'était comme ça depuis tout petit, une enfance désaxée et débridée, de fils unique au père gourdiflot. Et elle, Dionóra, avait été fautive d'avoir contrarié et défié toute la famille, pour se marier.</p> <p>Maintenant, avec la mort du Coronel Afonso, tout avait empiré, encore plus. À aucun prix. Plus écervelé, échevelé et sans règle, devenait Sieur Augusto. Et avec des dettes énormes, la politique du côté qui perd, un manque de crédit, les terres à la débandade, les fazendas mises en gage, et le tout à créer de l'anxiété pour après, sans portes, comme un mur blanc.</p> <p>Dionóra l'avait aimé trois ans, deux ans elle les avait laissés au doute, et l'avait supporté le reste du temps. Maintenant, toutefois, un autre était apparu. Non, juste de mettre ça dans ses idées, elle avait déjà peur... Pour elle et pour sa fille... Une peur immense.</p> <p>Si elle y allait, si elle acceptait de partir avec</p>
---	--	---

<p>Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido. Mas, quem sabe se não era melhor se entregar à sina, com a proteção de Deus, se não fosse pecado... Fechar os olhos.</p>	<p>l'autre, Sieur Auguste était capable de la tuer. Pour ça, oui, il était bon. Il tuait, vraiment, comme il avait maté l'homme à la faux, payé pour venger un offensé quelconque. Mais, qui sait si ce n'était pas mieux de se livrer à la chance, avec la protection de Dieu, si ce n'était pas un péché... Fermer les yeux.</p>	<p>l'autre, Sieur Augusto était capable de la tuer. Pour ça, oui, il était bon. Il tuait, vraiment, comme il avait réglé son compte à l'homme à la faux, payé pour venger quelque offensé. Mais, qui sait si ce n'était pas mieux de se livrer à la chance, avec la protection de Dieu, si ce n'était pas un péché... Fermer les yeux.</p>
<p>E o outro era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada, para chamar pelo seu nome: ...Dionóra... “Dionóra, vem comigo, vem comigo e traz a menina, que ninguém não toma vocês de mim!...” Bom... Como um sonho... Como um sono...</p>	<p>Et l'autre était différent ! Il l'aimait, beaucoup... Plus que ce que lui-même disait, plus que ce qu'il savait, à la manière dont on doit aimer. Et il avait une grande force, d'amour tu, et une patience chaude, chantante, pour l'appeler par son nom : ...Dionóra... « Dionóra, viens avec moi, viens avec moi et amène la petite, que personne ne vous prendra de moi !... » Bon... Comme un rêve.... Comme un rêve...</p>	<p>Et l'autre, il était différent ! Il l'aimait, beaucoup... Plus que ce que lui-même disait, plus que ce que lui-même savait, à la manière dont on doit aimer. Et il avait une grande force, d'amour silencieux, et une patience chaude, chantée, pour l'appeler par son nom : ...Dionóra... « Dionóra, viens avec moi, viens avec moi et amène la petite, que personne vous tirera de moi !... » Bon... Comme un rêve.... Comme un rêve...</p>
<p>Dormiu.</p>	<p>Elle s'endormit.</p>	<p>Elle s'endormit.</p>
<p>E, assim, mal madrugada escassa, partiram as duas — Dona Dionóra, no cavalo de silhão, e a Mimita, mofina e franzina, carregada à frente da sela do camarada Quim.</p>	<p>Et, ainsi, à peine l'aube démunie, partirent toutes les deux — Madame Dionóra, sur le cheval sellé, et Mimita, affligée et fragile, portée au devant de la selle du camarade Quim.</p>	<p>Et, ainsi, l'aube tout juste raréfiée, les deux partirent — Madame Dionóra, sur le cheval sellé, et Mimita, affligée et fragile, hissée au devant de la selle du camarade Quim.</p>
<p>Pernoitaram no Pau Alto, no sítio de um tio nervoso, que riscava a mesa com as unhas e não se cansava de resmungar:</p>	<p>Ils passèrent la nuit au Pau Alto, dans la ferme d'un oncle nerveux, qui grattait la table avec les ongles et ne se lassait pas de</p>	<p>Ils passèrent la nuit au Pau Alto, dans la ferme d'un oncle nerveux, qui grattait la table avec les ongles et ne se lassait pas de</p>

<p>— Fosse eu, fosse eu... Uma filha custa sangue, filha é o que tem de mais valia...</p> <p>— Sorte minha, meu tio...</p> <p>— Sorte nunca é de um só, é de dois, é de todos... Sorte nasce cada manhã, e já está velha ao meio-dia...</p> <p>— Culpa eu tive, meu tio...</p> <p>— Quem não tem, quem não teve? Culpa muita, minha filha... Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p'ra chefe de família... Pai era como que Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha...</p> <p>De manhã, com o sol nascendo, retomaram a andadura. E, quando o sol esteve mais dono de tudo, e a poeira era mais seca, Mimita começou a gemer, com uma dor de pontada, e</p>	<p>bougonner :</p> <p>— Si c'était moi, si c'était moi... Une fille nous coûte du sang, une fille est ce qui a le plus de valeur...</p> <p>— C'est mon sort, mon oncle...</p> <p>— Le sort n'est jamais d'une seule personne, c'est de deux, c'est de tous... Le sort naît chaque matin, et est déjà vieux à midi...</p> <p>— Fautive, je l'ai été, mon oncle...</p> <p>— Qui ne l'est pas, qui ne l'a pas été ? Très fautive, ma fille... Mère de Sieur Augusto est morte, quand il était encore petit... Ton beau-père était niais, il n'était pas fait pour être chef de famille... Un père, c'est comme si Sieur Auguste n'en avait pas... Un oncle était criminel, de plus d'un mort, qui vivait caché, là au Saco-da Embira... Celle qui a élevé Sieur Augusto, c'était la grand-mère... Elle voulait que le gamin se fasse curé... Prier, prier, tout le temps, sainteté et litanie...</p> <p>Le matin, avec le soleil se levant, ils reprirent la marche. Et, quand le soleil fut plus maître de tout, et la poussière plus sèche, Mimita commença à gémir, avec un</p>	<p>bougonner :</p> <p>— Si c'était moi, si c'était moi... Une fille coûte du sang, une fille est ce qui a le plus de valeur...</p> <p>— C'est mon sort, mon oncle...</p> <p>— Le sort n'est jamais d'une seule personne, c'est de deux, c'est de tous... Le sort naît chaque matin, et est déjà vieux à midi...</p> <p>— Fautive, je l'ai été, mon oncle...</p> <p>— Qui ne l'est pas, qui ne l'a pas été ? Beaucoup de faute, ma fille... La mère de Sieur Augusto est morte, quand il était encore petit... Ton beau-père était niais, il était pas fait pour être chef de famille... Un père, c'est comme si Sieur Augusto n'en avait pas... Un oncle était criminel, de plus d'un mort, qui vivait caché, là au Saco-da Embira... Celle qui a élevé Sieur Augusto, c'est la grand-mère... Elle voulait que le gamin se fasse curé... Prier, prier, tout le temps, bondieuserie et litanie...</p> <p>Le matin, avec le lever du soleil, ils reprirent la marche. Et, quand le soleil fut plus maître de tout, et la poussière plus sèche, Mimita commença à gémir, avec un point de côté, et</p>
---	---	---

<p>pedia água. E, depois, com um sorriso tristonho, perguntava:</p> <p>— Por que é que o pai não gosta de nós, mãe?</p> <p>E o Quim Recadeiro ficava a bater a cabeça, vez e vez, com muita circunspeção tola, em universal assentimento.</p> <p>Mas, na passagem do brechão do Bugre, lá estava seu Ovídio Moura, que tinha sabido, decerto, dessa viagem de regresso.</p> <p>— Dionóra, você vem comigo... Ou eu saio sozinho por esse mundo, e nunca mais você há-de me ver!</p> <p>Mas Dona Dionóra foi tão pronta, que ele mesmo se espantou.</p> <p>— Nhô Augusto é capaz de matar a gente, seu Ovídio... Mas eu vou com o senhor, e fico, enquanto Deus nos proteger...</p> <p>Seu Ovídio pegou a menina do colo do Quim, que nada escutara ou entendera e passou a cavalgar bem atrás. E, quando chegaram no pilão-d'água do Mendonça, onde tem uma encruzilhada, e o camarada viu que os outros iam tomando o caminho da direita, estugou o</p>	<p>point de côté, et elle demandait de l'eau. Et, après, avec un sourire un peu triste, elle demandait :</p> <p>— Pourquoi c'est que papa ne nous aime pas, maman?</p> <p>Et Quim le Messenger se tapait la tête, encore et encore, avec beaucoup de circonspection sotté, en un assentiment universel.</p> <p>Mais, au passage de la brèche du Bougre, là-bas était M'sieur Ovídio Moura, qui avait été averti, sûrement, de ce voyage de retour.</p> <p>— Dionóra, tu viens avec moi... Ou je pars tout seul dans ce monde, et jamais plus tu ne devrais me voir !</p> <p>Mais Madame Dionóra fut si prête, que lui-même se stupéfia.</p> <p>— Sieur Augusto est capable de nous tuer, M'sieur Ovídio... Mais je vais avec vous, et j'y reste, tant que Dieu nous protège...</p> <p>M'sieur Ovídio prit la petite fille des bras de Quim, qui n'avait rien entendu ou compris et se mit à chevaucher bien en arrière. Et, quand ils arrivèrent au pilon-d'eau de Mendonça, où il y a un embranchement, et le camarade vit que les autres prenaient le</p>	<p>elle demandait de l'eau. Et, après, avec un sourire un peu triste, elle demandait :</p> <p>— Pourquoi c'est que papa ne nous aime pas, maman?</p> <p>Et Quim le Messenger se tapait la tête, encore et encore, avec beaucoup de circonspection sotté, en un assentiment universel.</p> <p>Mais, au passage de la brèche du Bougre, là-bas était M'sieur Ovídio Moura, qui avait su, sûrement, de ce voyage de retour.</p> <p>— Dionóra, tu viens avec moi... Ou je pars tout seul dans ce monde, et jamais plus tu dois me voir !</p> <p>Mais Madame Dionóra fut si prête, que lui-même fut stupéfié.</p> <p>— Sieur Augusto est capable de nous tuer, M'sieur Ovídio... Mais je vais avec vous, et j'y reste, tant que Dieu nous protège...</p> <p>M'sieur Ovídio prit la petite fille des bras de Quim, qui n'avait rien entendu ou compris et se mit à chevaucher loin derrière. Et, quand ils arrivèrent au pilon-d'eau de Mendonça, où il y a un embranchement, et le camarade vit que les autres prenaient le chemin de</p>
--	---	--

<p>cavalo e ainda gritou, para corrigir:</p> <p>—Volta para trás, minha patroa, que o caminho por aí é outro!</p> <p>Mas seu Ovídio se virou, positivo:</p> <p>—Volta você, e fala com o seu patrão que Siá Dona Dionóra não quer viver mais com ele, e que ela de agora por diante vai viver comigo, com o querer dos meus parentes todos e com a bênção de Deus!</p> <p>Quim Recadeiro, no primeiro passo, ainda levou a mão ao chapéu de palha, cumprimentando:</p> <p>— Pois sim, seu Ovídio... Eu dou o recado...</p> <p>Ficou parado, limpando suor dos cabelos, sem se resolver. Mas, fim no fim, num achamento, se retesou nos estribos, e gritou:</p> <p>— Homem sujo!... Tomara que uma coruja ache graça na tua porta!...</p> <p>Jogou fora, e cuspiu em cima. E tocou para trás, em galope doido, dando poeira ao vento. Ia dizer a Nhô Augusto que a casa estava</p>	<p>chemin de droite, hâta le cheval et, en plus, cria pour les corriger :</p> <p>— Revenez, patronne, que le chemin par là est autre !</p> <p>Mais M’sieur Ovídio se retourna, positif :</p> <p>— Reviens, toi, et dis à ton patron que Madame Dame Dionóra ne veut plus vivre avec lui, et que désormais elle va vivre avec moi, avec le bon vouloir de tous mes parents et avec la bénédiction de Dieu !</p> <p>Quim Messenger, au premier pas, leva encore la main au chapeau de paille, saluant :</p> <p>— Alors d’accord, M’sieur Ovídio... Je passe le message...</p> <p>Il resta figé, nettoyant la sueur de ses cheveux, sans se décider. Mais, à la fin de fin, en un déclic, il se tendit sur les étriers, et cria :</p> <p>— Homme sale !... Pourvu que le hibou trouve un intérêt à ta porte !...</p> <p>Il lança, et cracha dessus. Et se dépêcha de revenir, dans un galop fou, jetant de la poussière au vent. Il allait dire à Sieur</p>	<p>droite, il hâta le cheval et cria encore, pour les corriger :</p> <p>— Revenez en arrière, patronne, que le chemin par là est autre !</p> <p>Mais M’sieur Ovídio se retourna, positif :</p> <p>— Repars, toi, et dis à ton patron que Madame Dame Dionóra ne veut plus vivre avec lui, et que désormais elle va vivre avec moi, avec le bon vouloir de tous mes parents et avec la bénédiction de Dieu !</p> <p>Quim le Messenger, au premier pas, leva encore la main au chapeau de paille, saluant :</p> <p>— Alors d’accord, M’sieur Ovídio... Je passe le message...</p> <p>Il resta figé, nettoyant la sueur de ses cheveux, sans se décider. Mais, à la fin de fin, en un déclic, il se tendit sur les étriers, et cria :</p> <p>— Homme sale !... Pourvu que le hibou trouve un intérêt à ta porte !...</p> <p>Il éructa, et cracha dessus. Et il se dépêcha de revenir, dans un galop fou, jetant de la poussière au vent. Il allait dire à Sieur</p>
---	--	--

<p>caindo.</p> <p>Quando chega o dia da casa cair — que, com ou sem terremotos, é um dia de chegada infalível, — o dono pode estar: de dentro, ou de fora. É melhor de fora. E é a só coisa que um qualquer-um está no poder de fazer. Mesmo estando de dentro, mais vale todo vestido e perto da porta da rua. Mas, Nhô Augusto, não: estava deitado na cama — o pior lugar que há para se receber uma surpresa má.</p> <p>E o camarada Quim sabia disso, tanto que foi se encostando de medo que ele entrou. Tinha poeira até na boca. Tossiu.</p> <p>— Levanta e veste a roupa, meu patrão Nhô Augusto, que eu tenho uma novidade meia ruim, p ‘ra lhe contar.</p> <p>E tremeu mais, porque Nhô Augusto se erguia de um pulo e num átimo se vestia. Só depois de meter na cintura o revólver, foi que interpelou, dente em dente:</p> <p>— Fala tudo!</p> <p>Quim Recadeiro gaguejou suas palavras</p>	<p>Augusto que la maison s’écroulait.</p> <p>Quand arrive le jour où la maison s’écroule - qui, avec ou sans tremblement de terre, est un jour dont l’arrivée est infaillible, - le propriétaire peut être : dedans, ou dehors. C’est mieux dehors. Et c’est la seule chose qu’un n’importe-qui ait le pouvoir de faire. Même en étant dedans, mieux vaut tout habillé et près de la porte de la rue. Mais Sieur Augusto, non : il était couché au lit - le pire lieu qui soit pour recevoir une mauvaise surprise.</p> <p>Et le camarade Quim le savait, tant est que c’est en se courbant de peur qu’il est entré. Il avait de la poussière jusque dans la bouche. Il toussa.</p> <p>— Levez-vous et mettez un vêtement, mon patron Sieur Augusto, que j’ai une nouvelle assez mauvaise, à vous raconter.</p> <p>Et il trembla plus, parce que Sieur Augusto se dressait d’un bond et en un temps s’habillait. Ce n’est qu’après avoir mis à sa ceinture le revolver qu’il l’interpela, dent sur dent :</p> <p>— Raconte tout !</p> <p>Quim le Messenger bégaya ses quelques</p>	<p>Augusto que la maison s’écroulait.</p> <p>Quand vient le jour où la maison s’écroule – ce qui, avec ou sans tremblement de terre, est un jour dont la venue est infaillible, – le propriétaire peut être : dedans ou dehors. C’est mieux dehors. Et c’est la seule chose qu’un n’importe-qui ait le pouvoir de faire. S’il est dedans, mieux vaut qu’il soit tout habillé et près de la porte de sortie. Mais Sieur Augusto, non : il était couché au lit – le pire lieu qui soit pour recevoir une mauvaise surprise.</p> <p>Et le camarade Quim le savait, tant est que c’est en se courbant de peur qu’il est entré. Il avait de la poussière jusque dans la bouche. Il toussa.</p> <p>— Levez-vous et habillez-vous, mon patron Sieur Augusto, que j’ai une nouvelle assez mauvaise, à vous raconter.</p> <p>Et il trembla plus, parce que Sieur Augusto se dressait d’un bond et en un temps s’habillait. Ce n’est qu’après avoir mis à sa ceinture le revolver qu’il l’interpela, dent sur dent :</p> <p>— Raconte tout !</p> <p>Quim le Messenger bégaya ses quelques mots,</p>
---	--	---

<p>poucas, e ainda pôde acrescentar:</p> <p>—...Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p’ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...</p> <p>— Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!</p> <p>Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito:</p> <p>— Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P’ra ele pagar o que está nos devendo... E é mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer.</p> <p>— Cachorrada!... Só de pique... Onde é que eles estão?</p> <p>— Indo de mudados, p’ra a chácara do Major...</p>	<p>mots, et put encore ajouter :</p> <p>—... J’aurais pu résister, mais c’était une affaire d’honneur avec du sang seulement pour le maître, et je pensai que vous pourriez ne pas aimer...</p> <p>— Tu as suivi les règles, et c’est fait ! Appelle mes hommes !</p> <p>Peu après, cependant, Quim revenait, avec une nouvelle désolation : les molosses ne venaient pas... Ils ne voulaient plus rester aux côtés de Sieur Augusto... Le Major Consilva les avait enrôlés, un à un, les quatre, comme homme de main, payant bien. Ils ne venaient pas, vraiment. Le plus méritant, la tête, avait même envoyé dire, manquant de respect :</p> <p>— Dis à Sieur Augusto que le soleil d’en haut est de l’argent !... Qu’il paye ce qu’il nous doit... Et il doit l’envoyer par un porteur muet, que nous ne pouvons pas écouter la prose d’un autre, que M’sieur Major a dit qu’il veut pas.</p> <p>— Bande de chiens !... Juste par caprice... Où c’est qu’ils sont ?</p> <p>— Ils partent en déménagement, à la ferme du Major...</p>	<p>et put encore ajouter :</p> <p>—... J’aurais pu me rebiffer, mais c’était une affaire d’honneur dont le sang est rien que pour le maître, et j’ai pensé que vous pourriez ne pas aimer...</p> <p>— Tu as agi dans les règles, et c’est fait ! Appelle mes hommes !</p> <p>Peu après, cependant, Quim revenait, avec une nouvelle désolation : les molosses ne venaient pas... Ils ne voulaient plus rester aux côtés de Sieur Augusto... Le Major Consilva les avait enrôlés, un à un, les quatre, comme homme de main, en payant bien. Ils ne venaient pas, tout bonnement. Le plus méritant, la tête, avait même envoyé dire, manquant de respect :</p> <p>— Dis à Sieur Augusto que le soleil d’en haut, c’est de l’argent !... Qu’il paye ce qu’il nous doit... Et qu’il l’envoie par un porteur muet, que nous ne pouvons pas écouter la prose d’un autre, que M’sieur Major a dit qu’il veut pas.</p> <p>— Bande de chiens !... Juste par caprice... Où c’est qu’ils sont ?</p> <p>— Ils vont en transbahutage, à la ferme du Major...</p>
--	--	---

<p>— Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!</p> <p>— Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... — o senhor dê o perdão p’r’a minha boca que eu só falo o que é preciso — estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação... Estou lhe contando p’ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p’ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto.</p> <p>Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz. Montou e galopou, teso para trás, rei na sela, enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, caçar um gole d’água para beber. Assim.</p>	<p>— Major de merde ! Juste par caprice, parce qu’il était l’ennemi de mon père !... J’y vais !</p> <p>— Ne vois pas de mal en moi, mon patron Sieur Augusto, mais ils disent tous par ici que vous ne possédez plus rien, que vous avez perdu vos fazendas et richesses, et que vous allez devenir pauvre, dans peu... Et ils causent, le Major avec d’autres grands, voulant vous prendre par trahison. Ils propagent... — vous pardonnez ma bouche que je dis juste ce qu’il faut — ils disent que vous n’avez jamais respecté la fille des autres, ni les femmes mariées, et encore que vous êtes comme un serpent mauvais, que qui vous voit doit vous tuer par obligation... Je vous raconte au cas où vous ne voudriez pas faciliter. Y faut trouver d’autres compagnons bons, pour pas vous déplacer seul... Moi, non, parce que je suis peureux. Moi ici je sers pas beaucoup... Mais, si vous demandez, je vais aussi avec vous.</p> <p>Mais Sieur Augusto se mordait, déjà au milieu de sa messe, rouge et féroce. Il monta et galopa, tendu en arrière, roi sur la selle, pendant que Quim le Messenger allait là dedans, chasser une gorgée d’eau à boire. Comme ça.</p>	<p>— Vermine de Major ! Juste par caprice, parce que c’était l’ennemi de mon père !... J’y vais !</p> <p>— Ne vois pas de mal en moi, mon patron Sieur Augusto, mais ils disent tous par ici que vous ne possédez plus rien, que vous avez perdu vos fazendas et richesses, et que vous allez devenir pauvre, dans peu... Et ils causent, le Major avec d’autres grands, voulant vous avoir par trahison. Ils propagent... — pardonnez ma bouche parce que je dis juste ce qu’il faut — ils disent que vous n’avez jamais respecté la fille des autres, ni les femmes mariées, et encore que vous êtes comme un serpent mauvais, que qui vous voit doit vous tuer par devoir... Je vous raconte au cas où vous ne voudriez pas faciliter. Y faut trouver d’autres compagnons bons, pour pas vous déplacer seul... Moi, non, parce que je suis peureux. Moi, ici, je sers pas à grand chose... Mais, si vous demandez, je vais aussi avec vous.</p> <p>Mais Sieur Augusto se mordait, déjà au milieu de sa messe, rouge et féroce. Il monta et galopa, tendu en arrière, roi sur la selle, pendant que Quim le Messenger rentrait là dedans, chasser une gorgée d’eau à boire. Comme ça.</p>
---	---	---

<p>Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...”</p>	<p>Comme ça, presque n’importe quel autre péon, à part Augusto Estêves, avec ces deux contretemps, aurait perçu l’arrivée du hasard, de la guigne, et passerait quelques tours sans jouer, prenant des vacances dans la vie : voyage, déménagement, ou n’importe quoi de fadasse, pour attendre la réalisation du dicton : « Chacun a ses six mois... »</p>	<p>Comme ça, presque tout autre péon, à part Augusto Estêves, avec ces deux contretemps, aurait perçu l’arrivée de la malchance, de la guigne, et passerait quelques tours sans jouer, prenant des vacances dans la vie : voyage, déménagement, ou n’importe quoi de fadasse, pour attendre la réalisation du dicton : « On a tous nos six mois... »</p>
<p>Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos.</p>	<p>Mais Sieur Augusto était du cuir pas encore tanné, et pour celui qui ne sort pas, à temps, de sur la ligne, même le sifflet du train est de mauvaise augure. En plus, quand quelqu’un doit payer les dépenses, il charge jusqu’au bout. Et, ainsi, il pensa que ce n’était pas le moment de penser pondérément.</p>	<p>Mais Sieur Augusto était du cuir pas encore tanné, et pour celui qui ne sort pas, à temps, de sur la ligne, même le sifflet du train est de mauvaise augure. En plus, quand quelqu’un doit payer le déboursé, il fonce jusqu’au bout. Et, ainsi, il pensa que ce n’était pas le moment de penser pondérément.</p>
<p>Nele, mal-e-mal, por debaixo da raiva, uma idéia resolveu por si: que antes de ir à Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi. Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major.</p>	<p>En lui, mal-et-mal, sous la colère, une idée se résolut d’elle-même : qu’avant d’aller à Mombuca, pour tuer Ovídio et Dionóra, il devait tomber sur le Major Consilva et ses hommes de main. Sinon, s’il laissait des traces à frapper, il perdait la force. Et il partit. La poussière s’éleva, en bruine. La route devint droite, pleine de gens avec prudence. Il arriva à la ferme du Major.</p>	<p>En lui, mal-et-mal, sous la colère, une idée se résolut d’elle-même : qu’avant d’aller à Mombuca, pour tuer Ovídio et Dionóra, il devait se jeter sur le Major Consilva et ses hommes de main. Sinon, s’il laissait des traces à déceler, il perdait sa force. Et il partit. La poussière s’éleva, en bruine. La route devint droite, pleine de gens prudents. Il arriva à la ferme du Major.</p>
<p>Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:</p>	<p>Mais il ne déchevaucha même pas, pas le temps. Du haut de l’escalier, le propriétaire de la maison parla fort, au rire mauvais :</p>	<p>Mais il ne déchevaucha même pas, pas le temps. Du haut de l’escalier, le propriétaire de la maison parla fort, riant hargneux :</p>

<p>— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Estêves!...</p> <p>O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho.</p> <p>Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e braços.</p> <p>— Frecha, povo! Desmancha!</p> <p>Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinchãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongó que amava a mulher-à toa Sariema.</p> <p>E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da</p>	<p>— Le temps du bien-bon est fini, chien de Estevês !...</p> <p>Le cheval de Sieur Augusto obéit en avant ; les fers cliquetèrent et firent feu sur le pavement ; et le cavalier, debout sur les étriers, jeta la cravache en l'air, voulant la figure du vieux.</p> <p>Mais le Major cligna, tout juste, et baissa la tête, parce que plus était inutile, et les hommes de main sautaient de chaque bord, et ce n'était que jambes et bras.</p> <p>— Plantez-le, les gars ! Démontez-le !</p> <p>Les gourdins tombaient sur le cavalier, comme des ruades de matrinchãs dans les filets. Des bastonnades sur la tête, sur les épaules, sur les cuisses. Sieur Augusto désaligna le corps et tomba. Il s'agenouilla encore par terre, voulant s'appuyer sur les mains, mais cela lui servit juste à voir les faces horribles de ses propres molosses, et, parmi eux, le petit péon mollasse qui aimait la femme-de-vie Sariema.</p> <p>Et Sieur Augusto ferma les yeux, d'abattement, parce qu'il savait que le péon au front poilu, avec les cheveux presque dans les yeux, est une race d'homme capable de garder le passé à la maison, dans un</p>	<p>— Le temps du bien-bon est fini, chien de Estevês !...</p> <p>Le cheval de Sieur Augusto obéit en avant ; les fers cliquetèrent et firent feu sur le pavement ; et le cavalier, debout sur les étriers, jeta la cravache en l'air, visant la figure du vieux.</p> <p>Mais le Major cligna, tout juste, et baissa la tête, parce que plus n'était pas nécessaire, et les hommes de main sautaient de chaque bord, et n'étaient que jambes et bras.</p> <p>— Plantez-le, les gars ! Démontez-le !</p> <p>Les gourdins tombaient sur le cavalier, comme des ruades de matrinchãs dans les filets. Des bastonnades sur la tête, sur les épaules, sur les cuisses. Sieur Augusto désaligna le corps et tomba. Il s'agenouilla encore par terre, voulant s'appuyer sur les mains, mais cela lui servit juste à voir les faces horribles de ses propres molosses, et, parmi eux, le petit péon mollasse qui aimait la femme-de-vie Sariema.</p> <p>Et Sieur Augusto ferma les yeux, d'usage, parce qu'il savait que le péon au front poilu, avec les cheveux presque dans les yeux, est une race d'homme capable de garder le passé à la maison, dans un endroit frais près du</p>
---	--	--

<p>rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.</p> <p>Mas, aí, pachorrenta e cuspidora, ressoou a voz do Major:</p> <p>— Arrastem p'ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.</p> <p>Nhô Augusto se alteou e estendeu o braço direito, agarrando o ar com os cinco dedos:</p> <p>— Cá p'ra perto, carrasco!... Só mesmo assim desse jeito, p'ra sojigar Nhô Augusto Estêves!</p> <p>E, seguro por mãos e pés, torcido aos pulsos dos capangas, urrava e berrava, e estrebuchava tanto, que a roupa se estraçalhava, e o corpo parecia querer partir-se em dois, pela metade da barriga. Desprendeu-se, por uma vez. Mas outros dos homens desceram os porretes. Nhô Augusto ficou estendido, de-bruços, com a cara encostada no chão.</p> <p>—Traz água fria, companheiro!</p> <p>O capiauzinho da testa peluda cantou, mal-</p>	<p>endroit frais près du pot, et d'aller chercher de la rue d'autres petites colères, tout pour ajouter à la masse-mère de la grande haine, jusqu'à ce qu'arrive le jour de faire vengeance.</p> <p>Mais, là, languissante et crachée, raisonna la voix du Major :</p> <p>— Trainez-le au loin, hors de mes terres... Marquez-le au fer, après tuez-le.</p> <p>Sieur Augusto se dressa et étendit le bras droit, agrippant l'air de ses cinq doigts :</p> <p>— Ici tout près, bourreau ! Seulement comme ça, pour subjuguier Sieur Augusto Estevês !</p> <p>Et, porté par les mains et les pieds, tordu sous les poings des hommes de main, hurlait et braillait, et gigotait tant, que l'habit se déchiquetait, et le corps semblait vouloir se briser en deux, à la moitié du ventre. Il se dégagea, une fois. Mais d'autres des hommes brandirent les gourdins. Sieur Augusto resta étendu, sur-le-côté, avec la tête appuyée par terre.</p> <p>— Apporte de l'eau froide, compagnon !</p> <p>Le petit péon à la tête poilue chanta, mal-</p>	<p>pot, et d'aller chercher de la rue d'autres petites colères, le tout s'assemblant à la masse-mère de la grande haine, jusqu'à ce que le jour arrive de prendre sa vengeance.</p> <p>Mais, là, languissante et crachée, raisonna la voix du Major :</p> <p>— Trainez-le au loin, hors de mes terres... Marquez-le au fer, après tuez-le.</p> <p>Sieur Augusto se dressa et étendit le bras droit, agrippant l'air de ses cinq doigts :</p> <p>— Ici tout près, bourreau ! Seulement comme ça de cette façon, pour subjuguier Sieur Augusto Estevês !</p> <p>Et, tenu par les mains et les pieds, tordu sous les poings des hommes de main, il hurlait et braillait, et gigotait tant, que l'habit se déchiquetait, et le corps semblait vouloir se briser en deux, à la moitié du ventre. Il se dégagea, une fois. Mais d'autres parmi les hommes brandirent les gourdins. Sieur Augusto resta étendu, sur-le-côté, avec la tête appuyée par terre.</p> <p>— Apporte de l'eau froide, compagnon !</p> <p>Le petit péon à la tête poilue chanta, mal-</p>
--	--	--

<p>entoado:</p> <p><i>Sou como a ema, Que tem penas e nao voa...</i></p> <p>Os outros começaram a ficar de cócoras.</p> <p>Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a solevar a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos, para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha:</p> <p>— Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?!...</p> <p>E os cacundeiros, em coro:</p> <p>— Não tem não! Tem mais não!...</p> <p>Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação.</p> <p>E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu.</p>	<p>entonné :</p> <p><i>Je suis comme le nandou, Qui a des plumes et ne vole pas...</i></p> <p>Les autres commencèrent à s'accroupir.</p> <p>Mais, quand Sieur Augusto frémit et se met à soulever la tête, le Major, là de la terrasse, serrant beaucoup les yeux, pour espionner, et s'éventant avec son chapeau, entonna la rengaine :</p> <p>— Y a plus du tout de Sieur Augusto Estêves, des Pindaíbas, mes gars ?!...</p> <p>Et les hommes de main, en cœur :</p> <p>— Non, y a pas ! Y a pas, non !..</p> <p>Il tirèrent et trainèrent Sieur Augusto par le raccourci du ranch du Ravin, qui est devenu un chemin de fléaux et de tourment.</p> <p>Et, quand ils arrivèrent au ranch du Ravin, au bout d'une lieue, Sieur Augusto ne venait déjà presque que porté, à moitié nu, tout piqué de lame, cassé par les coups et emboué épais, de la poussière avec du sang. Ils le poussèrent par terre, et il ne se bougea même pas.</p>	<p>entonné :</p> <p><i>Je suis comme le nandou, Qui a des plumes et ne vole pas...</i></p> <p>Les autres commencèrent à s'accroupir.</p> <p>Mais, quand Sieur Augusto frémit et se mit à soulever la tête, le Major, là de la terrasse, serrant beaucoup les yeux, pour espionner, et s'éventant avec son chapeau, entonna la rengaine :</p> <p>— Y a plus du tout de Sieur Augusto Estêves, des Pindaíbas, mes gars ?!...</p> <p>Et les sbires, en cœur :</p> <p>— Non, y a pas ! Y a pas, non !..</p> <p>Ils tirèrent et trainèrent Sieur Augusto par le raccourci du ranch du Ravin, qui est devenu un chemin de fléaux et de tourment.</p> <p>Et, quand ils arrivèrent au ranch du Ravin, au bout d'une lieue, Sieur Augusto ne venait déjà presque que porté, à moitié nu, tout piqué de lame, cassé par les coups et emboué épais, de la poussière avec du sang. Ils le poussèrent par terre, et il ne bougea même pas.</p>
---	---	---

<p>— É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p'ra nem a alma se salvar...</p> <p>Os jagunços veteranos da chácara do Major Consilva acenderam seus cigarros, com descanso, mal interessados na execução. Mas os quatro que tinham sido bate-paus de Nhô Augusto mostravam maior entusiasmo, enquanto o capiauzinho sem testa, diligente e contente, ia ajuntar lenha para fazer fogo.</p> <p>E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos.</p> <p>— Segura!</p> <p>Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.</p> <p>— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir</p>	<p>— C'est ici même, compagnons. Après, y a plus qu'à le jeter là en bas, pour que pas même l'âme ne se sauve...</p> <p>Les jagunços vétérans de la ferme du Major Consilva allumèrent leur cigarette, au repos, à peine intéressés par l'exécution. Mais les quatre qui avaient été les molosses de Sieur Augusto montraient un plus grand enthousiasme, alors que le petit péon sans front, diligent et content, allait rassembler du bois pour faire du feu.</p> <p>Et, alors, quand tout était au point, ils embrasèrent le fer avec la marque du bétail du Major — qui était normalement un triangle inscrit dans une circonférence —, et ils l'imprimèrent, avec chuintement, odeur de brulé et fumée, sur la pulpe fessière droite de Sieur Augusto. Mais ils reculèrent tous, en sursaut, parce que Sieur Augusto revécut, avec un hurlement et un bond, effrayants.</p> <p>— Tiens-le !</p> <p>Mais il avait déjà atteint le bord du ravin, et il avait sauté dans l'espace. Il y avait une bonne hauteur. Le corps a roulé, là en bas, dans les mottes, disparaissant.</p> <p>— Par où c'est qu'on passe, pour pouvoir</p>	<p>— C'est ici même, compagnons. Après, y a plus qu'à le jeter là en bas, pour que pas même l'âme ne se sauve...</p> <p>Les jagunços vétérans de la ferme du Major Consilva allumèrent leur cigarette, au repos, à peine intéressés par l'exécution. Mais les quatre qui avaient été les molosses de Sieur Augusto montraient un plus grand enthousiasme, alors que le petit péon sans front, diligent et content, allait rassembler du bois pour faire du feu.</p> <p>Et, alors, quand tout était au point, ils embrasèrent le fer avec la marque du bétail du Major — qui était normalement un triangle inscrit dans une circonférence —, et ils l'imprimèrent, avec chuintement, odeur de brulé et fumée, sur la pulpe fessière droite de Sieur Augusto. Mais ils reculèrent tous, en sursaut, parce que Sieur Augusto revécut, avec un hurlement et un bond, effrayants.</p> <p>— Tiens-le !</p> <p>Mais déjà il avait atteint le bord du ravin, et il avait sauté dans l'espace. Il y avait une bonne hauteur. Le corps a roulé, là en bas, dans les mottes, disparaissant.</p> <p>— Par où c'est qu'on passe, pour pouvoir</p>
--	--	--

<p>ver se ele morreu?</p> <p>Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:</p> <p>— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...</p> <p>E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior.</p> <p>Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofó de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões.</p> <p>E o preto foi cortar padieiras e travessas, para um esquife, enquanto a preta procurava um coto de vela benta, para ser posta na mão do homem, na hora do “Diga Jesus comigo, irmão”...</p>	<p>aller voir s’il est mort ?</p> <p>Mais l’un des hommes de main les plus vieux dit mieux :</p> <p>— Dresse une croix ici même, Orósio, pour que la nuit il ne vienne pas tirer tes pieds...</p> <p>Et ils tournèrent le dos, repartant, sous un soleil plus proche et plus grand.</p> <p>Mais le nègre qui habitait à l’entrée du marais, quand il calcula que les autres s’en seraient déjà allés, sortit de son repaire, entre les massettes, et monta les marches de broussaille du pied du ravin. Il s’approcha. Il trouva de la vie au fond du corps si maltraité de l’homme blanc ; il appela la nègre, femme du nègre qui habitait à l’entrée du marais, et ensemble, ils portèrent Sieur Augusto au cabanon des deux, qui était un cabas de terre sèche, sous une touffe d’herbe pourrie, mal dressé et à peine visible, au milieu des arbres, comme un nid de maranhões.</p> <p>Et le nègre fut couper des linteaux et des traverses, pour faire une couche, pendant que la nègre cherchait un moignon de bougie bénite, pour la poser dans la main de l’homme, au moment du « Dis Jesus avec moi, mon frère »...</p>	<p>aller voir s’il est mort ?</p> <p>Mais l’un des hommes de main les plus vieux dit mieux :</p> <p>— Dresse une croix ici même, Orósio, pour que la nuit il ne vienne pas tirer tes pieds...</p> <p>Et ils tournèrent le dos, repartant, sous un soleil plus proche et plus grand.</p> <p>Mais le nègre qui habitait à l’entrée du marais, quand il calcula que les autres s’en seraient déjà allés, sortit de son repaire, entre les massettes, et monta les marches de broussaille du pied du ravin. Il s’approcha. Il trouva de la vie au fond du corps si maltraité de l’homme blanc ; il appela la nègre, femme du nègre qui habitait à l’entrée du marais, et ensemble, ils portèrent Sieur Augusto au cabanon des deux, qui était un cabas de terre sèche, sous une touffe d’herbes pourries, mal dressé et à peine visible, au milieu des arbres, comme un nid de maranhões.</p> <p>Et le nègre alla couper des linteaux et des traverses, pour faire une couche, pendant que la nègre cherchait un moignon de bougie bénite, pour la poser dans la main de l’homme, au moment du « Dis Jesus avec moi, mon frère »...</p>
--	--	---

<p>Mas, nessa espera, por surpresa, deu-se que Nhô Augusto pôs sua pessoa nos olhos, e gemeu:</p> <p>— Me matem de uma vez, por caridade, pelas chagas de Nosso Senhor...</p> <p>Depois, falou coisas sem juízo, para gente ausente, pois estava lavorando de quente e tinha mesmo de delirar.</p> <p>— Deus que me perdoe, — resmungou a preta, — mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi!</p> <p>Mas o negro só disse:</p> <p>— Os outros não vão vir aqui, para campear defunto, porque a pirambeira não tem descida, só dando muita volta por longe. E, como tem um bezerro morto, na biboca, lá de cima vão pensar que os urubus vieram por causa do que eles estão pensando...</p> <p>Deitado na esteira, no meio de molambos, no</p>	<p>Mais, pendant cette attente, par surprise, il arriva que Sieur Augusto mit sa personne devant ses yeux, et gémit :</p> <p>— Tuez-moi d'un coup, par charité, par les plaies de Notre Seigneur...</p> <p>Après, il dit des choses dépourvues de sens, à des gens absents, car il peinait de chaleur et devait vraiment délirer.</p> <p>— Que Dieu me pardonne, — bougonna la nègre, — mais cet homme doit être mauvais comme un crotale glaisé dans un trou, parce qu'il délire qu'il fait et produit, et ce n'est que rage de tuer et saigner... Et il appelle Dieu, au moment de la douleur forte, et Dieu ne répond pas, ni même pour une trêve, comme ça dans un désarrois comme j'en ai jamais vu !</p> <p>Mais le nègre dit juste :</p> <p>— Les autres ne vont pas venir ici, pour dénicher un défunt, parce que la crevasse n'a pas de descente, juste en faisant beaucoup de détours au loin. Et, comme y a un veau mort, dans la cavité, là au-dessus ils vont penser que les vautours sont venus à cause de ce qu'ils pensent...</p> <p>Couché sur la natte, au milieu de chiffes,</p>	<p>Mais, pendant cette attente, par surprise, se passa que Sieur Augusto posa sa personne dans ses yeux, et gémit :</p> <p>— Tuez-moi d'un coup, par charité, par les plaies de Notre Seigneur...</p> <p>Après, il dit des choses dépourvues de sens, à des gens absents, car il peinait de chaleur et devait vraiment délirer.</p> <p>— Que Dieu me pardonne, — bougonna la nègre, — mais cet homme doit être mauvais comme un crotale glaisé dans un trou, parce qu'il délire qu'il fait et produit, et ce n'est que rage de tuer et saigner... Et il appelle Dieu, au moment de la forte douleur, et Dieu ne répond pas, ni même pour une trêve, comme ça dans un désarrois comme j'en ai jamais vu !</p> <p>Mais le nègre dit juste :</p> <p>— Les autres ne vont pas venir ici, pour dénicher un défunt, parce que la crevasse n'a pas de descente, juste en faisant beaucoup de détours au loin. Et, comme y a un veau mort, dans la cavité, là au-dessus ils vont penser que les vautours sont venus à cause de ce qu'ils pensent...</p> <p>Couché sur la natte, au milieu de chiffes,</p>
--	---	---

<p>canto escuro da choça de chão de terra, Nhô Augusto, dias depois, quando voltou a ter noção das coisas, viu que tinha as pernas metidas em toscas talas de taboca e acomodadas em regos de telhas, porque a esquerda estava partida em dois lugares, e a direita num só, mas com ferida aberta. As moscas esvoaçavam e pousavam, e o corpo todo lhe doía, com costelas também partidas, e mais um braço, e um sofrimento de machucaduras e cortes, e a queimadura da marca de ferro, como se o seu pobre corpo tivesse ficado imenso.</p> <p>Mesmo assim, com isso tudo, ele disse a si que era melhor viver. Bebeu mingau ralo de fubá, e a preta enrolou para ele um cigarro de palha. Em sua procura não aparecera ninguém. Podia sarar. Podia pensar.</p>	<p>dans le coin sombre de la baraque au sol en terre, Sieur Augusto, des jours après, quand il récupéra la notion des choses, vu qu'il avait les jambes flanquées d'attelles grossières faites de taboca et accommodées dans le creux de tuiles, parce que la gauche était brisée en deux endroits, et la droite en un seul, mais avec une plaie ouverte. Les mouches volettent et se posent, et tout le corps lui faisait mal, avec des côtes cassées aussi, et un bras en plus, et une souffrance due à des blessures et coupures, et la brûlure de la marque de fer, comme si son pauvre corps était devenu immense.</p> <p>Même ainsi, avec tout cela, il se dit que c'était mieux de vivre. Il but de la bouillie de fubá, et la nègre lui roula une cigarette de paille. À sa recherche, personne n'apparut. Il pouvait guérir. Il pouvait penser.</p>	<p>dans le coin sombre de la baraque au sol en terre, Sieur Augusto, des jours après, quand il récupéra la notion des choses, vit qu'il avait les jambes flanquées d'attelles grossières faites de taboca et accommodées dans le creux de tuiles, parce que la gauche était brisée en deux endroits, et la droite en un seul, mais avec une plaie ouverte. Les mouches voletaient et se posaient, et tout le corps lui faisait mal, avec des côtes cassées aussi, et un bras en plus, et une souffrance de blessures et de coupures, et la brûlure de la marque de fer, comme si son pauvre corps était devenu immense.</p> <p>Même ainsi, avec tout cela, il se dit à lui-même que c'était mieux de vivre. Il but de la bouillie de fubá, et la nègre lui roula une cigarette de paille. À sa recherche, personne n'était apparu. Il pouvait guérir. Il pouvait penser.</p>
--	--	--